



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MUSEOLOGIA

JARRYER DE JESUS PINHEIRO

RUÍNAS DE REMANSO VELHO SOB A PERSPECTIVA DA
MUSEOLOGIA: RELAÇÕES ENTRE COMUNIDADE E SÍTIO
ARQUEOLÓGICO

SALVADOR
2019



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MUSEOLOGIA

JARRYER DE JESUS PINHEIRO

RUÍNAS DE REMANSO VELHO SOB A PERSPECTIVA DA
MUSEOLOGIA: RELAÇÕES ENTRE COMUNIDADE E SÍTIO
ARQUEOLÓGICO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Museologia da Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Museologia.

Linha de Pesquisa 1: Museologia e Desenvolvimento Social.

Orientador: Carlos Alberto Santos Costa

SALVADOR
201

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema Universitário de Bibliotecas (SIBI/UFBA),
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

de Jesus Pinheiro, Jarryer

Ruínas de Remanso Velho sob a perspectiva da
museologia: relações entre comunidade e sítio
arqueológico / Jarryer de Jesus Pinheiro. -- Salvador,
2019.

125 f. : il

Orientador: Carlos Alberto Santos Costa.

Dissertação (Mestrado - Programa de pós-graduação em
Museologia) -- Universidade Federal da Bahia,
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2019.

1. Remanso Velho. 2. Patrimônio arqueológico. 3.
Museologia social . I. Santos Costa, Carlos Alberto.
II. Título.

JARRYER DE JESUS PINHEIRO

**RUÍNAS DE REMANSO VELHO SOB A PERSPECTIVA DA MUSEOLOGIA:
RELAÇÕES ENTRE COMUNIDADE E SÍTIO ARQUEOLÓGICO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Museologia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, como requisito para a obtenção do grau de Mestre em Museologia.

Banca Examinadora

Prof. Dr. Carlos Alberto Santos Costa – Orientador

Doutor em Arqueologia | Universidade de Coimbra

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Prof. Dr. Carlos Alberto Etchervane

Doutor em Pré-História | Museu de História Natural de Paris

Universidade Federal da Bahia

Profa. Dra. Marina Regis Cavicchioli

Doutora em História | Universidade de Campinas

Universidade Federal da Bahia

Salvador, 11 de outubro de 2019



ATA DE SESSÃO PÚBLICA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

Às 14:00h do dia 11 de outubro de 2019, em sessão pública realizada na sala da Congregação da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia (UFBA), teve início a apresentação, defesa e julgamento da dissertação realizada pelo mestrando **JARRYER DE JESUS PINHEIRO**, aluno da Linha I do Mestrado em Museologia – PPGMuseu, desta Universidade. O trabalho, intitulado “*Ruínas de Remanso Velho sob a perspectiva da Museologia: relações entre comunidade e sítio arqueológico*”, foi avaliado pela banca composta pelo Prof. Dr. Carlos Alberto Santos Costa - UFRB, orientador do mestrando, Dr. Carlos Alberto Etchevarne – PPGMuseu-UFBA e Dr^a. Marina Regis Cavicchioli – UFBA. Após a abertura dos trabalhos, o mestrando deu início à apresentação de seu trabalho, tendo trinta minutos para a sua explanação. Em seguida, foram iniciadas as arguições dos membros da banca, em tempo estipulado de vinte minutos para cada um, com o mesmo tempo destinado para as respostas do mestrando. Após esta etapa da sessão, a banca reuniu-se em separado para deliberar sobre o resultado da avaliação, divulgando, em seguida, a sua deliberação para o mestrando e público presente, indicando a APROVAÇÃO do mestrando. Ao final da sessão foi lavrada esta ata, que após leitura, será assinada pelo mestrando, pelos membros da banca e demais presentes. Salvador, 11 de outubro de 2019.

[Handwritten signature]

[Handwritten signature]

[Handwritten signature]

[Handwritten signature]

[Handwritten signature]

Jarryer de Jesus Pinheiro. *[Handwritten signature]*

Carlos Alberto Santos Costa

Marina Regis Cavicchioli

Jarryer de Jesus Pinheiro

Gabriela S. de Silva

“(...) Os pecados são todos meus, Deus sabe a minha confissão, não há o que perdoar, por isso mesmo é que há de haver mais compaixão, Quem poderá fazer aquele amor morrer se o amor é como um grão, morre, nasce trigo, vive, morre pão (...)”

Gilberto Gil

À Lívia,
“... quando eu adormecer, vou sonhar com você.
É sempre você ...”

AGRADECIMENTOS

“.. Eu agradeço todo povo brasileiro

Norte, centro, sul inteiro

Onde reinou o baião...”

Luiz Gonzaga

Desenvolver uma pesquisa na área do Vale do São Francisco, especialmente sobre a minha cidade natal, Remanso, é algo que me impulsiona e que me faz acreditar na potencialidade cultural desta região e de sua população. Me sinto privilegiado por poder ter tido a oportunidade de realizar esta pesquisa e de poder contribuir com um pouquinho de conhecimento sobre o sítio arqueológico Remanso Velho. Agradeço abaixo a todos aqueles que contribuíram diretamente para a constituição deste estudo.

Ao professor Carlos Alberto Santos Costa, por ter sido meu orientador e guia na construção desta pesquisa. Agradeço pela liberdade e confiança proporcionada no processo de escrita, pela paciência e generosidade na compreensão de meus erros e pelo compartilhamento de seu conhecimento no campo da arqueologia e da museologia.

Ao professor Carlos Alberto Etchervane e a professora Marina Regis Cavicchioli, pelas importantes contribuições durante o exame de qualificação.

A todos os professores e corpo técnico do Programa de Pós-Graduação em Museologia, da Universidade Federal da Bahia, pelo apoio; em especial aos professores Sidélia Santos Teixeira, Joseania Miranda Freitas e Clóvis Carvalho Britto, pelas valiosas contribuições durante o percurso de construção dessa dissertação.

À minha família, particularmente meus pais Valter e Neide, por serem minha base nessa jornada da vida. Agradeço pelo apoio e compreensão com os constantes momentos de ausência.

À minha avó Izaulina de Jesus, por ser meu exemplo de alegria, carinho e leveza diante o caminhar desta vida.

À Livia, minha companheira por anos, pelo exemplo de integridade e pelo amor compartilhado. Sou grato à vida por ter construído com você essa história.

À comunidade de Remanso, em especial aos depoentes que se disponibilizaram em participar desta pesquisa: Adelaido Viana do Nascimento, Alessandro Paes Landim, Aline de Souza Vieira, Ana Patrícia Silva Santos, Antônio Mendes dos Santos, Karina

Dias de Souza, Deusdete da Silva Nascimento, Elder Vinicius de Almeida, Elizandro Ribeiro da Silva, Fernanda Mirelli Nascimento Dias de Souza, José Nonato Dias Filho, Josemar dos Santos Souza, Lucas de Sá Santos, Macilene dos Santos Marcedo, Manoel Antônio dos Santos, Mailton Nogueira dos Santos, Marciooley Santana Mota, Maria de Fatima Costa de Oliveira, Maria de Lourdes Silva Viana, Maria do Socorro Magalhães, Mizael Magalhães Santos Alves, Nair Patrocínio dos Santos, Quirina Dias de Souza, Rafaela de França Pereira de Lacerda, Romário da Silva Souza, Vagner de Jesus Souza, Valdelice Moreira, Valdilene Magalhães Santos Alves e Zoraide Dias Passos Britos.

À Empresa Baiana de Águas e Saneamento – Embasa, por proporcionar ao seu empregado a possibilidade de aperfeiçoamento, particularmente à Diretora de Empreendimentos, Rita de Cássia Sarmiento Bonfim, pela generosidade e compressão da necessidade de aprendizado na área de museologia e arqueologia; à gerente socioambiental Fernanda Velame Maia e ao supervisor de ações socioambientais, Tiago de Almeida Chinelli, pelo apoio e compreensão dados cotidianamente, e aos demais colegas de trabalho.

Aos colegas de mestrado, pelos momentos compartilhados. Em especial a Gabriela Santos da Silva, pelo apoio dado neste percurso, a colega Izabel Andrade, em tempos de Cibela, e a Zilda Marcelina Ferreira de Azevedo, pelo compartilhamento de momentos de angústia.

PINHEIRO, Jarryer de Jesus. Ruínas de Remanso Velho sob a perspectiva da museologia: relações entre comunidade e sítio arqueológico. 2019. 125f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019.

RESUMO

Após a realização do trabalho de conclusão de curso em Arqueologia e Preservação Patrimonial intitulada “O uso e transformação do espaço urbano: um estudo arqueológico da cidade de Remanso Velho, Bahia”, se evidenciou um conjunto significativo de ruínas da primeira sede do município de Remanso, chamada de Remanso Velho. Considerando a necessidade de compreender a perspectiva da comunidade atrelada a este sítio arqueológico, essa dissertação buscou conhecer e evidenciar as relações socioculturais existentes entre a comunidade da atual cidade de Remanso e o sítio arqueológico Remanso Velho. Dessa forma, apresentamos as principais ruínas, apontando suas funções enquanto eram estruturas arquitetônicas urbanas, bem como evidenciamos os processos históricos do surgimento até o seu desuso enquanto sede municipal. Em seguida, realizamos uma discussão teórica referente ao cenário estudado, apontando reflexões relativas ao patrimônio arqueológico e ao exercício museológico. Além de evidenciar os vínculos socioculturais existentes entre a comunidade e seu sítio arqueológico, o estudo realizado para esta pesquisa de mestrado também possibilitou caracterizar os processos históricos e os agentes que conduziram a construção dessas relações, a identificação do valor simbólico que é dado pela comunidade ao sítio arqueológico Remanso Velho e a identificação do papel desempenhado pelo sítio arqueológico na memória da sua comunidade. A problemática proposta como eixo delimitador desta dissertação consiste no cenário no qual as ruínas de Remanso Velho não são reconhecidas como patrimônio arqueológico pelas instituições oficiais, tampouco se compreende a representatividade que esse bem arqueológico possui para a sua comunidade. Deduzimos, então, que tal condição colocaria essas estruturas fora das políticas públicas que possibilitariam o seu conhecimento e a sua salvaguarda, bem como dificultaria a implantação de processos de gestão social desse legado, colocando-o fora do eixo de pesquisas arqueológicas. Contrapondo esse cenário, foi proposta como hipótese que o fato de estar fora das políticas públicas oficiais não necessariamente impossibilitaria a sua comunidade de

desfrutar de seu bem cultural, nas formas e maneiras por eles escolhidas. Conforme os resultados obtidos, confirmamos a hipótese apresentada e entendemos que a comunidade vinculada ao sítio arqueológico Remanso Velho utiliza o seu bem cultural na maneira que compreende os seus anseios.

Palavras-chave: Remanso Velho, Patrimônio arqueológico, Museologia social.

PINHEIRO, Jarryer de Jesus. Ruins of Remanso Velho from a perspective of museology: relations between community and archaeological site. 2019. 125 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019.

ABSTRACT

After the conclusion of the Archeology and Heritage Preservation course entitled “The use and transformation of urban space: an archaeological study of the city of Remanso Velho, Bahia”, a significant set of ruins of the first seat of the municipality of Back up. , called Old Backwater. Considering the need to understand the perspective of the community linked to this archaeological site, this dissertation sought to know and highlight the existing sociocultural relations between the community of the current city of Remanso and the archaeological site Remanso Velho. Thus, we present the main ruins, pointing out their functions while they were urban architectural structures, as well as highlighting the historical processes from the emergence until its disuse as municipal headquarters. Then, we conduct a theoretical discussion regarding the studied scenario, pointing reflections related to the archaeological heritage and the museological exercise. In addition to highlighting the socio-cultural links between the community and its archaeological site, the study conducted for this master's research also made it possible to characterize the historical processes and the agents that led to the construction of these relationships, the identification of the symbolic value that is given by the community to the community. Remanso Velho archaeological site and the identification of the role played by the archaeological site in the memory of its community. The problematic proposed as the outline axis of this dissertation is the scenario in which the ruins of Remanso Velho are not recognized as archaeological heritage by the official institutions, nor is it understood the representativeness that this archaeological asset has for its community. We deduce, then, that such a condition would put these structures out of public policies that would enable their knowledge and safeguard, as well as make it difficult to implement social management processes of this legacy, placing it outside the axis of archaeological research. Against this background, it has been hypothesized that being outside official public policies would not necessarily make it impossible for your community to enjoy its cultural good in the forms and ways they choose. According to the results obtained, we confirm the hypothesis presented and understand that the

community linked to the archaeological site Remanso Velho uses its cultural good in the way that understands its desires.

KEYWORDS: Remanso Velho, Archaeological heritage, Social museology.

Lista de Figuras

- Figura 1** - Embarcações de pequeno porte ancoradas no bairro Pizeiro na década de 1970. Autoria desconhecida. Fonte: Luiza Muniz (2009).....29
- Figura 2** - Visão das ilhas que existiam em frente da cidade de Remanso Velho a partir do cais fluvial na década de 1970. Autoria desconhecida. Fonte: Mariza Muniz (2009).30
- Figura 3**- Mercado Municipal no ano de 1957. Autoria desconhecida. Fonte: IBGE (2018).....31
- Figura 4**- Igreja Matriz em destruição. No piso, fragmentos do telhado e de parte das paredes. Autoria desconhecida. Fonte: Fagno Dias de Souza (2008).....33
- Figura 5** - Parte do centro da cidade após a demolição dos imóveis. Autoria desconhecida. Fonte: Mariza Muniz (2009).34
- Figura 6** - Construção da nova cidade de Remanso. Autoria desconhecida. Fonte: Luiza Muniz (2009).....35
- Figura 7** - SAAE de Remanso Velho parcialmente coberto pelas águas do Lago de Sobradinho. Autoria desconhecida. Fonte: Adelaido Viana (2018).36
- Figura 8** - Centro da nova cidade de Remanso, alagada parcialmente pelas águas do Lago de Sobradinho. Autoria desconhecida. Fonte: Adelaido Viana (2018).....37
- Figura 9**- Mapa da localização de Remanso Velho e das sedes novas e antigas sedes dos municípios que fazem fronteira com seu território.38
- Figura 10**- Imagem de satélite da área de Remanso Velho em 23/06/2016. As linhas correspondem à malha urbana da antiga cidade. A porção de terra, na parte inferior, equivale a área dos bairros Remanso e Pizeiro, já na parte superior, corresponde aos bairros Capão de Cima, Capão de Baixo e Capão do Meio. Fonte Google Earth (2018).39
- Figura 11** - Localização aproximada da antiga sede de Remanso (em amarelo) e da nova sede (em vermelho), com o nível do Lago de Sobradinho em 40% de sua capacidade. A linha branca corresponde à antiga BR-235, que liga as duas áreas. Fonte: Adaptado *Google Earth*, 2018 – data das imagens: 23/06/2016.....39
- Figura 12** - Localização aproximada da antiga sede de Remanso (em amarelo) e da nova sede (em vermelho), quando o nível do Lago de Sobradinho está próximo de sua capacidade máxima. Fonte: Adaptado *Google Earth*, 2018 – data das imagens 09/10/2005.....40
- Figura 13** - Planta da cidade de Remanso Velho na década de 1970 (PINHEIRO, 2009).41
- Figura 14** - Imagem de satélite da área do aeroporto de Remanso Velho em 23/06/2016. Fonte Google Earth (2018).43
- Figura 15** - Parte superior da “banca” por volta de 1970. Percebe-se a sua elevação pela presença das pessoas no canto esquerdo da imagem. Autoria desconhecida. Fonte Marisa Muniz (2009).....44

Figura 16 - Parte superior da “Banca” em 30/12/2015. As margens, por serem mais baixas, ainda estavam cobertas pelo Lago de Sobradinho.	44
Figura 17 - Fotografia de 1940 do Bar da Hora. Nota-se a presença da trombeta da rádio Primavera colocada em um pedestal de madeira. Fonte: Google imagens (2009). Autoria desconhecida.....	45
Figura 18 - Imagem à esquerda: Cadeia Pública antes de sua destruição (Fonte Marisa Muniz, 2009). Imagem à direita: ruínas evidenciadas no período de seca do Lago de Sobradinho, em dezembro de 2008.	45
Figura 19 - Acesso à rampa principal de ancoradouro das embarcações do cais no início da década de 1970. Autoria desconhecida. Fonte Mariza Muniz (2009).	46
Figura 20 - Rampa principal do cais no início da década de 1970. No segundo plano da imagem, parte do bairro Pizeiro. Autoria desconhecida. Fonte Luiza (2009).	47
Figura 21 - Ruínas do cais de Remanso Velho em 30/12/2014. Autoria: própria.	47
Figura 22 - Ruínas do cais em 27/12/2017. Estruturas na parte superior utilizadas na captação de água pelo Saae. Autoria: própria.	47
Figura 23 - Ruínas da base do cruzeiro da Capela Sagrada Família em 31/12/2014. Autoria: própria.	48
Figura 24 - Capela Sagrada Família e seu Cruzeiro. Autoria desconhecida. Fonte: Adelaido Viana (2018).	48
Figura 25 - Mausoléus do cemitério de Remanso Velho na década de 1970. Autoria desconhecida. Fonte: Adelaido Viana (2018).	49
Figura 26 - Ruínas de um mausoléu no cemitério de Remanso Velho em 01/01/2015. Autoria: própria.	50
Figura 27 - Ruínas de algumas sepulturas do cemitério de Remanso Velho em 01/01/2015. Autoria: própria.	50
Figura 28 - Visão frontal do Colégio Municipal Ruy Barbosa. Fonte Marisa Muniz (2009). Autoria: Desconhecida.	51
Figura 29 – Ruínas do Colégio Ruy Barbosa. Fonte Patrícia Teles (2008).	51
Figura 30 - À direita, imagem parcial da Farmácia Ebenézer. À esquerda, ruínas da farmácia, evidenciada com o período de seca do lago de Sobradinho. Fonte respectivas Marisa Muniz (2009) e Inês Guimarães (2008).	52
Figura 31 - Grupo Escolar Getúlio Vargas no ano de 1957. Fonte IBGE (2018), Autoria desconhecida.....	53
Figura 32 - Ruínas do Grupo Escolar Getúlio Vargas em 30/12/2014. Autoria: própria.	53

Figura 33 - Ruínas do Grupo Escolar Olímpio Campinho. Fonte e autoria Inês Guimarães. Data dezembro 2008.	54
Figura 34 - Grupo Escolar Olímpio Campinho. Ano e autoria desconhecidos. Fonte Mariza Muniz (2009).	54
Figura 35 - Imagem da década de 1970. No fundo, a primeira estrutura correspondia ao Grupo Escolar Olímpio Campinho. No meio, a Igreja Cristã Evangélica Ebenézer, e na ponta, a farmácia Ebenézer. Autoria desconhecida. Fonte Mariza Muniz (2009).	55
Figura 36 - Ruínas do altar da Igreja Matriz em 30/12/2014. Autoria: própria.	56
Figura 37 - Igreja Matriz Nossa Senhora do Rosário na década de 1970. Autoria desconhecida. Fonte Mariza Muniz (2009).	56
Figura 38 - Bueiro ou "Mata Burro". Fotografia atual da estrutura. Fonte: Patrícia Teles (2008). Autoria idem.	57
Figura 39 - Mercado de Remanso Velho na década de 1970. Autoria desconhecida. Fonte: Adelaido Viana (2018).	57
Figura 40 - Estrutura do mercado municipal evidenciada no período de seca do Lago de Sobradinho. Fonte Inês Guimarães (2008).	58
Figura 41 - Ruínas da ponte que ligava o bairro Remanso ao Bairro Pizeiro em 29/12/2015. Autoria: própria.	58
Figura 42 - Posto Santo Antônio em data desconhecido. Autoria desconhecida. Fonte: Adelaido Viana (2018).	59
Figura 43 - Praça Duque de Caxias no ano de 1957. No lado esquerdo, o Coreto. Fonte IBGE (2018), Autoria desconhecida.	59
Figura 44 - Bar do Ó em 1972. Fonte Mariza Muniz (2009), autoria desconhecida.	60
Figura 45 - Ruínas da Praça Duque de Caxias. Imagem a esquerda: parte inferior do Bar do Ó. Imagem a direita: restos dos assentos da praça. Autoria: própria.	60
Figura 46 - Praça Lauro de Freitas na década de 1970. Autoria desconhecida. Fonte: Adelaido Viana (2018).	61
Figura 47 - Praça Machado de Assis na década de 1970. Ao fundo, a Capela Sagrada Família, no lado esquerdo parte do Colégio Municipal Ruy Barbosa, e no lado direito residências de alguns moradores. A fotografia foi capturada da Avenida Manoel Vitoriano. Fonte: Mariza Muniz (2008). Autoria desconhecida.	61
Figura 48 - Praça Machado de Assis em 31/12/2014. Autoria: própria.	62
Figura 49 - Prefeitura sendo transformada em ruínas na década de 1970. Autoria desconhecida. Fonte Luiza Muniz (2008).	62

Figura 50 - Rua Barão do Rio Branco na década de 1970. Autoria desconhecida. Fonte: Adelaide Viana (2018).....	63
Figura 51 - Ruínas do centro comercial do bairro Remanso em 30/12/2014. Autoria: própria..	63
Figura 52 - Rua Manuel Vitoriano. No lado direito, início da Praça Machado de Assis. Fonte IBGE (2018), Autoria desconhecida.	64
Figura 53 - Ruas residenciais do bairro Capão de Baixo. Autoria desconhecida. Fonte: Adelaide Viana (2018).....	64
Figura 54 - Ruínas das ruas residenciais do bairro Capão de Baixo em 31/12/2014. Autoria: própria.	65
Figura 55 – Ruínas do poço de captação de águas no bairro Pizeiro em 29/12/2015. Autoria: própria.	66
Figura 56 - Ruínas da estação de Tratamento de águas no bairro Capão em 31/12/2014. Autoria: própria.	66
Figura 57 - Ruínas da estação de Tratamento de águas no bairro Capão em 31/12/2014. Autoria: própria.	66
Figura 58 - Saae em 1976. Autoria desconhecida. Fonte: Adelaide Viana (2018).....	67
Figura 59 - Ruínas do Saae em 31/12/2014. Autoria: própria.	67
Figura 60 - Ruínas da caixa d'água localizada no bairro Capão do Meio em 01/01/2015. Autoria: própria.	68
Figura 61 -Ruínas do chafariz localizada no bairro Pizeiro em 30/12/2014. Autoria: própria. ...	68
Figura 62 -Ruínas dos encanamentos evidenciados em superfície no bairro Capão de Baixo. Autoria: própria.	68
Figura 63 - SESP na década de 1970. Autoria desconhecida. Fonte: Adelaide Viana.	69
Figura 64 - Ruínas do Sesp em 30/12/2014. Autoria: própria.	69
Figura 65 - Usina de energia do bairro Capão de Cima na década de 1970. Autoria desconhecida. Fonte: Adelaide Viana (2018).....	70
Figura 66 – Ruínas da segunda usina de energia elétrica de Remanso em 01/01/2015. Autoria: própria.	71
Figura 67 - Ruínas de imóveis do bairro Capão de Cima em 31/12/2014. Autoria: própria.	71
Figura 68 - Ruínas de imóveis do bairro Capão de Cima em 01/01/2015. Autoria: própria.	72
Figura 69 - Ruínas de imóveis do Pizeiro em 29/12/2015. Autoria: própria.....	72
Figura 70 - Ruínas de uma estrutura não identificada no bairro Pizeiro em 29/12/2015.	72

Figura 71 - Gráfico: Como conheceram o sítio arqueológico Remanso Velho.	90
Figura 72 – Gráfico: Impressões iniciais no primeiro contato com as ruínas de Remanso Velho	91
Figura 73 - Gráfico: Qual o momento havia marcado o contato com as ruínas de Remanso Velho.....	91
Figura 74 - Gráfico: Atividades individuais desempenhadas nas ruínas de Remanso Velho.....	92
Figura 75 - Gráfico: Simbologia de Remanso velho para cada entrevistado.....	93
Figura 76 - Gráfico: O que deveria ser feito com o sítio arqueológico Remanso Velho.	94

SUMÁRIO

Resumo	09
Abstract	11
Lista de figuras	13
Introdução.....	21
Capitulo I – Sítio arqueológico Remanso Velho	25
1.1 Contexto histórico.....	25
1.2 Ruínas de Remanso Velho	38
1.2.1 Aeroporto	43
1.2.2 Banca	44
1.2.3 Bar da Hora	44
1.2.4 Cadeia Pública e Delegacia	45
1.2.5 Cais	46
1.2.6 Capela Sagrada Família	48
1.2.7 Cemitério Municipal.....	49
1.2.8 Colégio Municipal Ruy Barbosa.....	51
1.2.9 Correios.....	52
1.2.10 Farmácia Ebenézer.....	52
1.2.11 Grupo Escolar Getúlio Vargas.....	53
1.2.12 Grupo Escolar Olimpio Campinho.....	54
1.2.13 Igreja Cristã Evangélica Ebenézer.....	55
1.2.14 Igreja Matriz Nossa Senhora do Rosário.....	55
1.2.15 Mata Burro.....	56
1.2.16 Mercado Municipal	57
1.2.17 Ponte Pizeiro.....	58
1.2.18 Posto Santo Antônio.....	58
1.2.19 Praça Duque de Caxias	59

1.2.20 Praça Lauro de Freitas	60
1.2.21 Praça Machado de Assis.....	61
1.2.22 Prefeitura Municipal	62
1.2.23 Ruas comerciais.....	63
1.2.24 Ruas residenciais	64
1.2.25 Saneamento Básico	65
1.2.26 SESP.....	69
1.2.27 Sistema de Distribuição de Energia Elétrica	70
1.2.28 Síntese das ruínas não identificadas.....	71
Capítulo II – Museologia e Bens Arqueológicos	74
2.1 O fazer museológico.....	74
2.2. Bem arqueológico e patrimônio arqueológico	76
2.3 Arqueologia e Museologia.....	79
2.4. Reconhecendo o caminho: procedimentos e métodos de abordagem	81
2.4.1 Obtenção de dados.....	81
Capitulo III - Relações entre a comunidade e o sítio arqueológico	84
3.1 Resultados	84
3.1.1 Observações <i>In loco</i>	84
3.1.2 Processo de entrevista	86
3.1.3 Análise e interpretação dos dados	90
3.1.4 Relações entre sítio arqueológico Remanso Velho e comunidade	96
3.1.5 Valor simbólico do sítio arqueológico Remanso Velho	102
3.1.6 Papel desempenhado pelo sítio arqueológico Remanso velho na memória de sua comunidade	111
Considerações Finais.....	115

Referências.....	119
Apêndice A	124
Apêndice B	125

Introdução

Esta dissertação tem como tema de estudo a primeira sede do município de Remanso, Bahia, conhecida como Remanso Velho. Localizada no norte do estado da Bahia, Remanso Velho teve a maior parte de sua estrutura urbana transformada em ruínas no final dos anos 70 do século XX, para dar espaço ao que seria, na época, o terceiro maior lago artificial do mundo, o Lago de Sobradinho.

Transformadas em ruínas sob a justificativa de que seriam alagadas, em período de seca, cada vez mais comum, as antigas estruturas arquitetônicas de Remanso Velho são frequentemente expostas à superfície. Como é fácil o seu acesso e está a apenas seis quilômetros da atual sede do município, o sítio arqueológico passou a fazer parte do cotidiano da atual população local. Dentre o conjunto de ruínas, ainda é possível identificar diversas estruturas do antigo espaço urbano de Remanso Velho, testemunhos históricos do processo de formação daquela cidade.

De acordo com a Companhia Hidrelétrica do São Francisco (Chesf), o espaço urbano da cidade, antes de ser transformado em ruínas, era caracterizado por 1871 estruturas arquitetônicas, em sua maioria destinada ao uso residencial (COMPANHIA..., 1973). Boa parte dessas edificações eram precárias e refletiam as difíceis circunstâncias de vida de sua população. O traçado urbano da cidade era formado por 63 ruas, predominantemente não pavimentadas, com sentido perpendicular ao Rio São Francisco.

Com o rebaixamento das águas do Lago de Sobradinho, ficam evidentes vestígios de estruturas como as do mercado municipal, a sede do Sistema de Abastecimento de Água e Esgoto (SAAE), o cemitério, o altar da igreja matriz Nossa Senhora do Rosário, escolas, residências e o cais fluvial. Além dessas estruturas em ruínas, é possível, ainda, a identificação do delineamento das ruas e da principal avenida da antiga cidade, dos postes do sistema de iluminação e de vestígios do cotidiano dos seus antigos moradores, como alguns artefatos domésticos.

Os questionamentos que serão apresentados nesta dissertação surgiram após a realização da pesquisa de conclusão do curso de Bacharelado em Arqueologia e Preservação Patrimonial, da Universidade Federal do Vale do São Francisco (Univasf), intitulada como “O uso e transformação do espaço urbano: um estudo arqueológico da cidade de Remanso Velho, Bahia” (PINHEIRO, 2009). Essa pesquisa considerou as

ruínas de Remanso Velho como sítio arqueológico e objetivou realizar um levantamento dos componentes daquele espaço, identificando como ocorreu o processo de seu surgimento no final do século XVIII, enquanto ainda fazenda Arraial de Remanso, e as transformações do espaço urbano até o último ano de uso como sede do município, em 1979. Foram identificados, também, os tipos de uso dos espaços de Remanso Velho e realizada a caracterização de parte das suas ruínas.

Além da concretização dos objetivos propostos, naquela pesquisa foi observado que os bens arqueológicos estudados não são considerados como patrimônio arqueológico pelo poder público. Cabe ressaltar que neste estudo monográfico não foi levantado o entendimento da população da atual Remanso sobre as ruínas da primeira sede do município e a representatividade que esse espaço ocupa na memória e cultura local.

Na referida pesquisa, também foi constatado que as ruínas de Remanso Velho vêm, a cada dia, sendo destruídas por parte da população e poder público local, sem que existam iniciativas que busquem a sua preservação ou a realização de ações museológicas que possibilitem o seu conhecimento e uso social público pela população local (PINHEIRO, 2009). Esse contexto de abandono e destruição propicia o desuso da função social intrínseca aos bens arqueológicos, que é a de possibilitar a comunidade interligada ao bem cultural uma reflexão sobre as suas vidas e suas histórias.

Identificado e estudado um bem arqueológico, deve-se buscar formas de apropriação e conhecimento desse recurso cultural “não renovável” (CONSELHO..., 1990) pela população da qual ele faz parte. Essa apropriação é o que dá sentido a todo o ciclo de pesquisa arqueológica, pois possibilita que a sociedade conheça seus bens culturais passados e, assim, possa refletir, de forma crítica, sobre suas vidas, através dos elementos e dos processos constituidores dos bens arqueológicos. Nesse contexto é que a arqueologia e a museologia atuam de forma eficiente, propiciando embasamento científico e métodos que possibilitam a valorização, o conhecimento e a preservação dos bens arqueológicos. Maria Cristina Oliveira Bruno chamará esse ciclo museológico aplicado ao patrimônio arqueológico, que vai da entrada dos acervos nas instituições de guarda à extroversão, como “cadeia operatória de procedimentos de salvaguarda e comunicação” e irá defini-lo como:

(...) um conjunto sistêmico de ações técnicas, que assume distintas características a partir dos diferentes domínios de sua aplicação (Museologia Especial e Museologia Aplicada), permitindo a

identificação de tipologias museológicas, o enfrentamento de questões socioculturais diferenciadas em função destas tipologias e a caracterização dos conteúdos essenciais para a formação profissional desta área. À essa cadeia operatória de procedimentos de salvaguarda e comunicação, são agregados outros elementos com igual importância, no que se refere às dimensões operacionais da gestão e da avaliação dos mesmos procedimentos, subordinando as ações museológicas às necessidades de qualidade dos serviços, da sustentabilidade da produção de suas ações e no que se refere à participação pública nas atividades curatoriais compartilhadas ou colaborativas (BRUNO, 2013/2014, p. 10).

Compreendendo a relevância da valorização histórica do sítio arqueológico correspondente às ruínas de Remanso Velho para a realização de reflexões sobre a memória da população, e, ainda, considerando que poucos estudos foram realizados sobre este tema e o seu grande potencial para a propositura de questionamentos e reflexões sobre a relação da sociedade e seus bens culturais, é de extrema importância a realização de pesquisas que tenham como foco a relação comunidade e sítio arqueológico do município objeto desta dissertação, historicamente negligenciadas pela maioria dos estudos acadêmicos.

A função social de um bem cultural só é cumprida plenamente após uma investigação que identifique o fenômeno que corresponde às relações existentes entre esse bem e a população a qual ele possui algum tipo de ligação. Assim, a análise do uso social público das ruínas de Remanso Velho deve estar fundamentada em pressupostos guiados pela observação da realidade estudada e da escuta dos anseios dos membros da comunidade, da qual esse bem cultural está relacionado.

O presente estudo propõe como objetivo geral compreender as relações socioculturais existentes entre a comunidade da atual cidade de Remanso e o sítio arqueológico Remanso Velho. Subsidiando o objetivo geral, são propostos como objetivos específicos: identificar o valor simbólico dado pela comunidade da atual Remanso ao sítio arqueológico Remanso Velho; identificar que lugar ocupa Remanso Velho na memória da população da atual sede do município; caracterizar os processos históricos e agentes que conduziram a construção dessas relações entre a população local e as ruínas da sua primeira sede municipal.

O eixo delineador da pesquisa perpassa a problemática que consiste no cenário no qual as ruínas de Remanso Velho não são reconhecidas como patrimônio arqueológico pelas instituições oficiais, tampouco se compreende a representatividade

que esse bem arqueológico possui para a sua comunidade. Tal condição coloca essas estruturas fora das políticas públicas que possibilitariam o seu conhecimento e a sua salvaguarda, bem como dificulta a implantação de processos de gestão social desse legado, colocando-o fora do eixo de pesquisas arqueológicas. Contrapondo esse cenário, foi posta a hipótese de que este panorama de estar fora das políticas públicas oficiais não necessariamente impossibilita a sua comunidade de desfrutar de seu bem cultural, nas formas e maneiras por eles escolhidas.

A dissertação está estruturada na seguinte forma: Capítulo I - Sítio Arqueológico Remanso Velho – foi realizada a caracterização do referido sítio arqueológico enquanto parte do objeto estudado, apontando seus elementos formadores e componentes, com indicação dos processos de ocupação de seus espaços desde o seu surgimento até o seu desuso enquanto sede municipal. Foram apresentadas as principais ruínas, demonstrando as suas funções enquanto foram estruturas arquitetônicas. Também foi realizado um histórico da antiga cidade, buscando correlações entre as ruínas e os fatos marcantes do município.

No capítulo II - Museologia, bens arqueológicos e comunidade – foram apresentados fundamentos inerentes à museologia e à arqueologia, que embasam os posicionamentos adotados por esta dissertação. Buscou-se a estruturação do pensamento delineador dos estudos com a exposição e discussão de conceitos como memória, comunidade e bem arqueológico. Também foi descrita a metodologia e a abordagem adotada para a concretização dos objetivos da pesquisa, apresentando o embasamento das atividades de campo, os entrevistados, os procedimentos realizados em campo e a análise dos dados obtidos.

No Capítulo III - Relações entre a comunidade e o sítio arqueológico – foram apresentados os resultados da pesquisa realizada e as concepções da comunidade estudada relativas ao sítio arqueológico Remanso Velho. Também foram realizadas breves reflexões, por meio da articulação entre os pressupostos arqueológicos e museológicos, buscando a concretização dos objetivos propostos para esta pesquisa.

Finalizando a dissertação, foram expostas as considerações finais com a conclusão da pesquisa, objetivando correlacionar, de forma breve, as ligações existentes entre cada capítulo e o problema de pesquisa proposto.

Capítulo I – Sítio Arqueológico Remanso Velho

Pretendemos neste primeiro capítulo apresentar o estado da arte do conhecimento sobre o sítio arqueológico Remanso Velho e caracterizá-lo historicamente, apresentando os fatos históricos que influenciaram o surgimento e o desenvolvimento das relações existentes entre a comunidade de Remanso e o bem arqueológico. Também foram apresentadas as estruturas que constituíram as ruínas de Remanso Velho.

1.1 Contexto histórico

Ao buscarmos a ocupação inicial do espaço na história da antiga Remanso, será identificada, na maioria dos relatos, uma omissão da existência dos povos indígenas pré-coloniais na região. Esse cenário aponta uma incoerência: como uma região privilegiada pela existência de um rio como o São Francisco poderia ser pouco habitada? Essa contradição reflete o pensamento do colonizador em justificar a invasão daquele território e promover genocídio dos grupos humanos que habitavam a caatinga brasileira.

Capistrano de Abreu relata que no Vale do São Francisco existiam diversos povos indígenas, uma grande parte pertencente ao tronco Cariri, outros Caribas, como os Pimenteiras, e também a presença de Tupis, como os Amoipiras. Com a chegada do colonizador, por volta do século XVII, esses povos foram dizimados nos diversos conflitos envolvendo a invasão de suas terras ou foram transformados em escravos (ABREU, 2002).

Na área do médio São Francisco, território onde está localizado Remanso, não são conhecidos registros da utilização de mão de obra indígena nas fazendas de gado e, também, não há indicativos da presença de grandes missões religiosas que pudessem exercer a função de aglutinadores de indígenas para a conversão aos padrões sociais europeus e ao cristianismo.

Entretanto, Edcarlos Silva aponta que a tradição oral da região relata a presença de povos indígenas até o início do século XX. De acordo com a narrativa exposta, os indígenas que sobreviveram foram “aculturados” pelos fazendeiros (SILVA, 2010). Corroborando com a produção do conhecimento sobre os grupos pré-coloniais da região, nos últimos 20 anos, diversas pesquisas arqueológicas vêm trazendo dados que

mostram que esse território era, antes do povoamento dos colonizadores, caracterizado por inúmeros grupos humanos, que possuíam uma grande diversidade e riqueza étnica (ALVES, 2012; DUARTE, 2012; KESTERING, 2001, 2007, 2014 e 2105; LIMA FILHO, 2010 e 2013; LUSO, 2005; MACIEL, 2016; PAES, 2015; REIS, 2012; RIBEIRO, 2010; RIBEIRO, 2014; SILVA, 2016; SOARES, 2016).

Márcio Santos especifica que por volta do século XVII, na área de Remanso, habitavam os povos Acoroazes. Dizimado os Acoroazes, seu espaço territorial passou a pertencer a Pernambuco, que logo posteriormente o doou à “Casa da Torre” de Garcia D’Ávila, como forma de retribuição da ajuda dada na expulsão dos holandeses (SANTOS, 2001). Todavia, não encontramos nenhum outro levantamento histórico sobre a caracterização desses povos na área do município de Remanso.

Entre os séculos XVI e XVIII, no Brasil, vigorou o sistema das capitanias hereditárias, que possuía a intenção de provocar a ocupação de toda a colônia. Entretanto, esse sistema ocasionou a concentração da atividade econômica portuguesa, caracterizada pelos engenhos, na pequena porção do litoral que se beneficiava com as trocas proporcionadas pelas rotas comerciais que ocorriam por mar, no oceano Atlântico.

Dessa forma, preocupado com a manutenção do território de sua colônia, Portugal buscou formas de incentivar a ocupação do interior do nordeste brasileiro por meio de doações de grandes áreas e incentivos econômicos a senhores de terras que se dispusessem a cumprir esta missão.

A pecuária, que era desenvolvida de forma limitada no litoral do Brasil, passou a se expandir rumo ao interior, servindo como atividade econômica e como fator motivador de ocupação de territórios. Ademais, a prática da pecuária no litoral provocou diversos conflitos com os donos das plantações de canaviais e agricultores em virtude da invasão dos animais nas plantações, o que levou o império a determinar que a prática da criação de gado fosse deslocada para dentro do território nordestino.

De acordo com Graciela Rodrigues Gonçalves, a ocupação do interior do sertão baiano teve como ponto de partida a fixação de fazendas de gado às margens dos rios São Francisco, Itapicuru e Paraguaçu, em virtude das boas condições ambientais proporcionadas pelo uso de suas águas e também pela função de transporte de produtos, de maior viabilidade no São Francisco (GONÇALVES, 2000).

Além da pecuária, em uma parte significativa das fazendas da região do Rio São Francisco, era realizada a exploração de salinas, constituindo essas duas atividades econômicas como delimitadoras da ocupação da área, que engloba o atual município de Remanso.

Com o intuito de chegar ao território que hoje compreende o estado Piauí, a Casa da Torre, proprietária da área do que hoje corresponde ao município de Remanso, construiu um ponto de apoio na área do então distrito de Pilão Arcado, pertencente ao antigo delineamento do território do município de Juazeiro. O início da ocupação do que seria o futuro município de Remanso aconteceu na margem do Rio São Francisco, em uma área que servia de repouso para os viajantes que seguiam para a vila de Pilão Arcado. No século XVIII, essa vila possuía destaque em virtude da prática da pecuária e da exploração de salinas.

Devido aos intensos conflitos armados entre famílias que residiam na então vila de Pilão Arcado, a área da Remanso Velho, na época fazenda Arraial, passou a receber diversos fugitivos que buscavam melhores condições de vida e um ambiente mais tranquilo. A abundância de água e de alimentos proporcionada pelo Rio São Francisco possibilitou a prática da agricultura, da pecuária e também da pesca (SANTOS, 2005).

Esse contexto ocasionou o crescimento da fazenda Arraial, que, posteriormente, passou a ser conhecida como “Arraial de Nossa Senhora de Remanso”. A inclusão de “Nossa Senhora do Rosário” ao nome da fazenda foi em virtude de um dos seus primeiros proprietários possuírem uma imagem e serem devotos da santa de mesmo nome. Já o Remanso, foi acrescido devido a existência de um redemoinho de águas do Rio São Francisco, que se localizava nas margens da fazenda Arraial e era conhecido popularmente como Remanso.

Com o adensamento populacional da fazenda, foi originada a primeira via pública, denominada como “rua da latada”, caracterizada por habitações de refugiados da região que utilizavam panos e/ou palha para a construção de barracas (FIGUEREDO, 2004). Essa via passou a ser chamada de Rua Castro Alves, quando o Arraial foi elevado à categoria de cidade, no ano de 1900.

A então fazenda Arraial de Nossa Senhora de Remanso integrou o território do município de Juazeiro até 15 de janeiro de 1810, quando passou a pertencer ao novo município criado, Pilão Arcado, na categoria de distrito. Pouco mais tarde, em 1824, a área passou a integrar o território da província de Minas Gerais, condição que não levou

muito tempo, pois em 1827 voltou a pertencer ao território da Bahia, como consequência dos efeitos da Confederação do Equador (ANDRADE, 2005).

Já no ano de 1857, a Resolução Provincial nº 650 dissolveu o município de Pilão Arcado, cujo território integrou o novo município denominado “Nossa Senhora do Remanso de Pilão Arcado”. Nessa condição, portanto, englobou os territórios do extinto município e do distrito do Arraial de Nossa Senhora de Remanso, que foi denominado como vila.

Guilherme Halfed, em seu relatório referente a uma viagem exploratória de todo o trecho do Rio São Francisco, realizada entre os anos de 1852 e 1854, fez o seguinte registro sobre a então vila:

O Arraial de Remanso, que tornou-se vila em 1857, é bastante animado, e o mais significativo (...) Remanso possuía, nesta época, 227 casas com 4.400 habitantes no arraial. Além da criação de gado vacum e culturas de mandioca, arroz, feijão e abóbora, praticava-se a caça e a pesca. Mas a animação de Remanso advém principalmente do comércio, cujos produtos principais eram o sal e a rapadura. Assim como em Sento Sé, a atividade comercial em Remanso justificava a condição de barqueiros, pilotos e remeiros de boa parte de sua população (HALFED, 1860, p. 29).

No ano de 1900, a então vila passou a categoria de cidade com o nome de Remanso, pela lei estadual nº 369, de 09 de agosto. O espaço urbano, que, no futuro, corresponderia às ruínas de Remanso Velho, passou a se expandir e a se destacar dos municípios circundantes. Mesmo com uma infraestrutura bastante precária, a quantidade de moradores não parava de crescer, devido a chegada de novas pessoas atraídas pela forte economia local e pelas condições ambientais, consideradas ótimas para atividades agrícolas.

A cidade crescia em direção ao norte, tendo como ponto central a Rua da Latada, sendo então criadas diversas outras vias. Belisário Pena e Artur Neiva relatam que no ano de 1906 houve um período de forte cheia do rio São Francisco, que ocasionou muitos danos na área circundante à Rua Castro Alves (antiga Rua da Latada), compreendida como centro da cidade, sendo no futuro nomeada como bairro Remanso (PENA & NEIVA, 1916). Como consequência das cheias, foi criado um novo bairro denominado Capão, com o intuito de acolher novos moradores e abrigar a expansão da cidade. A área do centro de Remanso Velho estava densamente ocupada e possuía

limitações geográficas, já que de um lado estava limitado pelo Rio São Francisco e os demais limites se configuravam como declives topográficos, também passíveis de alagamento.

A área do novo bairro Capão distava aproximadamente 300 metros do centro e era conectada por uma via elevada, conhecida como “Banca”, que unia as duas áreas (suas áreas marginais eram de baixo declive e também eram susceptíveis às cheias do rio). Além disso, o bairro Capão estava em uma área mais alta e, conseqüentemente, era menos suscetível a alagamento.

A navegação fluvial do rio São Francisco foi um dos principais elementos que propiciaram o crescimento econômico de Remanso Velho. Em suas águas, eram transportadas mercadorias em embarcações que vinham de Minas Gerais e que conferiam à antiga cidade o *status* de centro de abastecimento e distribuição de produtos para as localidades mais próximas. O destaque dado ao transporte fluvial era em virtude da inexistência de transporte terrestre motorizado de grande porte e também as limitadas e precárias estradas existentes.

As mercadorias trazidas no Rio São Francisco de cidades mais distantes eram transportadas por embarcações chamadas de vapores ou gaiolas. Estes também tinham a função de meio de transporte e propiciavam a movimentação dos moradores das cidades ribeirinhas a diversas regiões. Também, existiam pequenas embarcações (figura 01) com funções de apoio à pesca e deslocamento de pessoas e mercadorias entre cidades e ilhas vizinhas (FIGUERÊDO, 2004).



Figura 1 - Embarcações de pequeno porte ancoradas no bairro Pizeiro na década de 1970. Autoria desconhecida. Fonte: Luiza Muniz (2009).

Além do meio fluvial, o comércio da cidade era abastecido com produtos oriundos de propriedades da zona rural do município, que eram transportados no lombo de animais, e não se restringia ao bairro Capão, onde eram fortes as atividades comerciais. A economia local era caracterizada pela comercialização de diversos produtos, como tecidos, materiais de construção, couro, ferragens e alimentos oriundos da pesca e da agricultura local (FIGUERÊDO, 2004).

As ilhas fluviais que existiam próximas a Remanso Velho desempenhavam um papel importante na economia local, pois eram utilizadas como áreas de prática de agricultura, que em conjunto com as ações de pesca, garantiam a sobrevivência de parte significativa dos moradores da região (figura 02).



Figura 2 - Visão das ilhas que existiam em frente da cidade de Remanso Velho a partir do cais fluvial na década de 1970. Autoria desconhecida. Fonte: Mariza Muniz (2009).

No desenrolar da história da cidade de Remanso, há o relato de diversos conflitos em torno da disputa do controle e poder do município. Cabe destaque o período compreendido entre os anos de 1896 a 1920, caracterizado pela disputa política delineada pela polarização dos grupos chamados de Cascudos e Borboletas. Esse confronto só foi finalizado em 1919, quando o então Coronel Anfilófilo Castelo Branco expulsou os Borboletas de Remanso e tomou o poder político da cidade (SANTOS, 2005).

A partir da década de 1920, a cidade passou a ser marcada pelos conflitos que envolviam os interesses de coronéis que buscavam a expansão de seus territórios, o poder político e o controle das propriedades naturais de Remanso. No auge dessa fase, houve um conflito armado bastante violento entre os jagunços dos coronéis no centro da cidade, onde as residências dos moradores, a igreja matriz e o comércio foram

saqueados. Esse confronto foi dissipado com a intervenção dos agentes da força pública do governo estadual (SANTOS, 2005).

Em quatro de junho de 1939, em virtude da contínua expansão da cidade de Remanso, foi publicada a lei municipal nº 21 que a zoneava em duas áreas: urbana e suburbana. A primeira área compreendia o bairro Remanso e nele estavam localizados a prefeitura, a igreja matriz, o mercado municipal (Figura 03) e as residências da maioria da população mais rica da época. A segunda área correspondia ao bairro Capão.



Figura 3- Mercado Municipal no ano de 1957. Autoria desconhecida. Fonte: IBGE (2018).

Na década de 1950, com a construção da BR-235 que ligava as cidades da região Norte do estado da Bahia ao principal polo econômico da área, Juazeiro e Petrolina, foi possibilitada uma nova oportunidade comercial para as cidades que dependiam de Remanso como núcleo receptor de mercadorias e de vendas. Além disso, houve decaimento progressivo do uso do Rio São Francisco como recurso de mobilidade de produtos.

A cidade, nessa época, era caracterizada por diversos problemas de infraestrutura, como saneamento básico limitado, sistema de telecomunicações e iluminação pública deficientes e residências, em sua maioria feitas em taipa, em condições bastante precárias (SOARES, 2003).

Em 1964, o Brasil sofreu o golpe militar e a população passou a viver uma situação de opressão, limitação de direitos e restrição de liberdade. Dez anos mais tarde o mundo atravessou a primeira grande crise do petróleo, que desencadeou uma instabilidade no modelo de uso dos recursos energéticos naturais e ocasionou a busca de novas fontes de energias renováveis. Incorporando o discurso da ordem e do progresso

para a população, o então usurpador governo militar buscou atender a necessidade energética dos grandes empreendedores por meio da construção de usinas hidroelétricas, que utilizavam o barramento de rios e alagamento de grandes áreas para a produção de eletricidade.

Nesse contexto, a implantação da Barragem de Sobradinho surgiu como fruto desse modelo de desenvolvimento. Seu objetivo inicial era regular e garantir a vazão das águas do Rio São Francisco para que esse fosse melhor utilizado como fonte de produção de energia elétrica nas usinas de Paulo Afonso e Moxotó. Entretanto, seu projeto foi adaptado posteriormente para que também abarcasse a função de produção de energia elétrica.

O local escolhido para a implantação do barramento foi parte do município de Juazeiro (atualmente território do município de Sobradinho). Na época de elaboração do projeto, a área que seria alagada iria formar um dos maiores lagos artificiais do mundo. As águas do futuro Lago de Sobradinho abarcavam territórios de seis municípios do Norte do estado da Bahia: Remanso, Casa Nova, Sento Sé, Pilão Arcado, Juazeiro e Xique-Xique e promoveria a retirada de 70 mil habitantes de suas terras.

Como consequência da inundação, as sedes municipais de Remanso, Casa Nova, Sento Sé e Pilão Arcado teriam que ser destruídas para dar espaço as águas do novo lago. Dessa forma, em 1972, a Chesf, que era responsável pela gestão da implantação do empreendimento, contratou a empresa Projetos e Urbanização Ltda. (Prourb) para elaborar uma avaliação técnica da cidade de Remanso, buscando obter subsídios para a produção do Plano Diretor da nova sede municipal.

Em virtude dessa ação, foram iniciadas as visitas técnicas na área para a obtenção de dados e análise de viabilidade do projeto. Mariza Muniz aponta que os moradores da época relataram que os engenheiros e assistentes sociais da Chesf estiveram nas residências da maioria dos moradores do município, objetivando informar a população sobre a necessidade e os benefícios da construção da barragem (MUNIZ, 2000).

Mariza Muniz também aponta que os técnicos da Chesf não consultaram a população sobre o que eles achavam da implantação da barragem. O objetivo era limitado apenas à comunicação da sua execução e que essa promoveria uma nova fase de progresso econômico e social. Ainda de acordo com Muniz, esses mesmos técnicos

prometeram também novas fontes de trabalho e até melhora nos índices pluviométricos da região (MUNIZ, 2000).

Apesar de parecer ingênuo o fato de, Mariza Muniz, moradora esperar de um empreendedor uma consulta sobre a opinião referente à implantação de um empreendimento da magnitude financeira da barragem de Sobradinho, esse contexto apresenta indícios do cenário autoritário da implantação da obra e do lidar com as consequências trazidas com a nova realidade gerada para os moradores que possuíam algum tipo de vínculo com a dinâmica ambiental do rio São Francisco antes do barramento de Sobradinho.

A avaliação para a produção do Plano Diretor da nova sede foi finalizada no ano de 1973 (COMPANHIA..., 1973). O relatório produzido foi caracterizado por dados que descreviam a cidade topograficamente e por estatísticas socioeconômicas sobre a população local. As estruturas urbanas e seus componentes arquitetônicos não foram registrados por meio de recursos audiovisuais, o que ocasionou a destruição sem nenhum tipo de registro oficial. Dessa forma, o espaço urbano de Remanso Velho foi transformado em ruínas, sendo o registro limitado a apenas alguns moradores da cidade que possuíam máquinas fotográficas e filmadoras e, também, a memória de sua comunidade (figura 04 e 05).

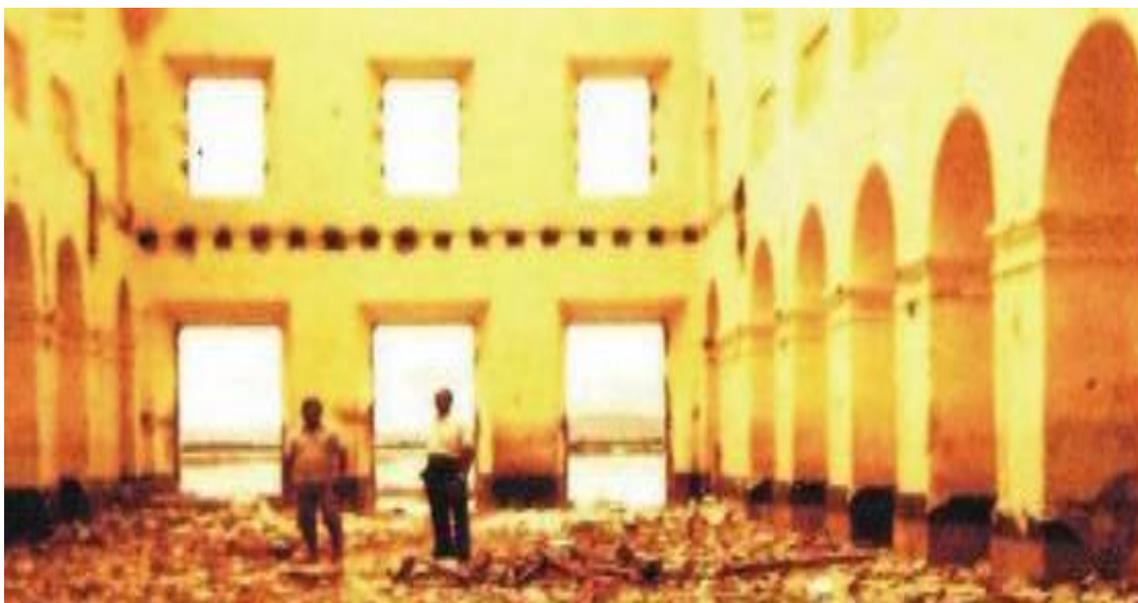


Figura 4- Igreja Matriz em destruição. No piso, fragmentos do telhado e de parte das paredes. Autoria desconhecida. Fonte: Fagno Dias de Souza (2008).



Figura 5 - Parte do centro da cidade após a demolição dos imóveis. Autoria desconhecida. Fonte: Mariza Muniz (2009).

O único estudo relativo aos bens culturais do município compreendeu o relatório das atividades de campo do Projeto Sobradinho de Salvamento Arqueológico, elaborado por Valenti Calderon, na década de 1970. Sobre este relatório, Gabriela Martin faz a seguinte exposição:

Na década de 70 [do século XX], Calderón encarregou-se do Projeto Sobradinho de Salvamento Arqueológico, quando da construção da barragem de Sobradinho na Bahia, no vale do São Francisco. Na realidade, ela não participou das pesquisas de campo, que foram apenas prospecções, pois não se realizaram escavações arqueológicas nesse projeto e sim apenas algumas sondagens. A pesquisa ficou sob a responsabilidade direta dos seus discípulos, Iara de Atayde e Ivan Dórca Soares, cheios de boa vontade e entusiasmo, mas, na época, sem a experiência necessária, e os resultados do que deveria ter sido um grande projeto estão resumidos numa pequena publicação, que vale por algumas informações ali contidas (MARTÍN, 2005, p. 47).

Percebe-se que o levantamento realizado pelo Projeto Sobradinho de Salvamento Arqueológico concretizou de forma parcial o seu principal objetivo. Além disso, no relatório das atividades é inexistente qualquer tipo de referência as estruturas arquitetônicas e vias urbanas de Remanso Velho e demais espaços urbanos destruídos. Também não foram citadas e não há nenhuma referência à presença na região de sítios arqueológicos históricos ou áreas históricas, como a antiga “casa imperial”, construída no século XVI, que existia próxima a Velha Sento Sé e foi destruída sem qualquer tipo de registro.

Desta maneira, a antiga cidade foi destruída sem a realização de nenhum registro sistemático, ocasionando, assim, o apagamento da materialidade de todo um processo histórico da formação daquele espaço. Além disso, não houve nenhum levantamento da cultura imaterial pertencente à comunidade de Remanso Velho, nem qualquer estudo relacionado à paisagem cultural.

Essa situação é reflexo do pensamento vigente na época, que considerava apenas como bens culturais elementos materiais que embasavam o ideal nacionalista, como os espaços litorâneos ligados aos colonizadores ou alguns tipos específicos de ocupações pré-coloniais.

A Nova Remanso passou a ser edificada a seis quilômetros de Remanso Velho (Figura 06), em 1973, e a população foi progressivamente transferida para a sede municipal, até o ano de 1977. No ano de 1978, a Barragem de Sobradinho foi inaugurada e o lago atingiu sua cota máxima de inundação. Dessa forma, o que sobrou de Remanso Velho, que estava dentro dos 4.214 quilômetros quadrados do novo lago, foi coberto pelos 34 bilhões de metros cúbicos de água de um dos maiores lagos artificiais do mundo (Figura 07).



Figura 6 - Construção da nova cidade de Remanso. Autoria desconhecida. Fonte: Luiza Muniz (2009).



Figura 7 - SAAE de Remanso Velho parcialmente coberto pelas águas do Lago de Sobradinho. Autoria desconhecida. Fonte: Adelaido Viana (2018).

As expectativas de melhores condições de vida geradas por uma nova cidade foram logo esquecidas em virtude dos inúmeros problemas que ela abrigava. Roberto Malvezzi aponta que, associado a nova realidade, surgiram diversos outros novos problemas para a comunidade da Nova Remanso. Nesta, eram constantes a apresentação de problemas de infraestrutura, como a falta de água, apesar de ter sido implementado um sistema de distribuição. Além disso, os imóveis que foram utilizados em substituição das antigas habitações eram de péssima qualidade estrutural e dificultavam o usufruto como residência (MALVEZZI, 1994).

Os aspectos ambientais locais foram também transformados. As ilhas fluviais, utilizadas por pequenos agricultores em atividades de subsistência, deixaram de existir. A dinâmica do transporte fluvial foi toda transformada e as condições das águas foram alteradas, dificultando o ciclo de vida dos peixes.

A disputa por terras do entorno do lago ocasionou diversos conflitos entre os moradores e também com o poder público. Os grandes proprietários de terras não respeitavam os limites do lago e expandiram suas demarcações. Aos pequenos

agricultores coube apenas a uso temporário e inseguro das vazantes, em épocas de rebaixamento do nível do lago (SILVA, 2010).

Silva relata também que houve episódios de “confusão mental” entre os moradores da nova cidade em seus primeiros anos, em virtude da nova disposição espacial, que não levou em consideração, na sua construção, os elementos sociais e culturais de Remanso Velho:

Há fartura de relatos no sentido de que foi notável a desorientação espacial dos relocados, que, tendo vivido por décadas em uma configuração urbana, agora se viam diante de uma cidade com relevo, disposição de vias e das próprias casas, aparelhos urbanos, novos nomes de logradouros, escolas, Igreja completamente diferente, e ainda uma readaptação às rotinas de vida. A inadequação espacial era, naquele momento, uma materialização da falta de rumo que as pessoas experimentavam (SILVA, 2010, p. 196).

No de 1980, um acontecimento gerou espanto na população da Nova Remanso: as águas do Lago de Sobradinho invadiram parte do centro da nova cidade (Figura 08). Esse fato não se limitou a região de Remanso e envolveu diversos outros municípios. Assim, após diversas reivindicações de movimentos sociais e estranhamento dos moradores e autoridades, foi criada no Congresso Nacional, por meio da resolução nº 28 de 25 de junho de 1980, uma Comissão Parlamentar de Investigação (CPI) com o intuito de investigar as causas das enchentes e as consequências dessas nas vidas das populações ribeirinhas. Entretanto, a CPI não foi concluída no prazo regimental.



Figura 8 - Centro da nova cidade de Remanso, alagada parcialmente pelas águas do Lago de Sobradinho. Autoria desconhecida. Fonte: Adelaido Viana (2018).

Nos primeiros 30 anos após a inundação de Remanso Velho, poucos foram os períodos em que as suas ruínas foram expostas novamente à superfície. Entretanto, nos últimos 9 anos, o lago de Sobradinho vem passando por um período de baixo volume de águas, ocasionando a exposição constante do sítio arqueológico à população da atual Remanso.

1.2 Ruínas de Remanso Velho

O sítio arqueológico Remanso Velho compreende as ruínas da antiga cidade de Remanso, que foi destruída para dar espaço às águas do lago de Sobradinho. Localizada no norte do estado da Bahia, no município de Remanso, está a aproximadamente seis quilômetros da atual sede do município e a 800 quilômetros da cidade de Salvador.

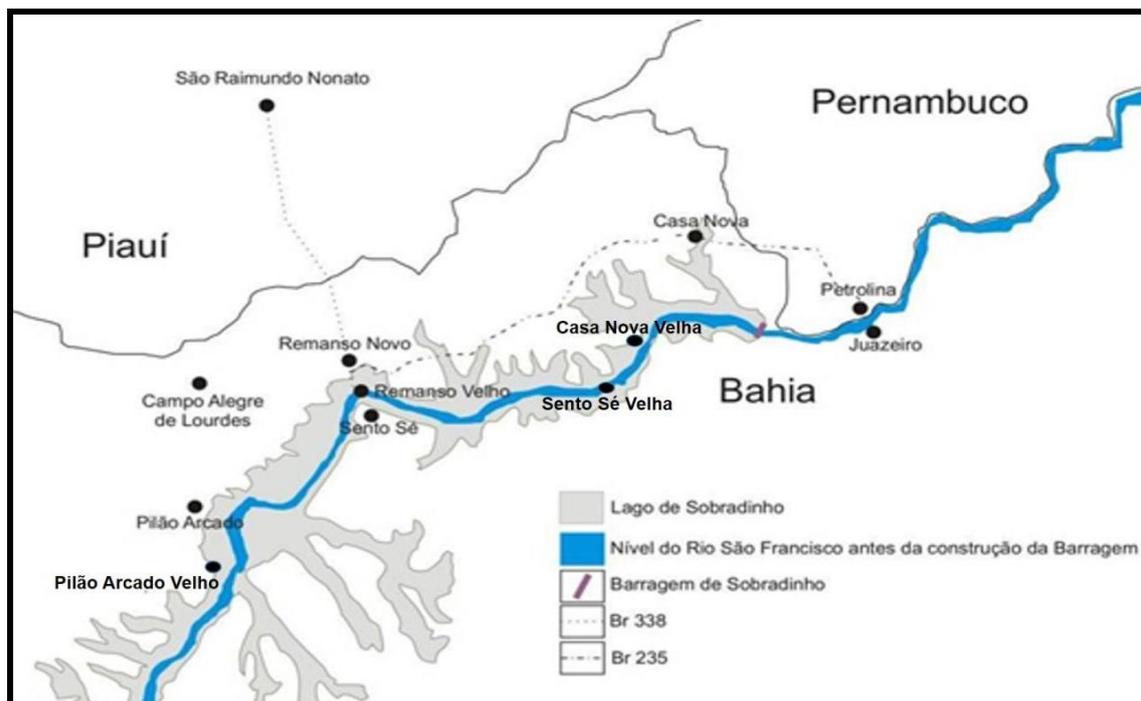


Figura 9- Mapa da localização de Remanso Velho e das sedes novas e antigas sedes dos municípios que fazem fronteira com seu território.



Figura 10- Imagem de satélite da área de Remanso Velho em 23/06/2016. As linhas correspondem à malha urbana da antiga cidade. A porção de terra, na parte inferior, equivale a área dos bairros Remanso e Pizeiro, já na parte superior, corresponde aos bairros Capão de Cima, Capão de Baixo e Capão do Meio. Fonte Google Earth (2018).

Localizada no semiárido nordestino, as ruínas de Remanso Velho estão em uma região marcada pelo clima quente, com temperaturas médias de 27 °C e máximas de 33 °C. O período de chuvas compreende aos meses de novembro a março. Inserida na Caatinga, na área são predominantes a vegetação hiperxerófila e hipoxerófila. Nos espaços onde havia as edificações da cidade, o relevo é predominantemente plano. Já nas bordas do Rio São Francisco havia o rebaixamento do solo, que propiciava alagamentos em épocas de cheias.



Figura 11 - Localização aproximada da antiga sede de Remanso (em amarelo) e da nova sede (em vermelho), com o nível do Lago de Sobradinho em 40% de sua capacidade. A linha branca corresponde à antiga BR-235, que liga as duas áreas. Fonte: Adaptado *Google Earth*, 2018 – data das imagens: 23/06/2016.



Figura 12 - Localização aproximada da antiga sede de Remanso (em amarelo) e da nova sede (em vermelho), quando o nível do Lago de Sobradinho está próximo de sua capacidade máxima. Fonte: Adaptado *Google Earth*, 2018 – data das imagens 09/10/2005.

A cidade de Remanso Velho, antes de serem iniciados os processos de destruição no ano de 1972 e ser transformada em ruínas, era caracterizada por um espaço urbano com área aproximada de 130 hectares, zoneada em cinco bairros: Capão de Cima, Capão do Meio, Capão de Baixo, Remanso e Pizeiro (Figura 13). A via de ligação entre os três primeiros e os dois últimos era a Banca (via elevada com rochas), que também exercia a função de conexão cultural, política e religiosa da população de toda a cidade.

Bairros de Remanso Velho

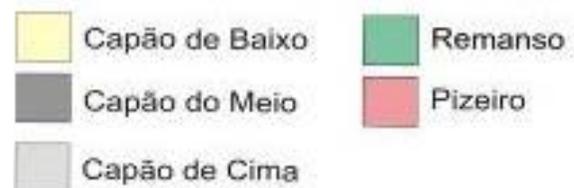


Figura 1 - Planta da cidade de Remanso Velho na década de 1970 (PINHEIRO, 2009).

Os bairros Capão de Cima e Capão do Meio eram predominantemente residenciais, sendo os espaços destinados ao comércio bem reduzidos, o que os tornavam diretamente dependentes do comércio desenvolvido no Bairro Capão de Baixo. Já o centro da cidade compreendia o bairro Remanso. Neste estavam presentes as principais estruturas públicas (prefeitura, delegacia), religiosa (igreja matriz Nossa Senhora do Rosário) e comercial (cais fluvial, mercado municipal). O bairro Pizeiro era majoritariamente residencial, com comércio praticamente inexistente, o que o tornava dependente do Bairro Remanso (PINHEIRO, 2009).

Nesses espaços existiam 1871 edificações, das quais 1537 destas tinham a função de residência, 188 com função de comércio, 49 com funções mistas de uso residencial e comercial e 97 estruturas não tiveram sua função especificada. As estruturas arquitetônicas possuíam como elemento construtivo predominante paredes de adobe. Já os pisos eram, em sua maioria, formados por revestimento duplo, que englobavam uma ou diversas das seguintes combinações: cimento e ladrilho, tijolo e cimento, tijolo e mosaico. Já o teto das edificações era majoritariamente caracterizado por telhas (COMPANHIA..., 1973).

O arranjo espacial da zona urbana compreendia um conjunto de 63 ruas, com larguras que variavam entre quatro e 16 metros, sendo a maior parte não pavimentada. A rua principal, que ligava a BR-235 ao cais fluvial, possuía orientação no sentido NW/SE e possuía uma posição perpendicular em relação ao rio São Francisco. Pouquíssimas eram as residências onde havia passeios. Nas que esses estavam presentes possuíam largura aproximada de 1 e 2 metros (COMPANHIA..., 1973).

O processo de destruição da cidade envolveu a derrubada das paredes, a retirada dos telhados das estruturas arquitetônicas e a retirada dos paralelepípedos que faziam parte da pavimentação de algumas ruas. Uma parte do entulho gerado nessa destruição foi retirada no momento da mudança para a nova sede municipal; o restante foi, e ainda é, retirado nos diversos momentos de rebaixamento das águas do lago de Sobradinho pela própria população, que reutiliza o material na construção civil.

Desde a finalização da Barragem de Sobradinho e do represamento das águas do Rio São Francisco no ano de 1979, o lago criado passou, e ainda passa, por diversas variações, que expõe a antiga cidade à superfície. Estas variações de nível vêm sendo mais permanentes nos últimos oito anos, possibilitando o contato da atual população da cidade com testemunhos materiais do início da ocupação urbana do território. O período

de seca também expõe o trecho da antiga BR-235, em razoável estado de trafegabilidade, que liga a nova sede municipal à antiga e permite o fluxo de pessoas entre os dois espaços.

Nos subtópicos abaixo, serão apresentadas algumas estruturas componentes do sítio arqueológico Remanso Velho. As ruínas que são passíveis de identificação estão brevemente caracterizadas com suas imagens, localização, histórico e funções. Outras, que não foram identificadas, são apresentadas como estavam antes de serem destruídas, em virtude do destaque dado na bibliografia existente sobre a antiga cidade.

1.2.1 Aeroporto

Localizava-se a cerca de 3 quilômetros do perímetro urbano de Remanso Velho, em terras chamadas de “Zebutão”. Seu acesso se dava pela antiga estrada BR-235, que fazia ligação com os municípios de São Raimundo Nonato (Piauí) e Juazeiro (Bahia). Sua criação é datada de 1936. Em 1956, passou a contar com mais uma pista de pouso, uma de 1500 metros e outra de 1300 metros, ambas de terra batida. Além das pistas de pouso, faziam parte dessa estrutura uma pequena estação de passageiros e um depósito da VARIG (Figura 14).



Figura 14 - Imagem de satélite da área do aeroporto de Remanso Velho em 23/06/2016. Fonte Google Earth (2018).

1.2.2 Banca

A “Banca” era uma via que ligava o bairro Remanso aos bairros Capão de Cima, Capão de Baixo e Capão do Meio, e era assim chamada por ser elevada em relação ao solo, devido ao acréscimo de areia e pedra. Essa elevação foi necessária por estar situada em uma área conhecida como “Várzea”, que nos períodos de cheia do Rio São Francisco, era alagada. Foi criada por vota de 1930 e media cerca de 300 metros de comprimento e mais ou menos 5 metros de largura (figuras 15 e 16).



Figura 15 - Parte superior da “banca” por volta de 1970. Percebe-se a sua elevação pela presença das pessoas no canto esquerdo da imagem. Autoria desconhecida. Fonte Marisa Muniz (2009).



Figura 16 - Parte superior da “Banca” em 30/12/2015. As margens, por serem mais baixas, ainda estavam cobertas pelo Lago de Sobradinho.

1.2.3 Bar da Hora

Pertencente a Pedro da Hora e tendo sua origem na década de 1940, o Bar da Hora era o principal estabelecimento comercial e de entretenimento frequentado pelos moradores dos bairros Capão de Baixo, Capão de Cima e Capão do Meio. Também funcionava nessa estrutura a rádio Primavera, que era caracterizada por uma trombeta

que propagava notícias, reproduzia músicas e avisos dos moradores. Era localizado na Avenida Manoel Vitoriano, em frente a Praça Machado de Assis, no Bairro Capão de Baixo, e tinha o papel de integração para a população que residia afastada do centro. Não foi possível a identificação dos restos das estruturas.



Figura 17 - Fotografia de 1940 do Bar da Hora. Nota-se a presença da trombeta da rádio Primavera colocada em um pedestal de madeira. Fonte: Google imagens (2009). Autoria desconhecida.

1.2.4 Cadeia Pública e Delegacia

Localizada no bairro Remanso, na margem do Rio São Francisco, a cadeia pública foi construída por volta de 1900 com a finalidade de exercer a função de Prefeitura do Município. Com a construção de uma nova prefeitura, na Praça Duque de Caxias, por volta de 1940, esse edifício passou a ser usado como Cadeia Pública e Delegacia até a mudança da sede da cidade, em 1977.



Figura 18 - Imagem à esquerda: Cadeia Pública antes de sua destruição (Fonte Marisa Muniz, 2009). Imagem à direita: ruínas evidenciadas no período de seca do Lago de Sobradinho, em dezembro de 2008.

1.2.5 Cais

Construído na década de 1930, o Cais era localizado no início da cidade, no bairro Remanso, onde o rio São Francisco a margeava. Possuía função de barramento das águas, com o intuito destas não invadirem o centro da cidade em períodos de cheia, além de apoio para pescadores e ancoradouro de embarcações que percorriam o rio São Francisco com mercadorias para abastecimento do comércio local e de cidades da região. Por ser ponto de confluência entre os estados do Piauí, Ceará e Maranhão, o Cais de Remanso Velho proporcionava às cidades que estavam longe do litoral o abastecimento de diversas mercadorias. Além da função comercial e de transporte, a estrutura era muito utilizada como espaço de lazer.

Com aproximadamente 400 metros de comprimento, as estruturas compreendem as ruínas que estão em melhor estado de conservação. É também uma das áreas mais visitadas pela população em épocas de seca do lago de Sobradinho, pois ainda proporciona o uso como local de ancoradouro de embarcações.



Figura 19 - Acesso à rampa principal de ancoradouro das embarcações do cais no início da década de 1970. Autoria desconhecida. Fonte Mariza Muniz (2009).



Figura 20 - Rampa principal do cais no início da década de 1970. No segundo plano da imagem, parte do bairro Pizeiro. Autoria desconhecida. Fonte Luiza (2009).



Figura 21 - Ruínas do cais de Remanso Velho em 30/12/2014. Autoria: própria.



Figura 22 - Ruínas do cais em 27/12/2017. Estruturas na parte superior utilizadas na captação de água pelo Saae. Autoria: própria.

1.2.6 Capela Sagrada Família

Localizada no Capão de Baixo, nas proximidades da Praça Machado de Assis, a Capela Sagrada Família pertencia a Igreja Católica. A primeira estrutura foi construída em 1930 e derrubada em 1960, para dar lugar a uma capela maior. Na parte frontal existia um cruzeiro de madeira, no qual a população realizava diversos rituais religiosos. Atualmente, o seu cruzeiro encontra-se no cemitério da atual Remanso e os sinos foram deslocados para a igreja do povoado Marcos Novo, conglomerado urbano também construído em virtude do alagamento do antigo povoado pelas águas do Lago de Sobradinho.



Figura 23 - Ruínas da base do cruzeiro da Capela Sagrada Família em 31/12/2014. Autoria: própria.



Figura 24 - Capela Sagrada Família e seu Cruzeiro. Autoria desconhecida. Fonte: Adelaido Viana (2018).

1.2.7 Cemitério Municipal

Remanso Velho possuía um cemitério, localizado no bairro Capão do Meio. Com 48 metros de largura e 200 metros de comprimento, sua origem está atrelada ao início de urbanização da cidade, no final do século XIX. Quando foi realizada a transferência da sede municipal, a Chesf não providenciou a retirada dos corpos ali enterrados, atividade que ficou sob responsabilidade dos familiares dos mortos. De modo geral, as famílias com mais posses tiveram condições de realizar o processo de transferência dos restos mortais dos parentes.

Com o nível do lago de Sobradinho baixo, as ruínas do cemitério ficaram expostas, o que possibilita identificar 10 estruturas funerárias. O número de enterramentos na área era muito maior que essa quantidade de estruturas. Porém, as condições ambientais, em conjunto com os elementos construtivos dos túmulos, não possibilitaram a conservação dos demais enterramentos.



Figura 25 - Mausoléus do cemitério de Remanso Velho na década de 1970. Autoria desconhecida. Fonte: Adelaido Viana (2018).



Figura 26 - Ruínas de um mausoléu no cemitério de Remanso Velho em 01/01/2015. Autoria: própria.



Figura 27 - Ruínas de algumas sepulturas do cemitério de Remanso Velho em 01/01/2015. Autoria: própria.

1.2.8 Colégio Municipal Ruy Barbosa

Único estabelecimento de ensino médio de Remanso Velho, o Colégio Municipal Ruy Barbosa era uma instituição pública. Sua estrutura foi criada entre os anos de 1930 e 1936 com função inicial de abrigar a residência de Marcelino Lourenço Ribeiro. Posteriormente, em 1955, quando Marcelino se tornou prefeito, o espaço foi ocupado como Colégio. De acordo com Silva, em 1977 a instituição possuía oito salas de aula, uma quadra para realização de atividades esportivas, um auditório, uma biblioteca e uma cantina, todos em bom estado de conservação (SILVA, 2010).



Figura 28 - Visão frontal do Colégio Municipal Ruy Barbosa. Fonte Marisa Muniz (2009). Autoria: Desconhecida.



Figura 29 – Ruínas do Colégio Ruy Barbosa. Fonte Patrícia Teles (2008).

1.2.9 Correios

Localizado na Rua Eurico Guanães, no bairro Remanso, os Correios eram uma instituição pública da Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos do Brasil. Criado por volta de 1950, sua função era integrar a população com demais cidades do país através do envio e recebimentos de correspondências. Funcionava nele, também, o serviço de rádio da Secretaria da Segurança Pública, que era veículo de comunicação entre os comandantes da cadeia pública e da delegacia de Remanso Velho com as cidades vizinhas. Não foi encontrado nenhum registro iconográfico de sua estrutura ainda intacta e nem foi possível a identificação das ruínas no período de seca do lago de Sobradinho.

1.2.10 Farmácia Ebenézer

Foi criada na década de 1960 com o intuito de revender remédios e oferecer assistência de primeiros socorros para os moradores. Era o principal estabelecimento do tipo na cidade e se localizava em frente à banca no final do bairro Capão de Cima.



Figura 30 - À direita, imagem parcial da Farmácia Ebenézer. À esquerda, ruínas da farmácia, evidenciada com o período de seca do lago de Sobradinho. Fonte respectivas Marisa Muniz (2009) e Inês Guimarães (2008).

1.2.11 Grupo Escolar Getúlio Vargas

Funcionava no Bairro Remanso, em frente à Praça Duque de Caxias. Era mantida pela prefeitura e possuía cinco salas de aula, onde eram ministrados cursos de primeira à quarta série do ensino fundamental. Foi inaugurado em 1940 e manteve sua função até a destruição na década de 1970.



Figura 31 - Grupo Escolar Getúlio Vargas no ano de 1957. Fonte IBGE (2018), Autoria desconhecida.



Figura 32 - Ruínas do Grupo Escolar Getúlio Vargas em 30/12/2014. Autoria: própria.

1.2.12 Grupo Escolar Olímpio Campinho

Localizado no bairro Capão de Baixo, próximo a igreja evangélica Ebenézer, o Grupo Escolar Olímpio Campinho oferecia o ensino fundamental para a maioria dos alunos da cidade. Sua construção é associada a década de 1950.



Figura 33 - Ruínas do Grupo Escolar Olímpio Campinho. Fonte e autoria Inês Guimarães. Data dezembro 2008.



Figura 34 - Grupo Escolar Olímpio Campinho. Ano e autoria desconhecidos. Fonte Mariza Muniz (2009).

1.2.13 Igreja Cristã Evangélica Ebenézer

Fundada em 1961 pelo pastor Max Ott, do segmento neopentecostal, localizava-se no bairro Capão de Baixo, em frente à banca. Era a única instituição cristã protestante de Remanso Velho.



Figura 35 - Imagem da década de 1970. No fundo, a primeira estrutura correspondia ao Grupo Escolar Olímpio Campinho. No meio, a Igreja Cristã Evangélica Ebenézer, e na ponta, a farmácia Ebenézer. Autoria desconhecida. Fonte Mariza Muniz (2009).

1.2.14 Igreja Matriz Nossa Senhora do Rosário

Construída inicialmente como capela da fazenda Arraial, por volta de 1840, foi transformada em igreja com uma reforma finalizada no ano de 1894. Sua localização não segue a tradicional disposição espacial das cidades do interior do Nordeste, pois foi edificada em uma área onde não existia praça. A fachada margeava o rio São Francisco, no bairro Remanso, e era frequentada pela maioria da população. As ruínas

compreendem o resto do altar, parte do piso e do alicerce. Toda a igreja foi destruída e a maior parte do material reutilizado na construção civil pela população.



Figura 36 - Ruínas do altar da Igreja Matriz em 30/12/2014. Autoria: própria.



Figura 37 - Igreja Matriz Nossa Senhora do Rosário na década de 1970. Autoria desconhecida. Fonte Marisa Muniz (2009).

1.2.15 Mata Burro

Um bueiro criado na década de 1950, localizado na antiga BR-235, na entrada da cidade, era popularmente conhecido como “Mata Burro”. Em épocas do período chuvoso era comum o acumulo de água em regiões baixas, entre estas, o local onde ficava a estrada e, por isso, a necessidade de criação desse bueiro (figura 38). Suas ruínas ainda estão bem conservadas.



Figura 38 - Bueiro ou "Mata Burro". Fotografia atual da estrutura. Fonte: Patrícia Teles (2008). Autoria idem.

1.2.16 Mercado Municipal

Localizado em frente ao cais, o Mercado Municipal foi espaço de forte movimento comercial durante toda a história de Remanso Velho. Tudo que era produzido na cidade, assim como o que era trazido de outras regiões, era comercializado inicialmente lá. A primeira construção do mercado foi em 1920. Em 1970, aconteceu a última reforma visando possibilitar à população um mercado mais amplo e equipado. As ruínas são caracterizadas por um conjunto de telhas e tijolos quebrados, alicerces, algumas pequenas paredes dos banheiros e algumas vigas. Atualmente, vem passando por diversas agressões no exercício de atividades do Saae, que utiliza parte do espaço como local de captação de água para a atual Remanso.



Figura 39 - Mercado de Remanso Velho na década de 1970. Autoria desconhecida. Fonte: Adelaido Viana (2018).



Figura 40 - Estrutura do mercado municipal evidenciada no período de seca do Lago de Sobradinho. Fonte Inês Guimarães (2008).

1.2.17 Ponte Pizeiro

Consiste em uma ponte que ligava os bairros Remanso e Pizeiro. Além de conexão entre essas duas áreas da cidade, essa estrutura possibilitava o escoamento das águas do rio São Francisco em épocas de cheia para o espaço Várzea de Remanso Velho. Na parte inferior, ainda está presente a tubulação do sistema de abastecimento de água que levava água da captação até a estação de tratamento no bairro Capão de Baixo.



Figura 41 - Ruínas da ponte que ligava o bairro Remanso ao Bairro Pizeiro em 29/12/2015. Autoria: própria.

1.2.18 Posto Santo Antônio

O posto Santo Antônio era o único estabelecimento comercial de Remanso Velho que fornecia combustível aos poucos moradores que possuíam veículo. Localizado no bairro Capão de Baixo, ficava logo na entrada da cidade no encontro com a Rua Manoel Vitoriano e a BR-235.



Figura 42 - Posto Santo Antônio em data desconhecido. Autoria desconhecida. Fonte: Adelaido Viana (2018).

1.2.19 Praça Duque de Caxias

Localizado no bairro Remanso, a primeira versão da Praça Duque de Caxias foi chamada de Praça dos Tamarindeiros e construída no ano de 1900. A estrutura compreendia alguns bancos de concreto e um coreto, que era utilizado como local para realização de discursos políticos e apresentação de espetáculos culturais. Entre 1966 e 1971, o espaço foi transformado, quando o coreto foi destruído e substituído por uma fonte luminosa. Foi construído, também, no mesmo período, o Bar do Ó.

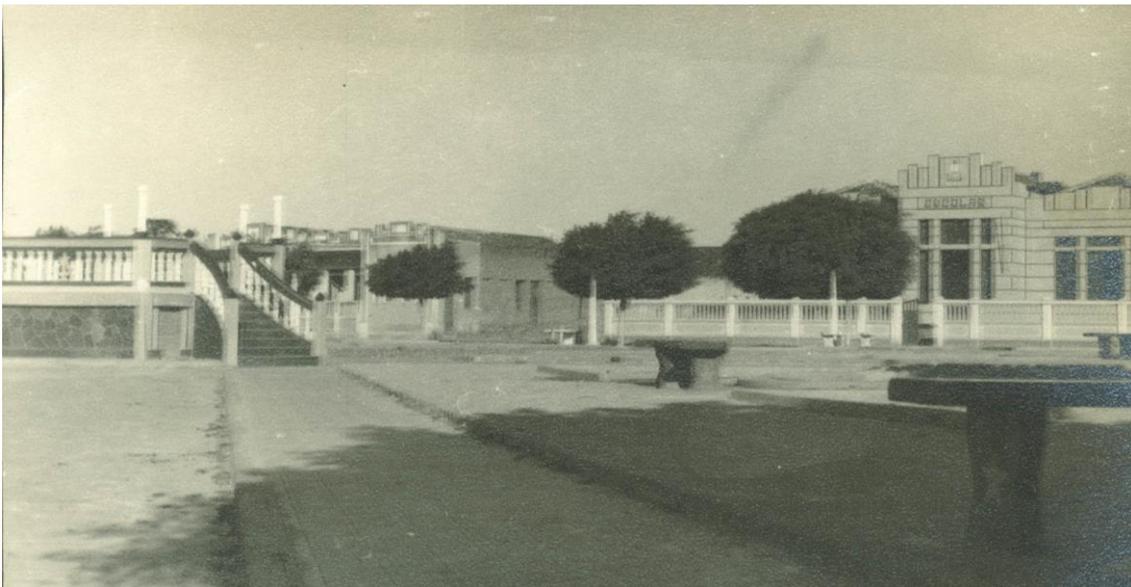


Figura 43 - Praça Duque de Caxias no ano de 1957. No lado esquerdo, o Coreto. Fonte IBGE (2018), Autoria desconhecida.



Figura 44 - Bar do Ó em 1972. Fonte Marisa Muniz (2009), autoria desconhecida.



Figura 45 - Ruínas da Praça Duque de Caxias. Imagem a esquerda: parte inferior do Bar do Ó. Imagem a direita: restos dos assentos da praça. Autoria: própria.

1.2.20 Praça Lauro de Freitas

Localizada no bairro Remanso, a Praça Lauro de Freitas era conhecida pela população de Remanso Velho como Praça do Pirulito. Essa nomenclatura popular devia-se ao fato de existir nesta praça um obelisco que foi implantado pelo Rotary Clube, em 1956. Atualmente, sobraram somente rochas que compunham a estrutura que circulava o obelisco. Todo o restante foi destruído.



Figura 46 - Praça Lauro de Freitas na década de 1970. Autoria desconhecida. Fonte: Adelaido Viana (2018).

1.2.21 Praça Machado de Assis

Localizada no bairro Capão de Baixo, a Praça Machado de Assis era composta por assentos de concreto e um piso de terra batida. Nas suas proximidades estavam localizadas a Capela Sagrada Família, o Colégio Municipal Ruy Barbosa, algumas residências e a Avenida Manoel Vitoriano. Nesse espaço eram realizadas atividades culturais, resultantes das tradições locais. Sua origem remonta à década de 1930.



Figura 47 - Praça Machado de Assis na década de 1970. Ao fundo, a Capela Sagrada Família, no lado esquerdo parte do Colégio Municipal Ruy Barbosa, e no lado direito residências de alguns moradores. A fotografia foi capturada da Avenida Manoel Vitoriano. Fonte: Marisa Muniz (2008). Autoria desconhecida.



Figura 48 - Praça Machado de Assis em 31/12/2014. Autoria: própria.

1.2.22 Prefeitura Municipal

Estrutura construída no ano de 1940 com finalidade de ser a prefeitura da cidade, mantendo essa função até o ano de 1976, quando então foi finalizada a construção da prefeitura da nova sede do município. Era localizada em frente à Praça Duque de Caxias, no bairro Remanso, sendo caracterizada por dois pavimentos e duas sacadas. Abrigava, também, o fórum, os cartórios civil e eleitoral e, num anexo, o IBGE e a Junta Militar. As ruínas compreendem somente o alicerce, telhas e tijolos quebrados.



Figura 49 - Prefeitura sendo transformada em ruínas na década de 1970. Autoria desconhecida. Fonte Luiza Muniz (2008).

1.2.23 Ruas comerciais

Remanso Velho possuía duas áreas que funcionavam como centros comerciais. Estas compreendiam algumas ruas do bairro Remanso e do bairro Capão de Baixo, onde os imóveis com funcionalidade de estabelecimento comercial eram mais concentrados. No bairro Remanso, o comércio englobava as ruas Barão do Rio Branco (conhecida como Rua do Comércio), Rua Conselheiro Luis Viana, Rua Virgílio Sá, Rua Coronel Holastico, Rua 15 de Novembro e Rua Santos Dumont. No bairro Capão, o comércio englobava a Rua Manoel Vitoriano, que se iniciava na entrada da cidade e ia até o início da Banca. Em ambas as áreas estavam também presentes imóveis com função residencial.



Figura 50 - Rua Barão do Rio Branco na década de 1970. Autoria desconhecida. Fonte: Adelaido Viana (2018).



Figura 51 - Ruínas do centro comercial do bairro Remanso em 30/12/2014. Autoria: própria.



Figura 52 - Rua Manuel Vitoriano. No lado direito, início da Praça Machado de Assis. Fonte IBGE (2018), Autoria desconhecida.

1.2.24 Ruas residenciais

A maior parte da cidade de Remanso Velho era composta por estruturas com a função de residência. Entretanto, essa função era mais concentrada nos Bairros Capão de Cima, Capão de Baixo, Capão do Meio e Pizeiro. As ruínas das residências presentes nessas ruas são caracterizadas pelos alicerces, restos de telhas e tijolos. Na área fora do bairro Remanso, as habitações encontram-se menos preservadas em virtude de terem sido construídas, em sua maior parte, com adobe, que, em contato com a água do lago de Sobradinho, foi transformado em lama.



Figura 53 - Ruas residenciais do bairro Capão de Baixo. Autoria desconhecida. Fonte: Adelaido Viana (2018).



Figura 54 - Ruínas das ruas residenciais do bairro Capão de Baixo em 31/12/2014. Autoria: própria.

1.2.25 Saneamento Básico

Em Remanso Velho, a infraestrutura era precária e poucas eram as estruturas de saneamento básico implantadas na cidade. O sistema de distribuição de água encanada foi implantado no ano de 1970, atendendo somente metade da população. Antes desse sistema, os próprios moradores retiravam a água com baldes ou latas do rio São Francisco e as traziam nas costas ou em animais de carga.

Nos imóveis com acesso a rede de distribuição de água, após a sua captação por um motor no Rio São Francisco, no bairro Pizeiro (Figura 55), a água era levada até a estação de tratamento localizada no Capão de Baixo (Figuras 56 e 57) e posteriormente distribuída em parte da cidade. Neste mesmo bairro era localizado o escritório do Saae (administrador do sistema) e uma caixa d'água que armazenava a água tratada para posterior distribuição via rede para os imóveis atendidos (Figuras 58 e 59). Existia outra caixa d'água com a mesma função no bairro Capão do Meio (Figura 60). Os moradores que não tinham água em nas residências tinham a opção de obtenção de água em dois chafarizes que integravam o sistema (Figura 61).

As ruínas do sistema de abastecimento de água compreendem uma das estruturas em melhor estado de conservação. É possível identificar na superfície diversas tubulações da rede de distribuição quando o lago de Sobradinho está em nível baixo (Figura 62). As duas caixas d'águas do sistema nunca foram totalmente cobertas pelo lago de Sobradinho, podendo ser vistas da atual sede do município.



Figura 55 – Ruínas do poço de captação de águas no bairro Pizeiro em 29/12/2015. Autoria: própria.



Figura 56 - Ruínas da estação de Tratamento de águas no bairro Capão em 31/12/2014. Autoria: própria.



Figura 57 - Ruínas da estação de Tratamento de águas no bairro Capão em 31/12/2014. Autoria: própria.



Figura 58 - Saae em 1976. Autoria desconhecida. Fonte: Adelaido Viana (2018).



Figura 59 - Ruínas do Saae em 31/12/2014. Autoria: própria.



Figura 60 - Ruínas da caixa d'água localizada no bairro Capão do Meio em 01/01/2015.
Autoria: própria.



Figura 61 -Ruínas do chafariz localizada no bairro Pizeiro em 30/12/2014. Autoria: própria.



Figura 62 -Ruínas dos encanamentos evidenciados em superfície no bairro Capão de Baixo.
Autoria: própria.

Quanto à coleta de esgoto, a cidade não possuía um sistema implantado, o que ocasionava o despejo dos resíduos dos imóveis nas ruas e, conseqüentemente, no rio São Francisco ou nas fossas que alguns imóveis possuíam.

1.2.26 Serviço Especial de Saúde Público (Sesp)

Única unidade médica de Remanso Velho, o Serviço Especial de Saúde Público (Sesp) era mantido pela Fundação Serviço Especial de Saúde Público (Fsesp), sendo seu primeiro registro datado do ano de 1956. Localizado no bairro Capão de Baixo, além da população de Remanso Velho, o serviço atendia também os moradores de comunidades do interior do município e de cidades mais próximas. Em 1972, embora tivesse uma estrutura projetada para a instalação de um hospital, as atividades ocupavam apenas o espaço de um posto médico, estando o restante das instalações em estado de abandono. As ruínas são caracterizadas pelos alicerces, piso, restos de telhas e tijolos.



Figura 63 - SESP na década de 1970. Autoria desconhecida. Fonte: Adelaido Viana.



Figura 64 - Ruínas do Sesp em 30/12/2014. Autoria: própria.

1.2.27 Sistema de distribuição de energia elétrica

O sistema de energia elétrica de Remanso Velho englobava um conjunto de estruturas que foram implementadas em duas fases. A primeira foi iniciada no ano de 1938, com a inauguração da primeira usina de energia elétrica ao lado da cadeia pública no bairro Remanso. A segunda fase, iniciada no ano de 1960 com a construção de uma nova usina no bairro Capão de Cima, ampliou a rede de energia elétrica com a adição de dois motores e instalação de novos postes, que com os da primeira fase, totalizavam aproximadamente 370 postes. Em ambas as fases, a disponibilidade de energia só ocorria no horário das 18 às 22 horas e o acesso era limitado a uma pequena parte da população, que detinha poder econômico. As ruínas das duas usinas ainda estão presentes em Remanso Velho, sendo que os vestígios daquela que era localizada no bairro Capão de Cima se encontram em melhores condições de conservação.



Figura 65 - Usina de energia do bairro Capão de Cima na década de 1970. Autoria desconhecida. Fonte: Adelaido Viana (2018).



Figura 66 – Ruínas da segunda usina de energia elétrica de Remanso em 01/01/2015. Autoria: própria.

1.2.28 Síntese das ruínas não identificadas

O conjunto de ruínas do espaço urbano de Remanso Velho englobava 1871 estruturas arquitetônicas. Dessa forma, tendo em vista que são poucos os registros existentes sobre a maioria dessas antigas edificações, além da ausência de uma caracterização específica pela Chesf na época da destruição da cidade, é evidente que a maior parte das ruínas da antiga cidade carece de identificação. Assim, as ruínas que não foram aqui caracterizadas são definidas, de forma sucinta, como um conjunto de escombros de imóveis, sendo a maior parte composta de fragmentos de telhas, tijolos e rochas dos alicerces que representam testemunhos materiais históricos do processo de ocupação do território pela população de Remanso.



Figura 67 - Ruínas de imóveis do bairro Capão de Cima em 31/12/2014. Autoria: própria.



Figura 68 - Ruínas de imóveis do bairro Capão de Cima em 01/01/2015. Autoria: própria.



Figura 69 - Ruínas de imóveis do Pizeiro em 29/12/2015. Autoria: própria.



Figura 70 - Ruínas de uma estrutura não identificada no bairro Pizeiro em 29/12/2015.

Concluindo a apresentação de parte das ruínas de Remanso Velho, ressaltamos que, diante da diversidade e da quantidade de estruturas existentes naquele espaço, seria uma ação quase impossível a descrição e a apresentação de todos os componentes urbanos daquela antiga cidade. Dessa forma, foram selecionadas as estruturas que já foram identificadas em estudos anteriores sobre o sítio arqueológico Remanso Velho. O intuito deste capítulo foi representar de forma simbólica e qualitativa as ruínas que compõem o sítio arqueológico, para que possamos mensurar a materialidade de suas formas e, assim, nos capítulos seguintes, refletirmos sobre as possíveis conexões existentes entre esse sítio arqueológicos e sua comunidade.

Capítulo II – Museologia e bens arqueológicos

Neste capítulo pretendemos apresentar nossa compreensão do fazer museológico e das conexões existentes entre o campo de conhecimento arqueológico e museológico. São apresentados os princípios da arqueologia e da museologia, que constituem os campos de conhecimento que embasam a proposição a ser estudada.

2.1 O fazer museológico

Esta pesquisa parte de um ponto de vista da museologia desgarrada das estruturas físicas moduladoras de um museu tradicional e segue rumo a um caminho de ferramentas e possibilidades de apropriação de bens culturais. Assim, propomos um fazer museológico desvinculado de estruturas físicas museais, mas permeado pelos principais fundamentos da museologia que embasam as conexões entre um bem cultural e a comunidade a qual ela se encontra vinculada. Tal perspectiva encontra inspiração na seguinte concepção de Maria Célia Teixeira Moura Santos:

a museologia não está relacionada somente com as acções que estão sendo desenvolvidas nos espaços fechados, dos museus tradicionais (...) mais do que preservar de forma distante e saudosista, devemos é nos apropriar do nosso patrimônio, contribuir para que a identidade seja vivida, na pluralidade e na ruptura, encarar de frente o facto de o coletar, o conservar, o restaurar, o documentar e o expor, na maioria das vezes, estão se tornando a nossa finalidade última (SANTOS, 1996, p. 50).

Essa visão do fazer museológico é fruto das constantes mudanças contemporâneas que a museologia vem passando. Essas transformações são representadas pela ênfase dada a interdisciplinaridade no desenvolvimento das ações museológicas e na preocupação de adaptação às novas realidades, que surgem devido aos diferentes tipos e dimensões (material, imaterial, paisagístico) que passaram a ser reconhecidos e valorizados dos patrimônios culturais. Tal reconhecimento está ligado diretamente à contribuição que a museologia proporciona no desenvolvimento social, possibilitando, por meio das suas ações, um incremento na qualidade de vida das comunidades beneficiadas por alguma atividade museológica.

Dessa forma, as ações da museologia, mesmo não sendo praticadas em uma área permanentemente, são executadas de forma dinâmica nos mais variados espaços, por meio de ações que buscam evidenciar possíveis ligações existentes entre as comunidades e os bens culturais. A pesquisa e os estudos sobre esses dois elementos passam a ser uma das principais atividades, visando obter uma melhor compreensão das conexões e consequências.

A museologia compreende, assim, uma área de conhecimento que engloba ações que podem envolver a comunicação, a gestão e a pesquisa sobre os mais variados tipos de bens culturais nos museus ou em outros espaços sociais, educacionais ou culturais, visando possibilitar a ascensão da cultura nas mais variadas representações sociais. Dessa forma, o fazer museológico possibilita, também, a reflexão sobre as identidades culturais dos diferentes grupos socioculturais, criando um ambiente que contribui para o desenvolvimento humano por meio da valorização dos bens culturais e do reconhecimento da diversidade cultural.

Sendo assim, a museologia social ou sociomuseologia¹ é uma área da museologia que propicia fundamentos à ideia do fazer museológico ser caracterizado pela busca de formas socialmente engajadas de apropriação de bens culturais. Em seus princípios e em suas ações, é dada ênfase a realização de reflexões por meio do patrimônio cultural sobre a sociedade e suas estruturas sociais e é buscada, principalmente, a demonstração do protagonismo de grupos, geralmente excluídos no fazer tradicional da museologia.

Desse modo, de acordo com Marcelle Pereira:

O que justifica a prática da museologia social é mesmo o seu potencial de expor lacunas, ausências e advertências necessárias e muitas vezes postas de lado para defender ideias únicas em discursos unilaterais. O pôr em diálogo significa mais que dialogar com o novo ou com o não dito, significa demonstrar outros olhares e outras formas de compreender o jogo perpetuado de poder e de legitimidade que ofende a nossa diversidade e castra capacidades. Importa ouvir de outro jeito, importa conhecer outras formas, descrever e interpretar silêncios. Importa ocupar espaço no cenário cultural e social tendo como pano de fundo e contexto as memórias que compõem trajetórias e movimentações em busca de dignidade e garantia de direitos (PEREIRA, 2015, p. 33).

¹ As noções de Museologia Social e Sociomuseologia serão tomadas nesta pesquisa como sinônimos.

Portanto, a museologia social ou sociomuseologia, que corresponde ao desenvolvimento das reflexões iniciadas com a instauração da Nova Museologia em 1984, vem ressignificar a vertente tradicional de temáticas de estudos dentro da museologia, que gera a exaltação de alguns grupos em detrimento de outros ou enaltecimento de temáticas que não englobam as diversas realidades sociais existentes. O foco principal desse novo momento do fazer museológico é a proposição de formas que possibilitem o reconhecimento dos grupos socioculturais historicamente excluídos.

Judite Primo corrobora com este propósito, quando nos demonstra a importante contribuição das reflexões inauguradas com a Declaração de Quebec de 1984:

Ao mesmo tempo que preserva os frutos materiais das civilizações passadas, e que protege aqueles que testemunham as aspirações e a tecnologia actual, a nova museologia - ecomuseologia, museologia comunitária e todas as outras formas de museologia activa - interessa-se em primeiro lugar pelo desenvolvimento das populações, reflectindo os princípios motores da sua evolução ao mesmo tempo que as associa aos projectos de futuro (PRIMO, 1999, p. 16).

2.2 Bem arqueológico e património arqueológico

Tendo em vista que as ruínas de Remanso Velho correspondem a um bem cultural do tipo sítio arqueológico, cabe definirmos a compreensão do que é um bem arqueológico e as implicações dessa denominação.

Seguimos o princípio que um bem arqueológico compreende os vestígios materiais, identificados de forma isolada ou em grupo, da ocupação de qualquer grupo humano em um espaço específico. Para mais, um bem arqueológico é assim entendido quando esse vestígio criado pela cultura humana permite interpretações das modificações sociais das sociedades, de seus desejos e desencadeia, sob os princípios arqueológicos, a compreensão do desenvolvimento histórico de seus grupos constituidores.

Esse entendimento de bem arqueológico é inspirada na concepção de património arqueológico postulada pelo Icomos:

O “património arqueológico” é aquela parte do material arqueológico a partir da qual os métodos arqueológicos proporcionam informação

primária. Ele compreende todos os vestígios da existência humana e consiste em sítios relacionados com todas as manifestações da actividade humana, estruturas abandonadas, e vestígios de todos os tipos (incluindo sítios subterrâneos e subaquáticos), bem como todos os materiais culturais transportáveis que lhes estão associados (CONSELHO..., 1990, p. 3).

Não utilizamos a denominação património arqueológico para as ruínas de Remanso Velho por compreendermos que essa classificação requer que um bem cultural tenha passado por um mecanismo de processos que colocam os vestígios arqueológicos em um status elevado de acautelamento particular, legitimado por um instrumento legislativo. Dessa forma, como Remanso Velho não é reconhecido como património arqueológico pelas instituições oficiais que legitimam esse status, denominamos esse conjunto de estruturas como sítio arqueológico.

Quanto ao sítio arqueológico, compreendemos que esse equivale ao território onde se é possível, através da observação de sua paisagem e da pesquisa arqueológica dos vestígios materiais presentes, entender e caracterizar os indivíduos que ali estiveram no passado.

Registrado ou não como património, a salvaguarda de um bem arqueológico está vinculada ao papel que ele ocupa na constituição da memória de sua comunidade. A memória corresponde ao vínculo existente entre os membros de uma sociedade no decorrer de toda sua história (LE GOFF, 2007). Posto isto, é essa ligação que propicia que um vestígio arqueológico seja identificado por sua comunidade como um componente notável de suas histórias, estimulador de sentimentos e desencadeador de reflexões relativas às suas vidas.

No campo de conhecimento da área da arqueologia, há uma área denominada arqueologia histórica que vem, por meio de suas investigações, estudando os vestígios arqueológicos como os referentes à colonização do Brasil e outros que perpassam pelos processos de construção social do país até os dias atuais.

De acordo com Charles Orser Jr., o que realmente caracteriza os objetivos da arqueologia histórica “*es la forma en que cada elemento se adapto y fue transformado por el proceso que, desde el inicio, llevó al europeo a establecer asentamientos coloniales en todo el mundo, y posteriormente, a formar nuevas naciones*” (ORSER JR., 2000, p. 36). Assim, por tratar de temáticas relativamente mais próximas temporalmente das sociedades atuais, a arqueologia histórica propiciou nas sociedades

que foram beneficiadas por seus estudos, um sentimento de pertencimento e de auto reconhecimento com os bens arqueológicos, foco de suas pesquisas.

Esta identificação está ligada também ao destaque dado a diversidade de vestígios arqueológicos pesquisados que passou a englobar exemplares das mais variadas culturas. Essa diversidade evidenciou, por meio da análise dos bens arqueológicos, as contradições existentes dentro das estruturas sociais e vem promovendo o rompimento de modelos teóricos que estabeleciam fronteiras entre um bem arqueológico e sua comunidade.

Apesar de as discussões políticas abrangerem nos últimos anos a temática relativa à cultura popular, como consequências do modelo econômico adotado nas últimas décadas, diversos bens culturais que representavam a cultura de populações mais recentes foram destruídos sob a justificativa de renovação e progresso. Assim, nesse contexto de apagamento, o fazer arqueológico passou também a enfatizar os indícios materiais envolvidos nesse processo e buscou, por meio da realização de pesquisas, o registro, a identificação e o conhecimento dos vestígios das sociedades mais recentes.

As cidades são os espaços mais afetados por esse modelo de desenvolvimento. O progresso que se é pensado é enraizado pela ideia de uma renovação onde o que já está solidificado deve ser destruído para dar lugar a uma nova concepção de futuro. Como consequência, os bens arqueológicos existentes em cidades acabam por simbolizar, no contexto desta interpretação distorcida de progresso, a materialização de um passado que não quer ser lembrado.

Como medida paliativa, as intervenções dos projetos de renovação urbana, por pressão estatal, passaram a incluir estudos arqueológicos voltados para o salvamento de vestígios materiais, que possivelmente estariam condenados a destruição em virtude dessas intervenções. Porém, a pesquisa nesta área vem nos últimos anos sofrendo com diversas ameaças por meio de políticas públicas que desconsideram o espaço urbano e bens culturais.

Essa especificidade do campo da arqueológica histórica com as áreas urbanas proporcionou um campo de conhecimento mais delineado do fazer arqueológico atrelado às cidades, denominado como arqueologia urbana. Essa é definida por Tânia Andrade Lima como o campo de estudo:

a quem interessa primordialmente analisar o uso e a transformação do espaço através do tempo nas cidades, por meio das evidências arquitetônicas, porquanto elas definem os limites espaciais das atividades e da distribuição dos artefatos (LIMA, 1989, p. 9).

Assim, a arqueologia urbana busca entender os processos de transformações ocorridos nos espaços das cidades utilizando as estruturas arquitetônicas, ou as suas ruínas, como elemento central de seus estudos. Esses testemunhos materiais possuem potencial para indicar os processos de ocupação humana de seus territórios, constituindo, assim, uma importante fonte de informação arqueológica.

Apesar das mudanças nas ações de oficialização do patrimônio cultural urbano e nas políticas públicas que englobam esse campo, compreendemos que estes processos ainda necessitam de mudanças e da implementação de novos princípios, onde seja priorizada a diversidade e a inclusão de exemplares de bens culturais dos diversos grupos culturais que vivem no nosso país.

2. 3 Arqueologia e museologia

Cabe expormos as conexões existentes entre a arqueologia e a museologia e como essas ligações interferem na gestão desses bens e no fazer museológico.

A função social de um bem arqueológico só é concretizada quando esse passa por formas de apropriação e conhecimento pela comunidade de qual ele faz parte. Essa apropriação é o que dá sentido a todo o ciclo de pesquisa arqueológica, pois possibilita que a sociedade reconheça seus bens culturais. Nesse contexto, a museologia e a arqueologia podem contribuir de forma ativa, propiciando meios que possibilitam a valorização, o conhecimento e a preservação dos bens culturais.

Os artefatos arqueológicos cumprem sua função social e têm os seus valores simbólicos reconhecidos pela sua comunidade quando são envolvidos em ações museológicas ou arqueológicas permeadas por princípios que busquem a inovação de suas funções e a discussão dos elementos que levaram a sua categorização como bem cultural. Assim, a museologia contribui de forma significativa à prática da arqueologia ao possibilitar que seu objeto de estudo tenha seu conhecimento democratizado com sua comunidade.

Dessa forma, a “musealização da arqueologia” ou, noutra perspectiva, os processos de musealização dos bens arqueológicos, constrói uma nova realidade onde a

comunidade se aproxima de seu bem cultural por meio de processos de apropriação e do desenvolvimento de ações que despertam sentimento de pertencimento. Além do conhecimento inerente de cada artefato, um bem arqueológico tem propriedades que exercem interferências na construção e transformação da memória e da identidade de uma determinada comunidade. Corroborando com esse entendimento, Maria Cristina de Oliveira Bruno aponta que a museologia proporciona, por meio de suas ações preservacionistas, a transformação de bens culturais arqueológicos em herança patrimonial, o que possibilita, assim, o fortalecimento das percepções de identidade e pertencimento (BRUNO, 2000).

Destarte, as ações de sensibilização cultural por meio de instrumentos arqueológicos ou museológicos, quando implementadas na gestão de sítios arqueológicos, podem constituir instrumentos que possibilitam o empoderamento, o reconhecimento e a salvaguarda de artefatos por decifrar raciocínios estruturais que mantêm a exclusão ou exaltação de específicas memórias.

De acordo com Bruno, a “musealização da arqueologia” envolve uma “cadeia operatória”, que compreende a seguinte concepção:

(...) procedimentos museológicos de salvaguarda (conservação e documentação) e comunicação (exposição e ação educativa-cultural), aplicadas à realidade arqueológica, constituída a partir de referências patrimoniais, coleções e acervos. Por um lado, estes estudos buscam o gerenciamento e preservação destes bens patrimoniais e, por outro, têm a potencialidade de cultivar as noções de identidade e pertencimento (BRUNO, 2014, p. 6).

O processo comunicativo atrelado às ações museológicas também possibilita a democratização do conhecimento elaborado pelos arqueólogos, que até pouco tempo era restrito ao contexto de sua produção. Ademais, nos últimos anos, essa prática tem sido transformada por meio de conexões interdisciplinares, sendo a museologia uma das principais fontes de possibilidades do fornecimento de meios de integração social aos bens arqueológicos.

Como já afirmado nesta pesquisa, ressaltamos que o fazer museológico não está necessariamente atrelado a um museu. Compreendendo que a museologia analisa as relações entre os bens culturais e suas comunidades, entendemos o que o alcance desse objetivo perpassa pela aplicação de processos museológicos que ultrapassem os limites moduladores institucionais e trilhem um caminho de busca por reflexões e a

compreensão das conexões entre indivíduo e objeto cultural. Ações educativas integrativas, como exposições, fazem parte de processos museológicos que promovem a participação de seus participantes e se constituem em um importante meio democratizador e produtor de conhecimento e de significados. No âmbito dessa compreensão, Bruno expõe que a museologia propicia que a arqueologia possa “(...) desenvolver processos técnicos e científicos para que, a partir dessa relação, o patrimônio seja transformado em herança e contribua para a construção das identidades” (BRUNO, 1999, p. 3).

Os processos de musealização, ao considerarem o sujeito integrante da comunidade do bem arqueológico como agente participativo ativo no processo decisório nos princípios das ações museológicas e nos modelos de sua aplicação, colabora para que o bem cultural envolvido nestas ações seja transformado em herança e como elemento construtor e transformador de identidades.

2.4 Reconhecendo o caminho: procedimentos e métodos de abordagem

Neste tópico são expostos os procedimentos adotados para a obtenção dos dados da pesquisa de campo.

2.4.1 Obtenção de dados

Com o intuito de atender os objetivos propostos por esta pesquisa, a obtenção dos dados compreendeu ações realizadas nas seguintes etapas: caracterização e identificação das relações existentes entre a comunidade e o sítio arqueológico Remanso Velho; categorização dessas relações; levantamento dos processos e agentes históricos que delinearão o panorama identificado; identificação da representatividade do lugar ocupado pelas ruínas de Remanso Velho na memória e identidade de sua comunidade; e constatação da hipótese inicialmente apresentada.

A obtenção dos dados necessários a essas etapas foi fundamentada pelos seguintes métodos de procedimento sob a perspectiva da abordagem qualitativa: levantamento bibliográfico, observações *in loco* e entrevistas semiestruturadas.

A caracterização e a identificação das relações existentes entre a comunidade e o sítio arqueológico Remanso Velho e a identificação da representatividade do lugar ocupado por este sítio na memória e identidade de sua comunidade foram construídas

por meio dos três métodos de procedimentos apontados. O levantamento bibliográfico foi realizado abrangendo a identificação das relações entre bem cultural e comunidade em produções literárias, nos trabalhos acadêmicos e em textos avulsos que tratem sobre o objeto de estudo. Foi dada especial atenção à produção literária de autores locais.

Por meio de observações *in loco* foram identificadas as atividades praticadas nas ruínas de Remanso Velho pela atual comunidade que simbolizem as relações. Essas observações ocorreram esporadicamente e de forma sigilosa, com o intuito de evitar qualquer influência na obtenção dos dados necessários.

O processo de entrevistas buscou por meio da memória, elemento indicador das possíveis relações existentes entre um bem cultural e a comunidade da qual esse bem faz parte, atingir os objetivos propostos pela pesquisa. A memória influencia diretamente no que a comunidade é e o que pode vir a se tornar, pois cada lembrança vivenciada ou apagada proporciona a singularidade dos povos, já que para cada comunidade há inúmeros elementos culturais e sociais diferentes interagindo e se transformando.

As entrevistas semiestruturadas foram realizadas de forma individual, em regime de memória, com trinta pessoas que possuam ou já tenham possuído algum tipo de vínculo com o sítio arqueológico Remanso Velho. Participaram da pesquisa quinze homens e quinze mulheres, sendo o mais novo com entrevistado com quatorze anos e o mais velho com setenta e oito anos. Todos residem atualmente na atual Remanso, sendo dezessete naturais da nova cidade, três de cidades do estado da Bahia (Salvador, Mundo Novo e Sento Sé), dois de cidades de outros estados (Pernambuco e Piauí), um de uma localidade do município de Remanso (Algodão) e quatro naturais de Remanso Velho.

A formação escolar dos entrevistados foi caracterizada pela seguinte composição: duas pessoas sem formação escolar, uma pessoa com ensino fundamental em andamento, três com ensino fundamental incompleto, treze com ensino médio completo, quatro com ensino médio incompleto, uma pessoa com nível técnico, dois com nível superior em andamento e três com nível superior completo.

Os entrevistados foram escolhidos de forma aleatória e as entrevistas foram realizadas em diversos pontos da cidade de Remanso. Aos entrevistados não foram utilizados os termos sítio arqueológico, patrimônio cultural e outros termos similares que pudessem influenciar de alguma forma as suas respostas.

O processo de escuta possibilitado pelas entrevistas de membros da comunidade foi de grande importância no processo de entendimento das reações sociais existentes entre bem cultural e sua referida comunidade. Ouvir o que os entrevistados têm a falar sobre o assunto pesquisado é um caminho essencial da pesquisa qualitativa. Ao pesquisador foi proporcionado o conhecimento das referências simbólicas individuais, que em conjunto formam o tecido sistemático das relações.

No processo de escuta foi necessário a utilização de um roteiro que proporcione uma teia lógica e mental ao participante do processo, que expôs suas opiniões baseadas em suas memórias. Dessa forma, foi adotado um roteiro onde, inicialmente, o entrevistador fez uma breve apresentação sobre a pesquisa e solicitou ao entrevistado sua identificação. Em seguida, foi realizada um conjunto de perguntas já pré-estabelecidas, buscando a obtenção do conhecimento do depoente referente ao sítio arqueológico estudado.

A segunda etapa consistiu em categorizar os dados obtidos por meio dos métodos de procedimentos empregados com o intuito de agrupar os elementos mais evidenciados pelas fontes pesquisadas.

A terceira etapa consistiu na identificação dos processos e agentes históricos que delinearão o panorama das relações existentes entre bem cultural e comunidade. Essa identificação foi realizada por meio de um levantamento bibliográfico envolvendo os documentos oficiais contemporâneos à época da construção da barragem de Sobradinho, e também os trabalhos acadêmicos e textos avulsos que tratam sobre o objeto de estudo. Foram incluídos nestes documentos oficiais os textos expositivos das instituições governamentais que, de alguma forma, contribuíram para o processo de implementação da referida barragem.

A quarta etapa buscou a identificação da representatividade do lugar ocupado pelas ruínas de Remanso Velho na memória e identidade da comunidade e o que esse sítio arqueológico representa para a atual população. Essa identificação ocorreu por meio da análise das representações simbólicas nas produções bibliográficas e pela análise dos dados obtidos por meio das entrevistas semiestruturadas e observações *in loco*.

A última etapa, constatação da hipótese, foi realizada por meio da análise dos dados coletados nos objetivos propostos e por correlações entre o panorama caracterizado.

Capítulo III – Relações entre a comunidade e o sítio arqueológico

O conjunto de dados obtidos pelos procedimentos metodológicos possibilitou compreender, principalmente pela escuta dos depoentes, as relações socioculturais existentes entre a população da atual cidade de Remanso e o sítio arqueológico Remanso Velho. Neste capítulo, apresentaremos uma síntese dos resultados das entrevistas e, posteriormente, a análise destes resultados de forma entrelaçada como os objetivos da pesquisa.

3.1 Resultados

3.1.1 Observações *in loco*

O procedimento das observações *in loco* foi realizado em seis idas as ruínas de Remanso Velho com o intuito de observar as interações existentes entre a atual população que visita o local.

Quando o Lago de Sobradinho passa por períodos de seca, grandes extensões de terras desmatadas são expostas à superfície, assim como o sítio arqueológico Remanso Velho. Como prática cultural, parte da população aproveita dos grandes pastos que afloram nessas áreas desmatadas para a prática da agropecuária e da agricultura. No caminho entre a atual Remanso e Remanso Velho, e até mesmo na área das ruínas, são identificadas plantações de espécies alimentícias como o feijão. A pecuária é também identificada em Remanso Velho, onde é possível observar a movimentação de gado entre as ruínas.

A atual Remanso possui um porto fluvial, que é acessado por um cais que sai da atual sede e adentra o Lago de Sobradinho por aproximadamente 1,5 quilometro. Esse porto é utilizado para o embarque e desembarque de passageiros que vem da cidade de Sento Sé e por pescadores com seus barcos que praticam a pesca no rio São Francisco. Porém, no período de seca, as águas do Lago de Sobradinho regridem ao curso original do rio e o porto fluvial da atual cidade acaba em desuso. Como originalmente o nível das águas é na margem de Remanso Velho, parte das embarcações passam a usar a antiga cidade como porto fluvial.

Outra consequência do período de seca que interfere diretamente sobre o sítio arqueológico é o uso pelo Saae da área central como local de captação de água para abastecimento humano da atual população e para a distribuição de água em carros-pipa para povoados do município de Remanso e de outros municípios do Piauí que fazem fronteira com Remanso.

Em toda a área do sítio foi observado que as ruínas não estão inclusas em um programa de gestão de conservação ou de preservação. Parte do antigo bairro Capão da antiga cidade estava coberto por uma vegetação. A área da antiga orla fluvial, trecho mais visitado por turistas e pela a população atual, não possuía nenhum programa de coleta de resíduos sólidos gerados pelos visitantes e estava repleta em sua superfície por lixo relacionado a atividades festivas (plásticos, latas de cerveja e refrigerante e embalagens plásticas alimentícias).

No caminho entre a atual Remanso e até o ponto de Remanso Velho onde era realizada a captação de água para abastecimento humano na cidade, foi observado a presença de entulhos cobrindo diversos buracos que afloram com a variação do Lago de Sobradinho. Ao analisarmos os entulhos, observamos que eles correspondiam às ruínas de Remanso Velho, fato comprovado no sítio ao constatarmos também a destruição das ruínas e a retirada dos entulhos por tratores a serviço do Saae.

A principal atividade desenvolvida pela maior parte dos visitantes no sítio compreende um conjunto de atividades de lazer, que englobam a prática da pesca amadora, banho no rio São Francisco e consumo de bebidas e alimentos em barracas, próximo as margens do rio.

Uma outra atividade observada foi a visitação das ruínas, principalmente dos antigos reservatórios de água, do cais fluvial e do altar da igreja matriz, por pessoas do próprio município e de visitantes de outras cidades. Foi percebido que a principal ação dos visitantes corresponde em tentar identificar o que possivelmente eram aquelas ruínas antes de passarem pelos processos destrutivos.

Finalizando o levantamento de informações via observação *in loco*, foi observada diversas ações destrutivas das ruínas por parte da atual população, como a retirada de materiais construtivos, a degradação das poucas estruturas arquitetônicas ainda possíveis de identificação, pichações em algumas ruínas, além da farta quantidade lixo e do processo de retirada dos entulhos já expostos.

3.1.2 Processo de entrevistas

O outro procedimento de obtenção de dados, as entrevistas, tiveram as suas perguntas pré-estabelecidas pelo roteiro como caminho norteador no processo de escuta dos depoentes sobre os assuntos relativos à temática da pesquisa. Ao lidarmos com a escuta da comunidade, procedemos de forma ética à observação da perspectiva do entrevistado sobre o assunto investigado, dando atenção especial à vertente histórica e social de cada indivíduo e de toda a comunidade. Em uma pesquisa que utiliza entrevistas como meio de obtenção de dados, o pesquisador deve estar atento ao contexto dos envolvidos, pois o conhecimento deste permite inferir os significados à experiência relatada pelas falas dos depoentes.

No levantamento dos dados por meio dos relatos dos membros da comunidade, as entrevistas semidirigidas tiveram as suas perguntas pré-estabelecidas pelo roteiro como caminho norteador no processo de escuta dos depoentes sobre os assuntos relativos à temática da pesquisa.

O processo de escuta, especialmente a entrevista individual, desempenha um papel de grande importância em pesquisas que buscam compreender relações existentes entre bens culturais e suas respectivas comunidades. Permitir que a comunidade atrelada exponha sobre seus bens culturais é um caminho essencial em um levantamento científico qualitativo, pois possibilita ao pesquisador o caminho de aprendizado sobre as concepções da comunidade sobre seus respectivos bens culturais.

Bosi, ao expor sobre o processo de escuta de depoentes, relata que ao utilizarmos o método do depoimento oral devemos estar atento as interpretações das falas obtidas e a ordenação dada pelo sujeito entrevistado aos fatos expostos: “Essa ordenação obedece a uma lógica afetiva, cujos motivos ignoramos; enfim, recontar é sempre um ato de criação” (BOSI, 2003, p. 62).

O roteiro aplicado (Apêndice A), busca por meio de perguntas abertas e de uma análise qualitativa, obter dos entrevistados suas perspectivas relativas ao sítio arqueológico Remanso Velho, principalmente suas concepções relativas ao valor simbólico do sítio, as relações entre comunidade e bem arqueológico, e o papel que esse bem cultural desempenha na memória local (ambos objetivos desta dissertação).

O roteiro não foi aplicado de forma rígida, sendo as perguntas previstas servindo apenas de base para a obtenção das perspectivas dos entrevistados. Assim, foi previsto a aplicação de dez perguntas:

- 1- Você lembra como conheceu Remanso Velho?
- 2- Qual foi sua impressão inicial?
- 3- Você se lembra de um momento que tenha marcado essa vivência?
- 4- Conte como era ou ainda são os momentos que você possui contato com Remanso Velho?
- 5- Quais atividades você realiza neste espaço?
- 6- Quais atividades você realiza em conjunto com os demais membros da comunidade em Remanso Velho?
- 7- Quais atividades os demais membros da comunidade da atual Remanso desenvolvem em Remanso Velho?
- 8- O que representa Remanso Velho para você?
- 9- Na sua história de vida, qual o a importância de Remanso Velho?
- 10- O que deve ser feito com as ruínas de Remanso velho? Por quê?

Como parte final da entrevista, foi destinado aos depoentes um momento para que fossem dadas opiniões, pensamentos, críticas e sugestões não tratadas no decorrer das perguntas apresentadas. Todos os entrevistados assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice B) com consentimento de participação na pesquisa.

Todas as perguntas realizadas buscaram obter os significados e percepções dos entrevistados por meio de interpretações das falas sobre o sítio arqueológico Remanso Velho e perpassam por três eixos temáticos da pesquisa relacionados aos objetivos da mesma: valor simbólico, relações socioculturais e lugar de memória.

Tendo em vista a impossibilidade de se ouvir toda a comunidade de Remanso, esta pesquisa buscou manter como eixo principal delineador das escolhas dos entrevistados a vinculação destes com o sítio arqueológico Remanso Velho. Além disso, o levantamento foi realizado por amostragem buscando abarcar uma maior variabilidade de pessoas pertencentes aos diversos grupos sociais, as variadas faixas etárias e nível de escolaridade. Foram entrevistados 30 indivíduos, sendo 15 homens e 15 mulheres (Tabela 01).

Tabela 1: Lista e perfil dos entrevistados					
Entrevistado	Gênero	Naturalidade	Morou em Remanso Velho	Idade	Escolaridade
Adelaido Viana do Nascimento	Masculino	Remanso Velho	Sim	68	Superior completo
Alessandro Paes Landim	Masculino	Remanso Novo	Não	34	Nível técnico
Aline de Souza Vieira	Feminino	Remanso Novo	Não	29	Superior em andamento
Ana Patrícia Silva Santos	Feminino	Remanso Novo	Não	34	Superior completo
Antônio Mendes dos Santos	Masculino	Remanso (zona rural)	Não	60	Sem escolaridade
Carina Dias de Souza	Feminino	Remanso Novo	Não	36	Ensino médio completo
Deusdete da Silva Nascimento	Masculino	Remanso Novo	Não	32	Ensino médio incompleto
Elder Vinicius de Almeida	Masculino	Remanso Novo	Não	26	Ensino médio completo
Elizandro Ribeiro da Silva	Masculino	Remanso Novo	Não	31	Ensino médio completo
Fernanda Mirelli Nascimento Dias de Souza	Feminino	Sento Sé/BA	Não	14	Fundamental em andamento
José Nonato Dias Filho	Masculino	Remanso Novo	Não	31	Ensino médio completo
Josemar dos Santos Souza	Masculino	Remanso Novo	Não	31	Ensino básico incompleto
Lucas de Sá Santos	Masculino	Salvador	Não	20	Ensino médio completo
Macilene dos Santos Marcedo	Feminino	Remanso Novo	Não	31	Superior completo
Manoel Antônio dos Santos	Masculino	Remanso Velho	Sim	73	Ensino médio completo
Mailton Nogueira dos Santos	Masculino	Remanso Novo	Não	25	Ensino médio completo
Marciocley Santana Mota	Masculino	Remanso Novo	Não	35	Ensino médio completo

Maria de Fatima Costa de Oliveira	Feminino	Piauí	Não	59	Ensino médio completo
Maria de Lourdes Silva Viana	Feminino	Pernambuco	Não	65	Ensino médio completo
Maria do Socorro Magalhães	Feminino	Remanso Novo	Sim	47	Ensino médio completo
Mizael Magalhães Santos Alves	Masculino	Remanso Novo	Não	25	Superior em andamento
Nair Patrocínio dos Santos	Feminino	Piauí	Sim	78	Sem escolaridade
Quirina Dias de Souza	Feminino	Remanso Velho	Sim	60	Ensino médio completo
Rafaela de França Pereira de Lacerda	Feminino	Remanso Novo	Não	23	Ensino médio incompleto
Romário da Silva Souza	Masculino	Remanso Novo	Não	32	Ensino médio incompleto
Vagner de Jesus Souza	Masculino	Remanso Novo	Não	22	Ensino médio incompleto
Valdelice Moreira	Feminino	Mundo Novo BA	Sim	74	Sem escolaridade
Valdilene Magalhães Santos Alves	Feminino	Remanso Velho	Sim	46	Ensino básico incompleto
Zoraide Dias Passos Britos	Feminino	Piauí	Não	51	Ensino médio completo

O tratamento dos dados obtidos pelos procedimentos de pesquisa foi realizado por meio da estática indutiva amostral, que segundo Wecley Otero Prates, corresponde “a aquela que partindo de uma amostra, estabelece hipóteses, tirar conclusões sobre a população de origem e que fórmula previsões, fundamentando-se na teoria das probabilidades” (PRATES, 2015, p. 56). Na prática, foi realizada a coleta de dados e observado e interpretado os resultados por meio de um processo de generalização do método indutivo. Dessa forma, foi pretendido obter uma conclusão por meio de uma amostra populacional de toda a comunidade.

A seguir, apresentaremos as principais perguntas e as suas respostas, que foram evidenciadas com o processamento dos dados.

3.1.3 Análise e interpretação dos dados

A primeira pergunta questionou os entrevistados de como eles haviam conhecido o sítio arqueológico Remanso Velho. Todos os depoentes responderam às perguntas, sendo constatado que aproximadamente a metade conheceu o sítio por indicação ou incentivo de outros moradores, seja na infância, quando foram levadas por seus familiares à primeira sede do município (dez entrevistados), ou sob o incentivo de amigos que iam ao espaço e impulsionavam as visitas por meio de relatos do que era encontrado (quatro). Houve aqueles também que indicaram que conheceram as ruínas por iniciativa própria, em virtude da curiosidade em conhecer o local ou em reviver memórias de quando habitaram o espaço enquanto cidade (dez entrevistados). Quatro entrevistados não se recordaram de como conheceram, declarando alguns que esse esquecimento ocorria em virtude da pouca representatividade que o sítio possui em suas vidas. Houve também um entrevistado que declarou que o esquecimento era em virtude de que esse fato havia ocorrido muitas vezes e que tal recordação seria algo impossível de ser mensurada. Para finalizar, um entrevistado informou que nunca havia ido ao sítio arqueológico.

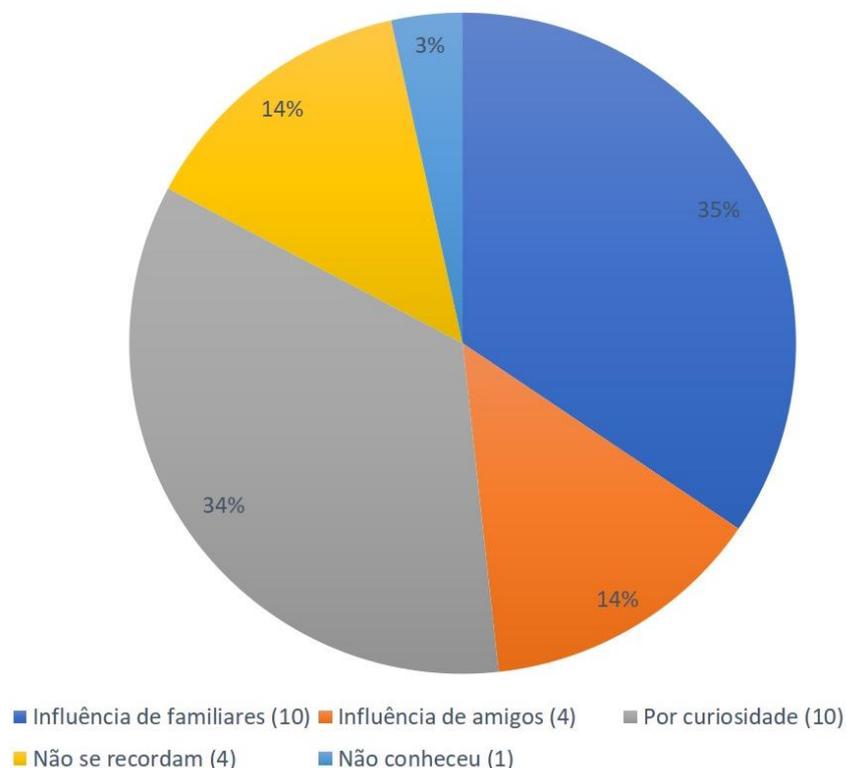


Figura 71 - Gráfico: Como conheceram o sítio arqueológico Remanso Velho.

A segunda pergunta questionou os depoentes sobre quais teriam sido as suas respectivas impressões iniciais no primeiro contato com as ruínas de Remanso Velho. Todos os depoentes responderam às perguntas, sendo que parte significativa dos entrevistados, 16, relataram que ao entrarem em contato com o sítio arqueológico foram tomados pelo sentimento de tristeza em virtude de se sentirem sensibilizados com a destruição de uma cidade ligada a história de suas vidas. Foi também demonstrado saudosismo e certa afetividade com a antiga cidade, ou de como poderia ter sido suas vidas se Remanso Velho nunca tivesse sido destruída. Foi relatado também que ao conhecerem as ruínas sentiram que este espaço estava abandonado, sem nenhum tipo de cuidado.

Nesse mesmo grupo foi exposto por alguns entrevistados que ao se depararem com os restos da antiga cidade começaram a idealizar que ela teria sido um melhor lugar para se viver. Cinco entrevistados informaram que a paisagem das ruínas, em conjunto com o rio São Francisco, possibilitavam um espaço de lazer. Houve também aqueles que relataram que, de imediato, a primeira ação ao conhecer Remanso Velho é a de tentar correlacionar as ruínas às suas antigas funções enquanto estruturas arquitetônicas (seis entrevistados). Um entrevistado relatou que não sentiu nada de especial ao se deparar pela primeira vez com as ruínas e um último informou que não conheceu as ruínas.

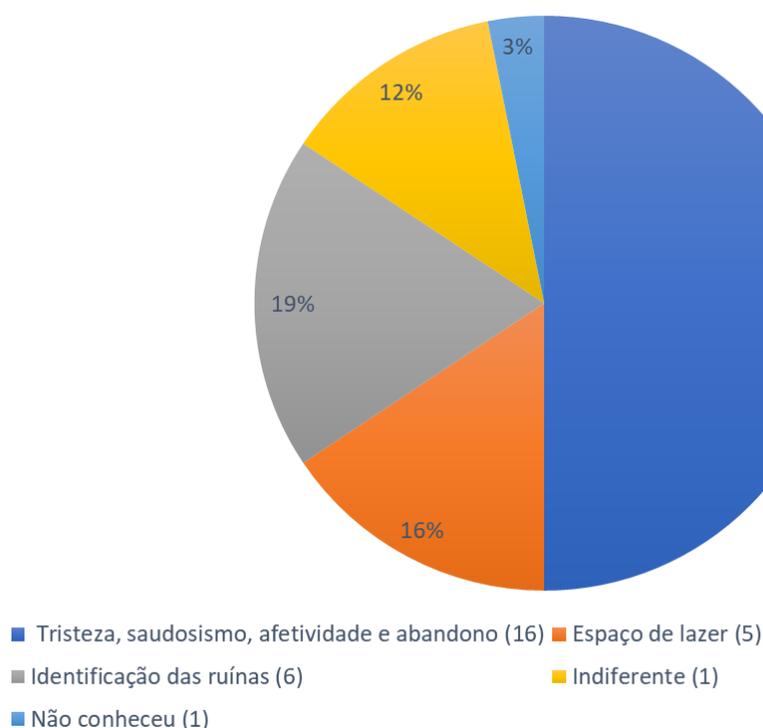


Figura 72 – Gráfico: Impressões iniciais no primeiro contato com as ruínas de Remanso Velho

A terceira pergunta indagou aos depoentes sobre qual momento havia marcado o contato deles com as ruínas de Remanso Velho. Todos os depoentes responderam às perguntas, sendo que aproximadamente a metade dos entrevistados, 17, indicaram que a ação de correlacionar as ruínas com suas antigas funções e imaginar como era a cidade antes de sua destruição foi a ação mais marcante da interação. Para o restante dos entrevistados, o fato ou momento mais marcante indicado correspondeu a função de espaço de lazer proporcionada pela paisagem do sítio (cinco entrevistados); dois se espantaram com o estado de destruição da cidade e com falta de conservação das antigas estruturas; dois foram marcados pelos sentimentos de recordação proporcionada pela memória atrelada às ruínas ainda identificáveis. Um entrevistado indicou que o fato de haver muito lixo deixado pela atual população na área durante atividades de lazer foi o fato mais marcante. Um informou que não conhece o sítio e um outro indicou que nada marcou o seu contato com o sítio arqueológico.

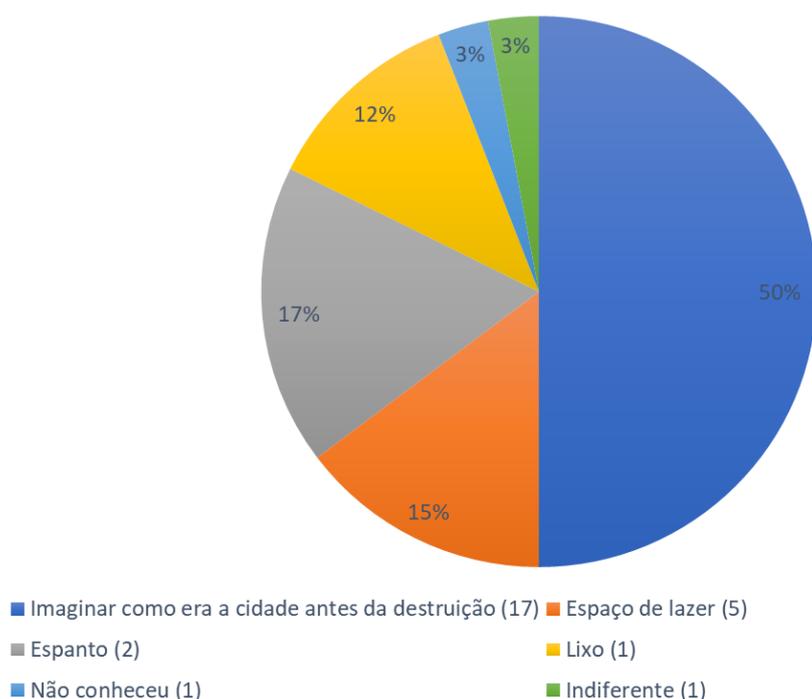


Figura 73 - Gráfico: Qual o momento havia marcado o contato com as ruínas de Remanso Velho.

A quarta pergunta, com o intuito de correlacionar as reações demonstradas pelas três primeiras perguntas, questionou os entrevistados sobre quais atividades individuais eles desempenham quando frequentam as ruínas de Remanso Velho. Todos os depoentes responderam às perguntas, sendo que a maioria (24) informou que

frequentam o espaço buscando a realização de atividades de lazer, como a pesca esportiva, o banho no rio e alimentação em barracas comerciais que são instaladas na área. Nesse mesmo grupo que frequentam o espaço para o desempenho de atividades de lazer, foi indicado por nove entrevistados que além desta atividade, eles iam ao espaço se recordar, por meio das ruínas, da antiga cidade e reviver as histórias suas histórias. O restante do grupo informou que vão as ruínas somente para se recordar da antiga cidade (três); um informou que não conhece o espaço; e outro entrevistado disse que não frequenta a área.

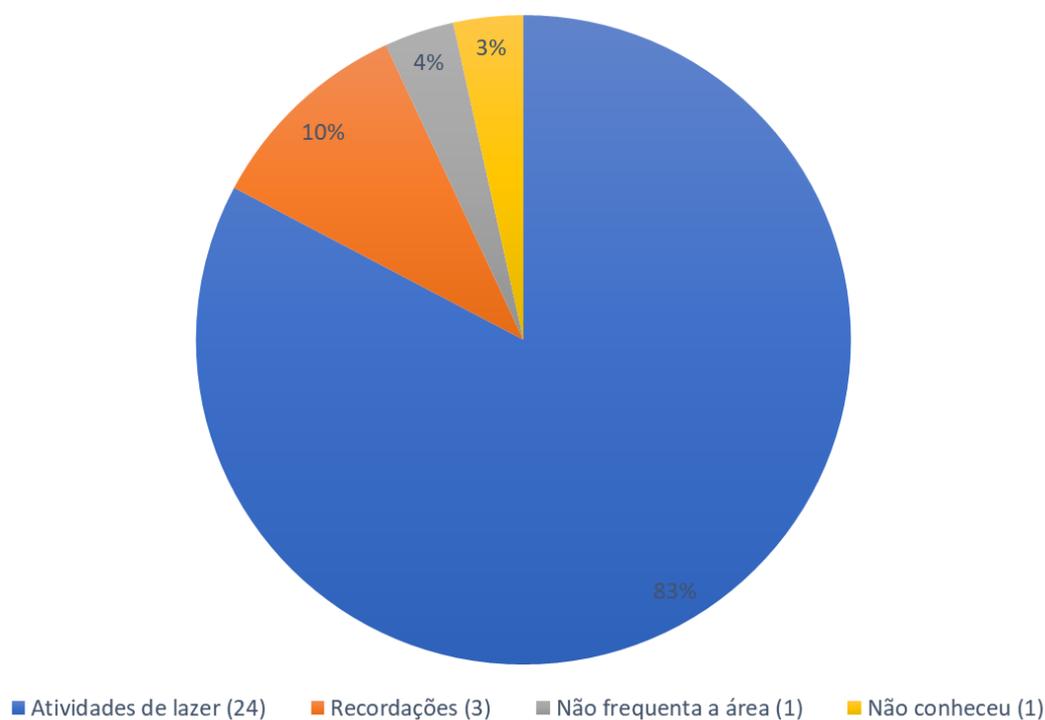


Figura 74 - Gráfico: Atividades individuais desempenhadas nas ruínas de Remanso Velho.

A quinta pergunta questionou o que Remanso Velho representa para cada entrevistado. Todos os depoentes responderam às perguntas, sendo que a maioria dos depoentes (19) indicou que as ruínas representam a história do município, sendo que neste grupo, treze trataram essa representação histórica de forma geral e seis indicaram que representam a história relacionada as suas respectivas famílias. Do restante do grupo pesquisado, dois entrevistados indicaram que a área representa um ponto turístico da cidade, um disse que corresponde à recordação de uma época em que as condições de vida eram melhores, um outro apontou que o sítio corresponde a um patrimônio

histórico. Um último entrevistado informou que o sítio arqueológico não representava nada.

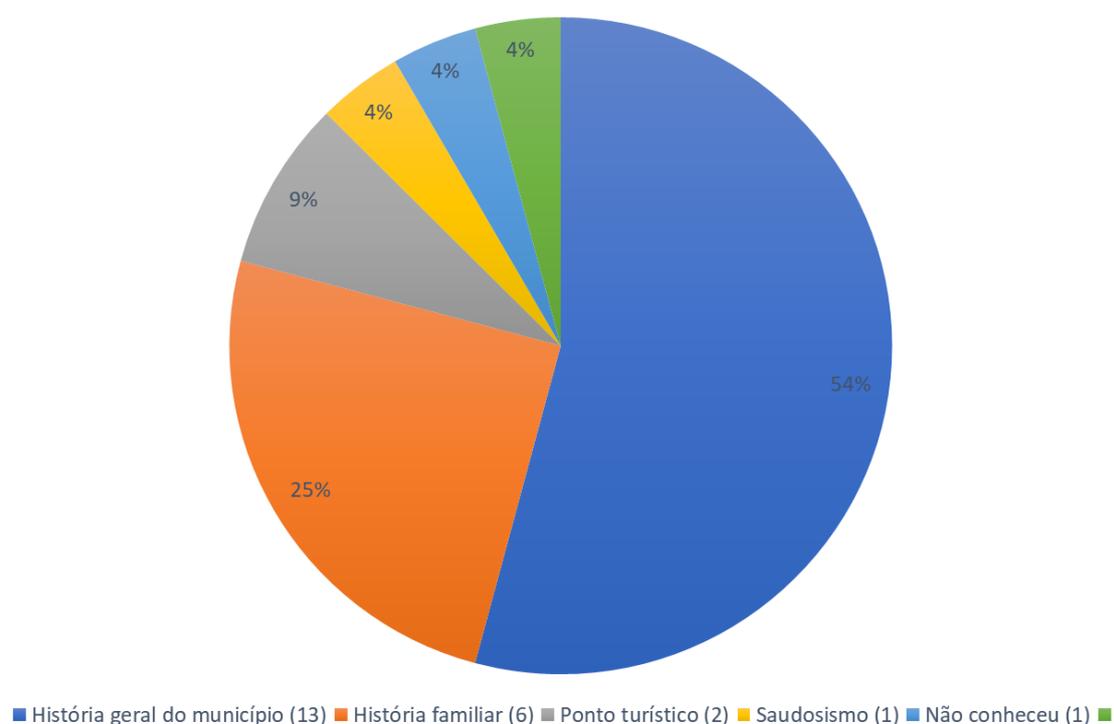


Figura 75 - Gráfico: Simbologia de Remanso velho para cada entrevistado.

A sexta e última pergunta questionou aos participantes da pesquisa sobre se deveria ser feita alguma coisa com as ruínas de Remanso Velho, e se sim, o que deveria ser feito e o porquê dessa ação. Todos os depoentes responderam às perguntas, sendo que a principal resposta indicada foi que o sítio arqueológico deveria ser transformado em um local turístico (21 entrevistados), sendo que desse grupo, 16 depoentes apontaram a necessidade de preservação das ruínas com o intuito de resguardar os restos da antiga cidade de sua total destruição.

Ainda sobre o que deveria ser feito com as ruínas de Remanso Velho, no grupo pesquisado foi apontado por três participantes que o poder público deveria promover formas de reaproveitamento do material construtivo oriundo das antigas estruturas arquitetônicas pela atual população de Remanso (tijolos, rochas, ferros, tubulações, revestimentos de piso). Três entrevistados apontaram a necessidade de realização de um levantamento histórico que possibilitasse a caracterização e a identificação das ruínas componentes do sítio Remanso Velho, visando o registro e a divulgação para as futuras

gerações. Um depoente apontou que a área do sítio arqueológico deveria ser utilizada em um projeto novo do sistema de abastecimento de água da atual sede do município; três entrevistados informaram que não deveria ser feito nada no espaço e um se disse indiferente quanto a este assunto.

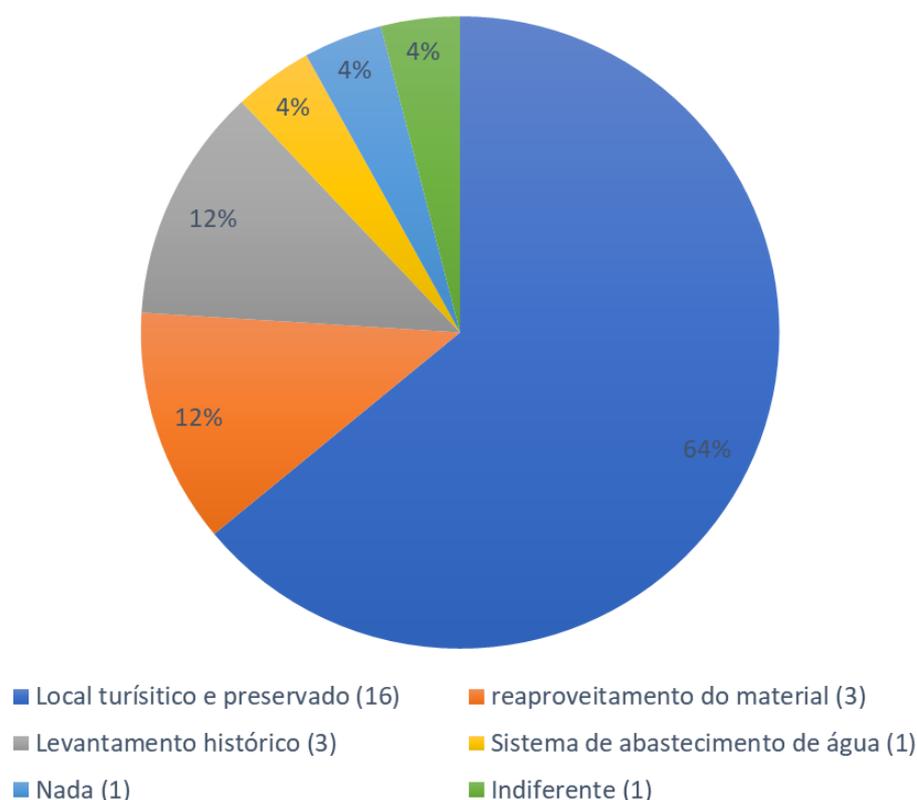


Figura 76 - Gráfico: O que deveria ser feito com o sítio arqueológico Remanso Velho.

Sobre o uso de materiais construtivos na implantação de barramentos para o represamento de águas, como ocorreu na construção da Barragem de Sobradinho, é procedimento de segurança e questão sanitária a retirada de estruturas arquitetônicas das áreas que serão alagadas. O intuito principal é garantir a navegabilidade e a qualidade das águas para o consumo humano e a manutenção do ecossistema. No caso de Remanso Velho, no momento de sua transformação em ruínas, a Chesf incentivou os moradores a retirada de todos os materiais construtivos dos escombros da cidade.

Nos momentos posteriores em que o Lago de Sobradinho está em período de seca, foi prática comum a retirada de tijolos e materiais semelhantes. Essa prática vem diminuindo cada vez mais em virtude da diminuição da disponibilidade destes tipos de materiais. Compreendemos que no contexto atual de Remanso Velho, as questões de

segurança e sanitária estão garantidas e que a prática da retirada de materiais construtivos das ruínas, além de desfigurar o sítio arqueológico, ocasionará a sua total destruição.

Finalizada as perguntas pré-estabelecidas, foi questionado aos entrevistados se eles possuíam alguma opinião, crítica ou sugestão relativa ao sítio arqueológico Remanso Velho. A maioria das respostas foram repetições do conteúdo expostos nas perguntas anteriormente. Entretanto, o depoente Alessandro Paes Landim declarou que “os órgãos municipais, estaduais e federais responsáveis possam realizar algo para que possa mapear e preservar para que futuras gerações conheçam parte de sua história”. Já Marciocley Santana Mota destacou a mudança nos aspectos da cultura imaterial local, informando que a antiga cidade de Remanso “deixou muita história... Muita cultura ficou lá, que nem reis de ouro, São Gonçalo, essas coisas que não tem mais”. A depoente Maria do Socorro Magalhães enfatizou o reuso do material construtivo ainda existente no sítio arqueológico: “a sugestão é essa: restaurar o material para usar aqui, quantas pessoas moram em barracos e aqueles tijolos lá, mas muita gente não tem dinheiro para pagar o frete e nem tem como trazer, aí teria que pagar alguém, isso seria projeto mesmo da prefeitura, resgatar aquilo ali para fazer alguma coisa”.

3.1.4 Relações entre sítio arqueológico Remanso Velho e comunidade

Compreender as relações socioculturais existentes entre a comunidade da atual cidade de Remanso e o sítio arqueológico Remanso Velho está diretamente relacionado ao papel da museologia enquanto campo de conhecimento. Assim, a concepção de museologia utilizada neste projeto tem como ponto de partida o seguinte entendimento:

[..] uma abordagem específica do homem frente à realidade cuja expressão é o fato de que ele seleciona alguns objetos originais da realidade, insere-o numa nova realidade para que sejam preservados, a despeito do caráter mutável inerente a todo objeto e da sua inevitável decadência, e faz uso deles de uma nova maneira, de acordo com suas próprias necessidades (MENSH,1994, p. 20).

Essa compreensão da museologia é aqui interpretada como um campo de estudo científico que analisa o fenômeno da ação humana simbolizada pela relação ou pelas relações existentes entre a comunidade e o seu bem cultural. Essa relação ou relações é/são observada(s) na ação de escolha social de determinados objetos, para inseri-los em

um novo contexto, onde se é buscada a preservação, a promoção e uso como ferramenta de transformação e desenvolvimento sociocultural.

Assim, as atividades da museologia, como conservação, catalogação, classificação, exposição, comunicação, restauração, documentação e pesquisa, são mantidas. Porém, como afirmamos anteriormente, a prática dessas atividades não estará necessariamente vinculada à execução em um espaço ou museu institucionalizado. O objetivo principal é aplicação de métodos que busquem nas sociedades a apropriação dos bens culturais, contribuindo para que a memória seja envolvida em um processo construtivo, de forma a se adaptar às transformações culturais, para que a identidade seja vivida na pluralidade e em respeito às suas diferenças.

Para a compreensão da “abordagem específica do homem frente à realidade” apontada por Peter van Mensh, é necessário definir de quais realidades estão se tratando, já que elas são inúmeras. No contexto dessa pesquisa, entendemos como realidade no contexto do objeto de estudo, o conjunto de representações simbólicas e funcionais existentes provenientes da comunidade vinculada ao sítio arqueológico Remanso Velho.

A definição do que seria comunidade desafia as formulações conceituais engessadas de um conceito padronizado em virtude das inúmeras realidades existentes e do dinamismo provindo das relações sociais. Dessa forma, diversas são as definições postuladas sobre comunidade, variando de acordo com o local e com a época de sua formulação.

Elementos como território, desejos, estrutura social, modelos políticos, normas, afetividade, parentesco e amizade estão presentes em grande parte das definições de comunidade. Contudo, a característica principal dessa definição é a necessidade de identificar os traços culturais que são mais comuns em um grupo populacional. Falar em comunidade implica na tentativa de agrupar homens e mulheres que se identificam entre si, dividindo alguma coisa em comum e que os torne ligados por vínculos de auto-reconhecimento, portanto, de identidade, que na maioria das vezes opera inconscientemente.

Pensar em comunidade como pessoas que compartilham algo em comum acarreta na reflexão de que essa consiste em um conjunto de pessoas integradas por hábitos e desejos similares, dotados de sentimento de pertencimento a um determinado local onde a maioria das trocas sociais de seus integrantes se desenvolve.

Porém, diante do dinamismo que caracteriza as sociedades, é cada vez mais remota a chance das relações de um grupo social se limitar as pessoas que o compõem. Trocas e relacionamentos com outros grupos sociais acontecem em virtude das necessidades econômicas ou por valores simbólicos que caracterizam o fluxo entre as sociedades. Além disso, a vinculação de comunidade a um determinado território que corresponde ao sentimento de pertencimento pode ser existente mesmo que as pessoas que compartilham esse desejo não estejam vivendo no mesmo local onde a característica que os integra, enquanto comunidade, é originada ou vinculada.

Anthony Paul Cohen levanta outra característica do conceito de comunidade: o simbolismo. Para esse autor, a comunidade é um mecanismo simbólico construído pelos seus próprios integrantes que possibilita a observação das suas diferenças culturais. Por consequência, a própria comunidade é um símbolo que é apropriado conjuntamente por seus membros e manifesta suas próprias fronteiras (COHEN, 1985).

Ante aos argumentos apresentados, compreendemos que a comunidade ligada às ruínas de Remanso Velho é representada pelos sentidos impostos pelo conjunto de grupos sociais que se relacionam ou já se relacionaram de alguma forma material e/ou simbólica com este bem arqueológico. Assim, mesmo que determinado grupo de pessoas não resida mais no município da área estudada, mas no passado residiram naquele espaço ou foram descendentes de pessoas que ali residiam, nesta pesquisa esses grupos são considerados como parte da comunidade a ser estudada. A comunidade relacionada ao sítio arqueológico Remanso Velho compreende, assim, todas as pessoas que possuem algum tipo de vínculo direto ou indireto com a antiga cidade.

Considerando os dados obtidos com as observações *in loco* e as entrevistas, foi possível estabelecer as seguintes categorias de relações socioculturais existentes entre a população da atual cidade de Remanso e o sítio arqueológico Remanso Velho: Afetiva, Recreativa, Conhecimento/História, Descaso e Econômica.

A categoria relação Afetiva está vinculada aos conjuntos de sentimentos e emoções que se manifestam em reação a algo ou alguma coisa. No contexto desta pesquisa, essa categoria engloba os sentimentos e emoções demonstrados pelos depoentes sobre Remanso Velho. A depoente Ana Patrícia Silva Santos ao ser questionada sobre qual teria sido sua impressão inicial ao conhecer as ruínas demonstrou um sentimento de frustração: “na verdade, a primeira impressão meio chato,

imaginei que tinha uma cidade, mas tudo que tinha lá foi acabado com água, só sobrou o que era resistente, casas não tinha mais, só caixas d'águas, cais antigo e essas coisas”.

O depoente Manoel Antônio dos Santos declarou que sentia tristeza ao ir a Remanso Velho: “sinto a maior dó do mundo... foi ali que nasci e me criei, ali a gente plantava tudo, tinha fartura. Aqui não, tudo é comprado, lá era plantado”. Já a depoente Valdilene Magalhães Santos Alves demonstrou saudosismo ao ser questionada sobre o que Remanso Velho representava para ela: “para mim, representa que eu nasci lá e as recordações que meus pais passaram para mim. Minha mãe disse que era muito bonito lá a praça. A mamãe falava também dos carnavais, aquelas marchinhas. Aí a gente vai sonhando como é, as recordações”.

A categoria relação Recreativa engloba as ações relativas a atividades de lazer, diversão e de distração praticadas pelos entrevistados na área das ruínas de Remanso Velho. O depoente Elizandro Ribeiro da Silva informou ao ser perguntado sobre o que fazia na área declarou: “frequento geralmente com meus filhos; para eles traz muita curiosidade, eles brincam, pegam pedras, aqueles tijolinhos das casas, até fazem casinhas e eu aproveito também essa oportunidade para brincar com eles”. Já a depoente Valdelice Moreira ao responder sobre o que a comunidade Remanso atual realiza em Remanso Velho indicou que seus membros “vão beber cachaça lá”. Valdelice também apontou a prática da caminhada por ela e por parte da comunidade nas ruínas. Ao ser questionada sobre o que o sítio representava para ela: “a igreja, a gente caminhava para a igreja que era perto e era bom”.

A categoria Conhecimento/História abrange as ações dos depoentes que relataram atividades atreladas a busca de informações relativas à história do sítio arqueológico. O entrevistado Alessandro Paes Landim ao ser questionado sobre como havia conhecido Remanso Velho demonstrou que sensação foi vinculada ao desejo de conhecimento do local transmitido pelo seu pai: “Em uma visita com meu pai mostrando as ruínas da cidade e alguns lugares que ele lembrava”. Mizael Magalhães Santos Alves ao ser questionado sobre o que deveria ser feito com o que restou de Remanso Velho demonstrou um posicionamento relativo ao sítio ligado com a história: “tem que ser preservado, ali é a história de Remanso. Se ali for deixar acabar tudo aí a gente vai ficar só na lembrança, não vai ter mais nada pra ser contado”.

Já o depoente Romário da Silva Souza fez uma observação sobre Remanso Velho e a história indicando que as ruínas “é bem esquecida a história, deveria se estudar mais nos nossos colégios e não só lembrada no aniversário da cidade, para não cair no esquecimento das futuras gerações”. Zoraide Dias Passos Brito aponta a relação de conhecimento ao declarar a ação de tentar vincular as ruínas às suas antigas estruturas na primeira vez que conheceu a área: “me veio aquela lembrança de como minha mãe me falava que era lá e tanto é que fui com ela, aí ela me mostrava: ‘olha, ali era o mercado’. Aí, na minha mente, eu visualizava *todinho* como era lá”.

As informações relatadas pelos depoentes referentes a categoria Conhecimento/História evidenciam o potencial que o sítio tem para a aplicação do conceito de Ecomuseu ou de Museu de Território, modelo de exercício museológico que permite as comunidades o papel de protagonista no desenvolvimento de ações museológicas, tendo como base o seu patrimônio local e o lugar, o espaço, a paisagem, o território.

De acordo com Rivière, o conceito de Ecomuseu compreende:

(...) um espelho onde a população se contempla, para nele se reconhecer, onde ela procura a explicação do território a que está ligada, juntamente com a das populações que a precederam, da descontinuidade ou continuidade das gerações. Um espelho que a população mostra aos seus hóspedes para que eles a compreendam melhor, no respeito pelo seu trabalho, pelo seu comportamento, pela sua intimidade (RIVIÉRE, 1989, p.142).

Diante da paisagem do sítio arqueológico, um contexto natural formado pelas águas do rio São Francisco e pelas estruturas da antiga cidade, o modelo de Ecomuseu poderia, se aplicado, possibilitar à sua comunidade um conjunto de ações educacionais e culturais que equilibrariam as temáticas da sustentabilidade e do patrimônio.

A categoria relação de Descaso agrupa os relatos dos depoentes que demonstraram perceber uma relação de abandono e ausência de cuidado com as estruturas do sítio arqueológico Remanso Velho. A depoente Maria de Fatima Costa de Oliveira, ao relatar sobre as atividades realizadas pela população da atual Remanso no sítio, apontou a relação de descaso: “frequenta muito, fazem até barraca... a última vez que andei lá me deu foi vontade de chorar de tanto lixo que tinha lá”. Já o entrevistado

Manoel Antônio dos Santos, ao ser questionado sobre suas visitas a Remanso Velho, indicou uma relação semelhante: “andei muito lá, só o chão, só a bagaceira”. O depoente José Nonato Dias Filho demonstra a mesma perspectiva ao relatar a sua impressão sobre o que acha do local: “só as ruínas, está feio lá, não tem um lugar para você se habitar, de lazer e nem nada, só barracas ali mesmo e mal”.

Já a categoria relação Econômica engloba o conjunto de relações ligadas ao desenvolvimento de atividades econômicas que abrangem direta ou indiretamente Remanso Velho. Ana Patrícia Silva Santos demonstra em sua fala esse tipo de relação ao informar sobre as atividades desenvolvidas pela comunidade na área: “eles plantam quando tem a vazante, como eles chamam, quando o rio enche e seca novamente, e também tem o comércio. Eles fazem barracas, barzinhos que servem de lazer para as pessoas no final de semana”. O depoente José Nonato Dias Filho, ao ser questionado sobre o que deveria ser feito com o que restou de Remanso Velho, informou que “poderia melhorar, como a população aumentou, conseguisse colocar uma estação de água lá já que a população aumentou, seria bom ali. (...) o rio quando enche cobre tudo, não fica nada... só se for na parte alta, na cidade baixa fica tudo coberto pela água. Na parte alta dar para fazer uma estação de água boa tarde, seria muito bom para a população”.

Entender as relações existentes entre as comunidades e as ruínas de Remanso Velho, assim como identificar quais os fatores que levaram a formação desse cenário, perpassa pela necessidade de estruturar as relações de poder que envolvem a construção da memória coletiva. Pierre Bourdieu pondera que as relações de poder são enraizadas por uma capacidade simbólica que equivale a “... esse poder invisível que só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem” (BOURDIEU, 2001, p. 8).

No que se refere à cumplicidade exposta por Bourdieu, esta não pode ser considerada de forma irrestrita, já que os grupos sociais, ao interagirem com os variados fatores sociais, podem entrar em contato com os agentes construtores desta situação e, assim, promoverem, ainda que de maneira limitada, o rompimento desse poder invisível (BOURDIEU, 2001). No contexto das ruínas de Remanso Velho, compreendemos que essas correspondem as possíveis referências de memória da comunidade atrelada ao município atual e também de seus antigos moradores e de seus descendentes.

A salvaguarda e a existência de um bem cultural pesquisado estão diretamente relacionadas ao papel simbólico que este representa para a sua comunidade. Esta representação é fruto de uma construção sistêmica onde diversos fatores interferem na formatação da visão de um determinado grupo de pessoas sobre um bem cultural inserido em uma realidade. Por conseguinte, influenciam essa visão a execução ou a ausência de políticas públicas na área da educação e da cultura voltadas para essa construção e, principalmente, a interferência de agentes econômicos no território observado.

Não estando incluso nas diretrizes das ações estatais ou funcionando como empecilho a alguma atividade econômica, as ações atreladas à gestão dos bens arqueológicos acabam ficando em segundo plano e ocasionam um vazio na fluidez do processo construtivo das memórias e das identidades. Esse quadro pode ser observado quando analisamos o que é posto como identidade da cultura brasileira, que em sua projeção destina pouco espaço as informações arqueológicas (BRUNO, 1999).

3.1.5 Valor simbólico do sítio arqueológico Remanso Velho

Sobre o valor simbólico que é dado pela comunidade da atual Remanso ao sítio arqueológico Remanso Velho foram estabelecidas as seguintes categorias por meio dos procedimentos de obtenção de dados: Econômico, Mudança de Vida, Componente da História, Ponto Turístico e de Idealização.

A categoria valor simbólico Econômico engloba as representações expostas pelos depoentes que demonstram que Remanso Velho proporciona algum tipo de atividade econômica ou financeira à sua comunidade. A entrevistada Maria do Socorro Magalhães indica a valorização econômica das ruínas:

“A sugestão é essa: restaurar o material para usar aqui, quantas pessoas moram em barracos e aqueles tijolos lá, mas muita gente não tem dinheiro para pagar o frete e nem tem como trazer, aí teria que pagar alguém, isso seria projeto mesmo da prefeitura, resgatar aquilo ali para fazer alguma coisa.”

A entrevistada Valdilene Magalhães Santos Alves ao ser questionada sobre o que ela achava que deveria ser feito com as ruínas ressaltou também o valor simbólico econômico: “o que sobrou, como teve bancos, que trouxeram para cá e a gente

contempla. Teve muito tijolo que as pessoas trouxeram das construções. Teve tijolo mesmo que um tempo a gente abriu uma padaria fez um forno, desses de pão caseiro”. O senhor Manoel Antônio dos Santos também perpassa pelo mesmo valor simbólico econômico das ruínas ao responder à pergunta se a antiga cidade representa algo para ele: “e muito! Já tentaram derrubar para pegar o ferro e quase foram presos”.

A categoria valor simbólico Mudança de Vida abrange as representações que indicaram que as ruínas simbolizam transformações na vida da comunidade, sejam as de aspectos positivos ou aquelas com aspectos negativos. O depoente Antônio Mendes dos Santos ressaltou em sua fala o aspecto negativo que as ruínas de Remanso Velho representam em sua vida:

“Lembro, em outros tempos as coisas eram mais difíceis, as dificuldades de Remanso Antigo, não tinha emprego, não gerava emprego, um tempo bom, mas sofrido da nossa cidade. A gente vinha, de onde eu morava de Remanso Velho eram 18 km, vinha num jeguinho, fazia as compras, se fosse para dormir lá tinha que comprar capim para o burrinho, agora está mais fácil.”

O valor simbólico Componente da História engloba as representações de Remanso Velho que o simbolizam como um elemento componente da história do município. Ao ser questionada sobre o que deveria ser feito com o que restou de Remanso Velho, a depoente Aline de Souza Vieira aponta em sua fala a simbologia histórica do referido sítio: “seria interessante fazer um... resgatar a história. Ficar viva nas pessoas, para outras pessoas conhecerem, seria legal”. O depoente Elizandro Ribeiro da Silva demonstra o mesmo valor simbólico histórico ao responder sobre as atividades que a população realiza no sítio: “usam como lembrança, tomar banho no rio, pescaria. Mas mais como lembrança, muita gente aqui tinha casa lá, família e recordações”. O entrevistado Josemar dos Santos Souza aponta o mesmo valor simbólico ao ser questionado sobre o que deveria ser feito com o que restou de Remanso Velho: “deveria conservar o que sobrou, aquelas caixas d’água ali. Conservar algumas coisas que sobrou que ali é lembrança dos nossos antepassados e é muito bom ir para ali”.

O valor simbólico Ponto Turístico engloba as representações ligados ao potencial turístico de Remanso Velho. Essa simbologia foi relatada por diversos entrevistados, como a Marcilene dos Santos Macedo, que ao responder sobre o que

deveria ser feito com as ruínas de Remanso Velho informou: “acho que deveria ser conservado (...) para turistas”. O depoente Mailton Nogueira dos Santos que nunca foi ao sítio arqueológico aponta o mesmo valor simbólico de ponto turístico: “já era para eu ter pesquisado mais sobre o Remanso Antigo. Só sei que aqui tem alguns pontos turísticos, bares”.

Outros diversos depoentes apresentaram a simbologia turística atrelada à Remanso Velho. O entrevistado Manoel Antônio dos Santos informou que “se fosse coisa que pudesse, ali era para ter uma luz, um sinal, um farol para localizar o Remanso Velho, ficaria bonito”. A entrevistada Maria de Fatima Costa de Oliveira indica que “deveria manter, para os turistas, para a história”. Romário da Silva Souza relatou que “ultimamente o rio vem vindo muito, mas poderia aproveitar quando o rio voltasse, criassem uma estrutura, para ficar mais aconchegante, até para os mais velhos, que nasceram lá reviverem um pouco do que viveram”. Finalizando, o depoente Vagner de Jesus Souza expõe que deveria “fazer um ponto turístico, para o povo aproveitar melhor”.

A valorização do aspecto turístico de Remanso Velho por sua comunidade evidencia a temática do turismo arqueológico que é entendido aqui como o “processo decorrente do deslocamento e da permanência de visitantes a locais denominados sítios arqueológicos, onde são encontrados os vestígios remanescentes de antigas sociedades, sejam elas pré-históricas e/ou históricas, passíveis de visitação terrestre ou aquática” (MANZATO e REJOWSKI, 2005, p. s/n).

O turismo arqueológico, quando bem planejado e fundamentado, é capaz de possibilitar aos sítios arqueológicos o enaltecimento de sua valoração por proporcionarem à sua comunidade o conhecimento de seus bens culturais. A comunidade pode também ser beneficiada com o desenvolvimento econômico proporcionado pela atividade turística, gerando um ciclo de sustentabilidade e preservação.

A categoria valor simbólico Idealização agrupa todas as representações dos entrevistados que demonstraram identificar nas ruínas de Remanso Velho à simbologia de um lugar melhor para se viver ou de uma época mais próspera. Os depoentes

demonstraram essa simbologia em diversos momentos de suas falas ao serem questionados sobre o que Remanso Velho representava para eles.

José Nonato Dias Filho informou que “não tem muitas lembranças das coisas lá..., nas imagens das casas, parecia ser tudo organizado por lá”. Josemar dos Santos Souza expôs: “sei nem explicar direito, mas acho que era tranquilo e pela idade um lugar bem planejado, as coisas, aquelas casas, aquelas ruínas lá, aquele cais... eu vi as fotos e achei bem bonito, bem planejado”. O depoente Manoel Antônio dos Santos declarou: “para mim aquele era o melhor lugar do mundo, era bom demais, melhor do que aqui”. Finalizando, o entrevistado Mizael Magalhães Santos declarou que Remanso Velho:

“(...) representa uma história. Não é a história de um povo sofrido, mas tipo a história de uma *perca*, representa uma *perca* para mim. Tipo, eu acredito se Remanso Velho continuasse na mesma localidade seria bem mais desenvolvido.”

Registrado ou não como patrimônio, a existência de um bem arqueológico está vinculada ao papel que ele ocupa na constituição da memória de sua comunidade. A memória corresponde ao vínculo existente entre os membros de uma sociedade no decorrer de toda sua história (LE GOFF, 2007). Posto isto, é essa ligação que propicia que um vestígio arqueológico seja identificado por sua comunidade como um componente notável de suas histórias, estimulador de sentimentos e desencadeador de reflexões relativas às suas vidas.

As recordações possibilitadas pela memória permitem às pessoas enquanto indivíduos a releitura das lembranças de seu passado e a manutenção dessas na contemporaneidade. Assim, a memória tem o poder de proporcionar reflexões sobre o tempo presente por meio de ligações com fatos do passado, como pode ser observado na reflexão trazida por Jacques Le Goff:

“A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou o que ele representa como passadas” (LE GOFF, 1990, p. 419).

A memória social não deve ser compreendida como algo fechado, limitado e estabelecido. Pelo contrário, devemos ter como fundamento o caráter dinâmico e variável da memória, influenciado por elementos como tempo, espaço, estrutura social, aspectos econômicos e interação entre grupos. Essa perspectiva possibilita a compreensão dos agentes construtores de memórias e dos prováveis conflitos que possam existir no uso de suas formatações. Cabe ressaltar também o caráter mutável da memória e reconhecer que ela surge e se transforma por meio dos atos de lembrar e de esquecer (DYKE & ALCOCK, 2003).

Maurice Halbwachs discorre sobre a existência de dois tipos de memória: a memória individual, fruto das interações e interpretações pessoais de cada pessoa sobre as ações do cotidiano, e a memória coletiva, como o conjunto de recordações compartilhadas de fatos vivenciados por integrantes de uma determinada comunidade (HALBWACHS, 1990).

A memória individual é composta por recordações pessoais que estão limitadas pelo contexto de sua formação: os padrões sociais vigentes na época de sua produção, pelo respaldo ao indivíduo dado pelos mais próximos no acolhimento das recordações expostas e pela receptividade das lembranças em seu grupo (BOSI, 1983).

Ecléa Bosi também aponta o elemento espaço como influenciador da constituição da memória individual: “há algo na disposição espacial que torna inteligível nossa posição no mundo, nossa relação com outros seres” (BOSI, 1983). É essa interação com o espaço e com as coisas que criam as conexões existentes nas memórias e que se mantém mesmo que um desses dois elementos não esteja mais presente ou não seja correspondente aos seus originais.

Assim, ainda de acordo com Bosi, grupos humanos utilizam-se dos aspectos materiais de suas realidades para moldarem uma memória. O espaço ocupado e os objetos produzidos por cada indivíduo em sua comunidade são assim registros de suas existências e estão vinculados a grande parte das memórias individuais (BOSI, 1983).

Desta maneira, a memória individual corresponde à ligação do indivíduo com o seu grupo. Em conjunto, constituem o laço que une e define as características culturais que se perpetuam a cada geração. Por conseguinte, há uma relação de diálogo entre a memória individual e a memória coletiva, já que as sensações individuais se alicerçam na memória coletiva para alcançar o pensamento da comunidade, originando uma “consciência do grupo” (HALBWACHS, 1990).

Isto posto, a memória coletiva corresponde àquilo que certa comunidade escolhe ou é induzida para conduzir à atualidade o passado comum, ocorrendo essa transposição por meio de elementos tangíveis e intangíveis que são escolhidos enquanto representantes de sua identidade. Conforme Henry Rousso:

“seu atributo mais imediato é garantir a continuidade do tempo e permitir resistir à alteridade, ao ‘tempo que muda’, as rupturas que são o destino de toda vida humana; em suma, ela constitui – eis uma banalidade – um elemento essencial da identidade, da percepção de si e dos outros” (ROUSSO, 1998, p. 94-95).

Do mesmo modo que a memória individual, a memória coletiva é algo dinâmico, vivo e em permanente transformação. Ambas estão sujeitas a trocas de recordações, ao esquecimento e, principalmente, a manipulações, a ocultação de seus componentes e imprevisíveis mutações.

De acordo com Andrew Jones, a memória é um processo que ocorre na junção entre o indivíduo e o mundo material (JONES, 2007). Dessa forma, o debate e estudo relativo à memória leva em consideração o papel que os bens culturais materiais e os imateriais desenvolvem na sua formação e como ela vai interagir na configuração da identidade social e cultural.

Diversos pontos de referências estruturam a memória coletiva de uma comunidade. No âmbito da museologia, a materialidade dos monumentos, dos bens arqueológicos e dos bens arquitetônicos são considerados enquanto “lugares de memórias” (NORA, 1997) e possibilitam reflexões sobre os seus criadores e preservadores. O aspecto imaterial desses itens não é deixado de lado e possuem o mesmo peso e representatividade no momento do desenvolvimento das pesquisas.

Pierre Nora expõe que o lugar de memória corresponde a “toda unidade significativa, de ordem material ou ideal, que a vontade dos homens ou o trabalho do tempo converteu em elemento simbólico do patrimônio memorial de uma comunidade qualquer” (NORA, 1997, p. 226). Portanto, os lugares de memória equivalem a um espaço específico escolhido por determinados grupos sociais, por possuírem particularidades que os levam a se identificar simbolicamente e os utilizam como fator representativo perpetuador de suas memórias. Essas particularidades especiais correspondem aos objetos produzidos pelas comunidades e pelas transformações em seus espaços.

Segundo Michael Pollak, os lugares de memórias são agentes mediadores das relações sociais. Os espaços transformados pelas comunidades e os seus objetos funcionam como marcos simbólicos de seus registros históricos e compõem as suas memórias. Entretanto, todos os objetos podem possuir valor simbólico, mas nem todos são escolhidos e utilizados como referentes sociais. Agentes socioculturais, políticos e econômicos delineiam essa escolha e permeiam a definição do que é posto como padrão a ser recordado e ser usado como elemento representativo (POLLAK, 1992).

Além dos aspectos expostos, a construção da memória vai além dos aspectos ligados à estrutura social e perpassa pela experiência individual de cada membro de uma comunidade. Ao expressarmos a compreensão de memória, somos influenciados pelas nossas emoções e, assim, acabamos por não representar de forma pura ou simples fatos, espaços ou coisas que fazem partes de momentos da memória. Além disso, o aspecto cronológico relatado nem sempre condiz com tempo real de acontecimento dos fatos e é influenciado por certa desconexão.

O que foi esquecido pela memória, nem sempre será, necessariamente, algo destruído ou apagado, visto que na maioria das vezes é possível obter a percepção do que foi deixado de lado. Dessa forma, a memória esquecida pode ser interpretada e usada como um elemento paradoxal à estabilidade das representações sociais (CANDAUI, 2016). Assim, a simbologia e representatividade dos momentos históricos são transmitidas a cada geração buscando a perpetuação de formas de pensamento e o embasamento da manutenção de determinados tipos de estruturas sociais.

Ao tratarmos das ruínas de Remanso Velho, podemos correlacionar esse bem cultural a um tipo de memória denominada “memória das cidades”. Maurício de Almeida Abreu aponta que a memória das cidades compreende o conjunto de recordações que estruturas urbanas, provenientes do passado, proporcionam a específicos grupos e como esses reapropriam esses espaços sob a influência dessas lembranças (ABREU, 1998).

Uma cidade compreende a materialização das intenções culturais geradas pelos desejos humanos da comunhão, sistematização, entrosamento e de transformação. Esses atributos estão perceptíveis nas relações existentes entre as estruturas arquitetônicas e a memória coletiva. Dessa forma, a análise do espaço urbano enquanto elemento compositor da memória perpassa pela compreensão de que a cidade compreende um organismo único formado por diferentes referências interagindo no decurso do tempo.

Dessa forma, as ruínas de Remanso Velho, apesar de não possuírem a função de sede do município, possuem, no contexto atual, diversas funções sociais pela sua atual comunidade. Portanto, enquanto elemento compositor da memória local deve ser tratado como um artefato cultural que ainda permanece vivo, em constante transformação, se moldando para abarcar os novos desejos sociais de seus usuários.

Um espaço estruturalmente organizado e socialmente compartilhado é símbolo da manutenção das tradições e principalmente do prosseguimento das trocas afetivas que permeiam os ciclos sociais. Halbwachs indica que “o tempo da memória só se concretiza quando encontra a resistência de um espaço” (HALBWACHS, 1990, p. 45). Esse espaço citado compreende o conjunto das estruturas arquitetônicas que compõem a cidade. Em virtude do possível potencial que essas estruturas urbanas possuem em funcionar como elemento conectivo entre os integrantes de uma comunidade, as mesmas correspondem a materialização da memória por meio dos bens culturais.

Essa materialidade colabora com a estabilidade da memória coletiva por ocasionar, através dos indícios físicos da existência humana, um documento que simboliza a concretude das relações sociais e dos desejos de seus integrantes. Le Goff expõe a ampliação da conceituação de documento no último século que saiu das limitações dos artefatos escritos e passou a englobar todos os tipos de registros ou testemunhos da ação do homem. De acordo com esse autor, os documentos continuam sendo um objeto da história, mas são também aglomerados pela memória coletiva e, como tal, representam o resultado da soma de ideias e vontades da sociedade que o produziu e dos momentos históricos que possibilitaram a sua produção (LE GOFF, 1998).

Todavia, todo documento físico está sujeito a recriações, ressignificados e principalmente a manipulações. Essas características influenciam a análise dos bens culturais enquanto formadores da memória, exigindo uma observação da caracterização dos aspectos que levaram a raiz da sua origem e a sua manutenção (LE GOFF, 1998). A memória corresponde a um procedimento ideológico fruto da concepção social, estando sujeita a interferências dos interesses dos que a formatam como política institucionalizada, sendo a patrimonialização dos bens culturais a forma oficial de se legitimar traços culturais em detrimento de outros.

Sendo a memória a capacidade humana de guardar acontecimentos e práticas do passado e propagá-los às atuais e futuras gerações, por meio de diferentes bases

tangíveis e intangíveis, há entre a memória coletiva e memória individual, as memórias subterrâneas, que equivalem as variantes perspectivas relativas ao passado de sociedades dominadas (SIMSON, 2003).

Os fatos importantes, atrelados a grupos historicamente excluídos, são esquecidos com a finalidade de obtenção de uma coesão social que propicie o estabelecimento e a legitimação de determinadas instituições, em favor de um status de um artificial equilíbrio. Entretanto, as interpretações dos eventos do passado não são definitivas ou imutáveis. Há contradições desse cenário e episódios que possibilitam aos silenciados o confronto com os padrões e falas tendenciosamente impostas, possibilitando o desmonte das narrações situacionistas, confrontando arbitrariedades e todas as formas de dominação.

Pollak aponta que as memórias subterrâneas, quando levantadas, expõem os sistemas de hegemonia e sujeição das diferentes versões dos grupos sociais e levam ao rompimento entre a memória oficial ou dominante, onde o silêncio permanece em oposição ao contraditório e a diversidade. Essa fragmentação não se limita as relações entre o Estado e a sociedade civil e perpassa as dinâmicas de funcionamento das estruturas sociais, englobando os diversos grupos que a compõem. Dessa forma, as memórias subterrâneas equivalem aos elementos culturais que possibilitam a interpretação e identificação das contradições do posto como certo e equilibrado e que legitimam a memória oficial ou são utilizados como justificadores de situações que possibilitam a submissão de grupos sociais aos detentores de poder (POLLAK, 1989).

Quando analisamos o sítio arqueológico Remanso Velho enquanto elemento constituidor da memória de sua comunidade, podemos observar um silenciamento sobre o seu potencial enquanto bem cultural e principalmente nas possibilidades que este bem poderia proporcionar a sua comunidade, se assim fosse reconhecido pelo discurso oficial. Dessa forma, o limite entre o que está explicitamente definido e o que está oculto divide a memória coletiva da sociedade em duas vertentes: a primeira, equivalente aos grupos dominados, receptores das normas e modelos culturais postos como superiores e admiráveis; e a segunda, que impõe esses padrões visando à construção da imagem de uma sociedade por pequenos grupos majoritários ou por um regime de Estado.

Ainda que majoritariamente possa estar relacionada a formas de dominação, o fracionamento entre a memória considerada oficial e as memórias subterrâneas, bem

como a simbologia do silenciamento relativo ao passado, não se limita necessariamente a dualidade entre Estado dominante e sociedade. Há de diversas formas essa relação entre minorias e grupos sociais dominantes. Cada grupo que compõem uma sociedade possui suas memórias. Quando essas vão ao encontro ao posto como memória predominante, se interagem e passam por meios institucionalizados de reconhecimento. Quando ocorre o contrário, o afloramento das memórias não vistas ou então subterrâneas, essas não são reconhecidas e se possuem potencial de indução ao questionamento social, são relegadas ao esquecimento.

A perpetuidade e existência de um bem cultural está vinculada ao status que essa ocupa na memória coletiva de sua comunidade. Compreendemos que a memória corresponda ao agente de ligação entre os grupos humanos em suas diversas fases temporais. Como principal função, esse vínculo proporciona que determinado bem cultural seja identificado por sua comunidade como um componente construtor de suas histórias, promotor de afetividade e de reflexões sobre suas vidas.

3.1.6 Papel desempenhado pelo sítio arqueológico Remanso Velho na memória de sua comunidade

Sobre a identificação do papel desempenhado por Remanso Velho na memória da sua comunidade foi possível o estabelecimento de duas categorias principais: Ruínas de Remanso Velho enquanto símbolo de parte da história do município e Ruínas de Remanso Velho como algo que já cumpriu sua função.

As ruínas de Remanso Velho enquanto símbolo de parte da história do município foi evidenciada em diversas falas dos depoentes. Alessandro Paes Landim ao ser questionado sobre que deveria ser feito com as ruínas de Remanso Velho declarou que: “Se pudesse mapear e colocar umas placas de identificação para as pessoas quando forem visitar, mesmo aquelas que são da cidade velha, ter informações de do que havia naquele local”. O mesmo depoente sugere que: “os órgãos municipais, estaduais e federais responsáveis possam realizar algo para que possa mapear e preservar para que futuras gerações conheçam parte de sua história”.

Ainda sobre o que deveria ser feito com o sítio arqueológico, Elizandro Ribeiro da Silva relatou que “seria bom preservar, para conhecermos e as futuras gerações

também”. Mailton Nogueira dos Santos respondeu que “se tivesse de ficar alguma coisa seria bom, para ficar registrado, por que nossos avós eram de lá e isso ficaria como história para contar para os nossos filhos”. Marciocley Santana Mota declarou que “seria bom que fosse feito (...) quando fui a primeira vez tinha paredes levantadas, tipo uma cidade, quando o rio secou as pessoas começaram a tirar os tijolos, aquilo era para ficar uma herança, ser estudado como uma cidade submersa”.

O papel desempenhado pelas ruínas de Remanso Velho enquanto símbolo de parte da história do município foi também evidenciado quando os entrevistados foram questionados sobre o que o sítio representaria para eles. Marciocley Santana Mota relatou: “eu acredito que é a base da nossa população, de onde começou tudo”. Vagner de Jesus indicou que as ruínas representavam “a história da cidade e meus avós que moraram lá, eles contam muitas histórias”.

Finalizando, o depoente Marciocley Santana Mota ao ser questionado se queria realizar alguma crítica, opinião ou sugestão sobre o tema indicou que Remanso velho “deixou muita história... Muita cultura ficou lá, que nem reis de ouro, São Gonçalo, essas coisas que não tem mais”, ressaltando o papel histórico das ruínas na memória da sua comunidade.

O papel desempenhado por Remanso Velho na memória da sua comunidade como algo que já cumpriu sua função e não possui outra opção que seja o fim de seus vestígios, de forma natural ou planejada, foi evidenciado em diversas falas dos depoentes. Ao serem questionados sobre que achavam que deveria ser feito com o que sobrou do sítio arqueológico, Valdelice Moreira declarou que “ali pegaram muita telha, madeira. Pegar para fazer construção”. Já Antônio Mendes dos Santos respondeu: “deixar da forma que está”. Lucas de Sá Santos declarou sobre o que fazer com Remanso Velho: “nada, não tem o que fazer, é só deixar”.

A depoente Nair Patrocínio dos Passos, ao ser questionada sobre qual havia sido sua impressão ao visitar Remanso Velho demonstrou a visão que as ruínas já cumpriram seu papel enquanto sua principal função, que era ser uma cidade, respondendo: “já fui, fui ver lá. *Vixe*, acho feio (...) a água não tomou conta? A dona agora é as águas”. Finalizando sua resposta, Dona Nair, demonstrando sentir estranheza o fato de alguém

se interessar pelas ruínas questionou ao entrevistador em sua resposta com a pergunta: “tu *acha* bonito?”.

Entre os entrevistados, houve aqueles que demonstraram que Remanso Velho não possuía valor simbólico e nem ocuparia algum espaço na memória do município. A depoente Carina Dias de Souza ao ser questionada sobre a representatividade de Remanso Velho em sua vida respondeu: “para mim não significa nada”. Já ao ser questionada sobre o que deveria ser feito com o sítio arqueológico, a mesma declarou: “nada, lá não presta mais nada”.

Houve também aqueles depoentes que demonstraram indiferença sobre o sítio arqueológico. Marcilene dos Santos Macedo demonstrou essa indiferença ao responder o que Remanso Velho representava para ela: “não muito, acho que pela questão do conhecimento da cidade velha. A gente fez uma pesquisa na época da escola, mas foi uma pesquisa superficial e depois da faculdade a gente fez só que foi pouca coisa. A pessoa que passou informações pra gente não passou bastante informação”. O entrevistado Josemar dos Santos Souza Remanso Velho demonstrou a mesma linha de raciocínio em sua resposta: “para mim é indiferente”.

Ao falarmos do lugar que Remanso Velho ocupa na memória de sua comunidade, conseqüentemente partimos para a reflexão sobre o papel que este bem cultural desempenha na identidade de seu povo. Ao falarmos de identidade cultural, devemos ter como linha de pensamento o caráter dinâmico de seu significado e principalmente o entendimento de que identidade compreende um processo em constante construção e não uma estrutura fechada e delimitada. Conforme nos ensina Stuart Hall:"

“A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar” (HALL, 1999, p. 39).

O caráter relativo da identidade se deve ao fato de que os indivíduos que compõem uma comunidade possuem, cada um no seu contexto, suas vivências e elementos específicos de referências, o que permite a constante reformulação e

atualização da identidade coletiva. Assim, compreendemos que a sociedade passa permanentemente por processos de transformação e por dinamismos que impossibilitam o enrijecimento das representações identitárias.

Esse dinamismo possui elementos que possibilitam a desarticulação das identidades pré-estabelecidas e abre caminho para que haja o reconhecimento de diversas identidades que compõem a realidade. Como consequência, é elevada em primeiro plano a diversidade.

Posto isto, compreender identidade como algo dinâmico, em constante movimento e transformação, possibilita o entendimento de fenômenos sociais que permeiam a cultura. Essa, assim como a identidade, é fluida e fruto de composições sociais. Assim sendo, partimos da compreensão de que “as identidades culturais são pontos de identificação, os pontos instáveis de identificação ou sutura, feitos no interior dos discursos da cultura e da história” (HALL, 1996, p. 70). Logo, a identidade cultural equivale às especificidades que um indivíduo ou uma comunidade reconhece como parte de si, pelo fato de se sentir pertencente a uma cultura específica.

A identidade cultural também se relaciona com o sentimento de pertencimento de uma comunidade ou de um indivíduo para com esta. Assim, os traços de uma identidade coletiva obtida pela experiência social de cada indivíduo entra em comunicação cíclica com a sua respectiva identidade e age como um fator modulador da identidade coletiva.

Essa concepção destaca o papel que cada indivíduo possui no processo identitário coletivo. Há em cada pessoa a necessidade de ter algo escolhido como ponto de ligação com a sua comunidade e com sua própria história. Os bens culturais exercem esse papel e possibilitam que a memória de um grupo social seja reconhecida e também transformada, construindo assim o processo de identidade e o elo no qual as comunidades se firmam e se reconhecem.

Após as considerações realizadas referentes às relações existentes entre o sítio arqueológico Remanso Velho e sua comunidade, bem como a identificação dos valores simbólicos e os lugares que esse bem cultural ocupa na memória local, enfatizamos a importância de conhecimento das ligações existentes entre bens culturais e suas respectivas comunidades para que haja uma correta compreensão dos fenômenos existentes entre o patrimônio cultural e os seus autores e as consequências dessas ligações sobre a existência de tais bens.

Considerações finais

O estudo realizado para esta pesquisa de mestrado nos possibilitou compreender as relações socioculturais existentes entre a comunidade da atual cidade de Remanso e o sítio arqueológico Remanso Velho, ruínas da primeira sede do município, destruída na década de 1970 devido a construção da Barragem de Sobradinho.

Tal entendimento foi iniciado, primeiramente, com a compreensão sócio-histórica do sítio arqueológico Remanso Velho apresentada no Capítulo 1. Compreendemos os processos históricos que levaram a escolha de um território até então habitado por indígenas, passar a ser fazenda, arraial, vila, cidade e, por fim, ser transformada em escombros em resposta a uma nova demanda política, econômica e social. Coube também a caracterização de parte destes escombros enquanto sítio arqueológico. Testemunhos materiais de um outro momento histórico, as ruínas das antigas estruturas arquitetônicas simbolizam uma ligação entre a história inicial do município, um território de fragmentos do passado e um conjunto de possibilidades diante de seu potencial cultural.

Em seguida, buscamos a compreensão do fazer museológico e das conexões existentes entre o campo de conhecimento arqueológico e museológico. Expomos nosso ponto de vista indicando que o fazer museológico independe de estruturas físicas ou espaços institucionalizados, dando destaque que a prática deve consistir no entendimento das relações existentes entre o bem cultural e sua respectiva comunidade, e as implicações dessas relações para a existência e a sua salvaguarda. Neste caminho, apresentamos os procedimentos de obtenção dos dados para a concretização dos objetivos propostos.

Com a análise e interpretação dos dados obtidos com as observações *in loco* e as entrevistas realizadas com a comunidade, foi possível estabelecer categorias de relações socioculturais existentes entre a população da atual cidade de Remanso e o sítio arqueológico Remanso Velho. Foi evidenciado que a maior parte dos entrevistados possuem uma relação de conhecimento e de atividade de lazer com o sítio arqueológico. O bem cultural seria um local que possibilita o conhecimento do passado e também uma paisagem propícia para atividades recreativas. Entretanto, assim como a sociedade é

plural e diversificada, foram constatados outros tipos de relações, cada uma representando a singularidade de cada depoente.

Sobre o valor simbólico que é dado pela comunidade da atual Remanso ao sítio arqueológico Remanso Velho, foi constatado que para maioria dos entrevistados as ruínas representam um ponto turístico do município e um local que, por diversas formas, pode propiciar algum tipo de benefício econômico. O retorno financeiro apontado pelos depoentes pode se dar via atividades turísticas, pelo uso do solo para a prática da agricultura e da pecuária e até pela reutilização dos materiais construtivos das ruínas pela atual população do município. Cabe ressaltar que parte significativa dos entrevistados indicaram o valor simbólico histórico que as ruínas representam como parte da história de suas famílias e também do município.

No que se refere a identificação do papel desempenhado por Remanso Velho na memória da sua comunidade, foi possível o estabelecimento de duas categorias principais: ruínas de Remanso Velho enquanto símbolo de parte da história do município e ruínas de Remanso Velho como algo que já cumpriu sua função. As duas categorias foram expostas pelos depoentes de forma equilibrada, havendo aqueles que mesmo reconhecendo o valor simbólico histórico das ruínas entendem que essas já cumpriram sua função existencial, não necessitando de nenhum tipo de ação que leve a preservação do sítio arqueológico ou o seu uso de alguma outra forma.

Diante dos resultados apresentados, voltemos para a problemática da pesquisa. Foi proposto como eixo delineador desta dissertação a problemática que consiste no cenário onde as ruínas de Remanso Velho não são reconhecidas como patrimônio arqueológico pelas instituições oficiais, tampouco se compreende a representatividade que esse bem arqueológico possui para a sua comunidade. Deduzimos, então, que tal condição colocaria essas estruturas fora das políticas públicas que possibilitariam o seu conhecimento e a sua salvaguarda, bem como dificultaria a implantação de processos de gestão social desse legado, colocando-o fora do eixo de pesquisas arqueológicas.

Contrapondo esse cenário, foi proposta como hipótese que o fato de estar fora das políticas públicas oficiais não necessariamente impossibilitaria a sua comunidade de desfrutar de seu bem cultural nas formas e maneiras por eles escolhidas. Conforme os resultados obtidos, confirmamos a hipótese apresentada e entendemos que a

comunidade vinculada ao sítio arqueológico Remanso Velho utiliza o seu bem cultural na maneira que compreende os seus anseios.

O fato de o sítio arqueológico Remanso Velho estar fora de políticas públicas oficiais ou da gestão de órgãos e entidades não impede sua comunidade de desfrutar de seu bem cultural nas formas e maneiras por ela escolhidas. Pelo contrário, os resultados da pesquisa permitiram inferir que existem diversas formas de apropriação e conhecimento por sua comunidade.

Não se nega aqui o fato de que o sítio arqueológico passar por um processo de destruição por parte da população e pelo poder público local, sem que existam iniciativas que busquem a sua preservação ou a realização de ações museológicas que possibilitem o seu conhecimento e uso social público. Compreendemos que, apesar de alguns aspectos negativos que interferem na preservação de Remanso Velho, sua comunidade se apropria de parte de seu potencial cultural.

Entretanto, ao considerarmos a relevância da valorização histórica do sítio arqueológico Remanso Velho para a realização de reflexões sobre a memória da população, observamos que cabe a implementação de ações que visem a sua preservação e gestão cultural. O potencial para a propositura de reflexões sobre a interação da comunidade e o sítio arqueológico, assim como das demais antigas cidades inundadas para dar lugar ao Lago de Sobradinho, hoje consideradas sítios arqueológicos, ainda estão fora de debates científicos. Para conhecermos melhor aquelas sociedades que tiveram suas realidades modificadas com as consequências impostas pela construção da Barragem de Sobradinho, faz-se necessário a continuação de estudos sobre essas sociedades e a consequente preservação de seus bens arqueológicos.

Por fim, a perspectiva desta pesquisa é que possamos dar continuidade ao afloramento das potencialidades culturais da região com territórios alagados pelo Lago de Sobradinho. Nesse caminho, alguns paradigmas atrelados a padronização do patrimônio cultural precisam ser questionados por meio da diversificação de temáticas mais representativas dos diversos grupos sociais. Deste modo, encerramos esta pesquisa acreditando que a fala da comunidade do sítio arqueológico Remanso Velho obtida com a escuta realizada nesta dissertação possui uma função política fundamental, na medida em que pode proporcionar, baseada nas perspectivas da comunidade sobre o sítio

arqueológico, a possibilidade de repensar os percursos projetados para a gestão do patrimônio arqueológico local.

Referências

ABREU, Capistrano de. Capítulos de História Colonial. MINISTÉRIO DA CULTURA - Fundação Biblioteca Nacional. Departamento Nacional do Livro. Brasília, 2002.

ABREU, Maurício de Almeida. Sobre a memória das cidades. Revista Território, ano III n° 4, jan. / jun 1998.

ALVES, Rakel de Castro. Padrão de reconhecimento e temática dominante nas pinturas rupestres do boqueirão do Riacho de São Pedro e do Boqueirão da Residência, no município de Sento Sé - BA. Universidade Federal do Vale do São Francisco. 2012.

ANDRADE, Simone P.; SANTOS, Joaquim M. dos. Sobradinho: espelho d'água e imagens de cidade. Ecologia de Homens e Mulheres do semi-árido. Paulo Afonso: Fonte Viva. 2005. p. 147-156

BOSI, Eclea. Memória e sociedade. São Paulo: T.A. Queiroz, 1983.

BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001. 322 p.

BRUNO, Maria Cristina de Oliveira. Museologia e turismo. São Paulo: CEETEPS, 1998.

BRUNO, Maria Cristina Oliveira. Musealização da Arqueologia: um estudo de modelos para o Projeto Paranapanema. São Paulo: FFLCH – USP, 1995.

BRUNO, Maria Cristina Oliveira. Musealização da arqueologia: caminhos percorridos. Revista de Arqueologia. Volume 26/27, ns° 2/1 2013/2014.

CALDERÓN, Valentim; JÁCOME, Yara Dulce Bandeira de Ataíde; SOARES, Ivan Dorea Cancio. Relatório das atividades de campo do Projeto Sobradinho de Salvamento Arqueológico, 1977

CANDAU, Joel. Memória e Identidade. São Paulo: Contexto (3° ed.), 2016.
CASTELLS, M. O poder da identidade. 5ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

COMPANHIA HIDRELÉTRICA DO SÃO FRANCISCO (CHESF). Projeto Sobradinho Estudo de localização da Nova Sede do Município de Remanso HE 179-R3-0873. São Paulo. 1973. p.il.171.

CONSELHO INTERNACIONAL DE MONUMENTOS E SÍTIOS (Icomos) / COMITÊ INTERNACIONAL PARA A GESTÃO DO PATRIMÔNIO ARQUEOLÓGICO (Icahm). Carta sobre a proteção e a gestão do patrimônio arqueológico. Lausanne: Icomos/Icahm, 1990.

COHEN, Anthony Paul. The symbolic construction of community. London: Tavistock, 1985

DYKE, Ruth Van. M. V; ALCOCK, Susan .E. Archaeologies of Memory: An Introduction. Cowley Road, Oxford. 2003

DUARTE, Cinthia Martins Davis. Padrão de reconhecimento e temática dominante nas pinturas rupestres do Boqueirão do Riacho do Bonsucesso, no município de Sento Sé - BA. Universidade Federal do Vale do São Francisco.2012.

EAGLETON, Terry. Ideologia — Uma introdução. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista e Editora Bontempo, 1997.

SOUZA, Fagno Dias de. Arquivo pessoal. 2008.

FIGUEIRÊDO, Maria Beatriz. B. Viajando com o PAS pela história de Remanso. Juazeiro:. UNEB/DCH III.2004. p. il. 115

GONÇALVES, Graciela Rodrigues. AS SECAS DA BAHIA DO SÈCULO XIX (Sociedade e Política). 2000. 165 p. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal da Bahia.

GUIMARÃES, Inez. Arquivo pessoal. 2008.

HALFELD, Guilherme F. Relatório Concernente à exploração do rio São Francisco, desde a Cachoeira de Pirapora até o Oceano Atlântico durante os anos de 1852, 1853 e 1854. Rio de Janeiro, Typografia de Georges Bertrand, 1860.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. São Paulo: Vértice/ Revista dos Tribunais, 1990.

JONES, Andrew. Memory and Material Culture. Cambridge University Press, 2007.

Kesting, Celito. Registros Rupestres na Área Arqueológica de Sobradinho. Universidade Federal de Pernambuco. 2001.

Kesting, Celito. Identidade dos Grupos Pré- históricos de Sobradinho. Universidade Federal de Pernambuco. 2007.

Kesting, Celito. Patrimônio Arqueológico de Sento Sé - BA. Universidade Federal do Vale do São Francisco. 2014

KESTERING, Celito. Inventário parcial do patrimônio arqueológico do Vale do Rio Salitre. Universidade Federal do Vale do São Francisco. 2015.

LE GOFF, Jacques. Memória. In: História e Memória. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

LE GOFF, Jacques. Patrimônio histórico, cidadania e identidade cultural: o direito à memória. In: BITTENCOURT, Circe (Org.) O saber histórico na sala de aula. São Paulo: Conexto, 1997

LE GOFF, Jacques. Documento/monumento. In: História e memória. Campinas: Ed. da Unicamp, 1998.

LIMA, Tânia Andrade. Arqueologia Histórica: algumas considerações teóricas. CLIO Série Arqueológica, Recife n 5, 1989. p.87-100.

LIMA FILHO, Sebastião Lacerda de. Pintura Rupestre: Definição das Fronteiras da Subtração Sobradinho - BA. Universidade Federal de Sergipe. 2013.

LIMA FILHO, Sebastião Lacerda de. Temática dominante nas pinturas rupestres do boqueirão do riacho das traíras, no município de Sento Sé - Ba. Universidade Federal do Vale do São Francisco. 2010.

LUSO, Daniele Lima. Registros rupestres na área arqueológica de Sobradinho, BA: estudo cenográfico do Boqueirão do Brejo de Dentro. Universidade Federal de Pernambuco. 2005.

MACIEL, Ana Caroline Teixeira. Correlação entre a indústria lítica das dunas fósseis de Casa Nova- BA e o paleoambiente do submédio São Francisco. Universidade Federal do Vale do São Francisco. 2016.

MARTIN, Gabriela. 1996 Pré-História do Nordeste do Brasil. Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

MALVEZZI, Roberto. Cem anos da Paróquia de Remanso. Remanso. mimeo. 1994

MENSCH, Peter van. O objeto de estudo da Museologia. Trad. De Débora Bolsanello e Vânia Dolores Estevam de Oliveira. Rio de Janeiro: UNIRIO, 1994. 22 p. (Prétextos Museológicos 1).

MUNIZ, Luiza. Arquivo pessoal. 2009.

MUNIZ, Mariza. Remanso pedaço de um chão. Juazeiro: Gutenberg. 2000. p. il. 166

MUNIZ, Mariza. Arquivo pessoal. 2009.

NORA, Pierre. Les lieux de mémoire. 4.ed. Paris: Éditions Gallimard, 1997, v.1-3

ORSER JR, Charles. Introducción a la Arqueología Histórica. Buenos Aires: Asociación Amigos del Instituto Nacional de Antropología, 2000.

PALÁCIOS, Marcos. O medo do vazio: comunicação, socialidade e novas tribos. In:

- RUBIM, A. A. (Org.). Idade média. Salvador: UFBA, 2001.
- PAES, Leylianny Mara Oliveira. Resistência cultural da nação Sento Sé no Serrote da Gameleirinha, Fazenda São Romão - BA. Universidade Federal do Vale do São Francisco. 2015.
- PENA, Belisário; NEIVA, Artur. Viagem Científica pelo Norte da Bahia, Sudoeste de Pernambuco, Sul do Piauí e de Norte ao Sul de Goiás. In: Memórias do Instituto Oswaldo Cruz. Rio de Janeiro: Instituto Oswaldo Cruz, 1916
- PEREIRA, Marcelle. Novos Desafios para a Museologia Social. Cadernos de Sociomuseologia nº 6 - 2015.
- PEREIRA Danilo Celso. Cidade, patrimônio e território: as políticas públicas federais de seleção no Brasil do século XXI Rev. CPC, São Paulo, n. 21, p. 36-70, jan./jul. 2016.
- PINHEIRO, Jarryer de Jesus. O Uso e Transformação do Espaço Urbano: Um Estudo Arqueológico da Cidade de Remanso Velho, BA. Universidade Federal do Vale do São Francisco. 2009
- POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.
- POLLAK, Michael. "Memória, esquecimento e silêncio". In: Estudos Históricos, n.3, Rio de Janeiro, 1998.
- PRATES, Wecsley Otero. Estatística para as Ciências Sociais Aplicadas I. I. ed. Salvador: Sistema de Bibliotecas - UFBA, 2017. v. I. 156p
- PRIMO, Judite (Org). Museologia e Patrimônio: Documentos Fundamentais. Cadernos de Sociomuseologia. Centro de Estudos de Sociomuseologia. ULHT 15. 1999
- QUEROL, Lorena Sancho. El Patrimonio Cultural Inmaterial y la Sociomuseología: estudio sobre inventarios. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. (2011).
- REIS, Reuber Henrique de Lima. Padrão de reconhecimento nas pinturas rupestres do Serrote do Caldeirão da Tiririca no município de Sento Sé - BA. Universidade Federal do Vale do São Francisco. 2012
- RIVIÈRE, Georges Henri – La Muséologie selon Georges Henri Rivière, Cours de Muséologie/Textes et Témoignages. Dunod, 1989. Paris.
- SANTOS, Márcio. A construção histórica do sertão nos séculos XVII e XVIII. II Seminário Internacional Guimarães Rosa, PUC-MG. 2001.
- RIBEIRO, Cinthia de Castro. A tradição nordestina na área arqueológica de sobradinho - BA. Universidade Federal do Vale do São Francisco. 2010.
- RIBEIRO, Morgana Cavalcante. Pinturas rupestres do Serrote do Morrinho, em Sento Sé - BA: tradição São Francisco e subtradição incógnita. Universidade Federal do Vale do São Francisco. 2014.

SILVA, Edcarlos Mendes da. Desterritorialização sob as águas de Sobradinho: ganhos e desenganos / Edcarlos Mendes da Silva. - Salvador, 2010.

SIMSON, Olga R. de Moraes Von. Memória, cultura e poder na sociedade do esquecimento. Revista Acadêmica, São Paulo, n. 6, p. 14-18, mai. 2003. ISSN 2316-3852.

ROUSSO, Henry. “A memória não é mais o que era”. In: AMADO, Janaína & FERREIRA, Marieta. (Coords.). Usos e abusos de história oral. Rio de Janeiro: FGV, 1998, p. 93-101.

SANT’ANNA, Márcia Genésia. Da cidade-monumento à cidade-documento: a trajetória da norma de preservação de áreas urbanas no Brasil (1937-1990). 1995. 283f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1995.

SILVA, Vanessa Cosma da. Registros rupestres do submédio São Francisco: da metonímia à metáfora. Universidade Federal do Vale do São Francisco. 2016.

SOARES, Welder Katlen Carvalho. Pinturas rupestres do Sítio Salina 1, Município de Remanso- BA. Universidade Federal do Vale do São Francisco. 2016

SANTOS, Severino Ferreira dos. Remanso passado e presente. Salvador: Secretária da cultura e turismo. 2005. 171 p. il.

SANTOS, Maria Célia Teixeira Moura. Processo museológico e educação: construindo um museu didático-comunitário In Cadernos de Sociomuseologia N.º7. Lisboa: ULHT. (1996).

SOARES, Maria Zelia. Estudo preliminar sobre o movimento migratório das famílias da área de caatinga alternando com as atividades agrícolas nas margens do lago de sobradinho e seu contexto ambiental. 2003. Monografia (especialização). Salvador. Faculdade de Artes, Ciências e Tecnologias, Salvador, 2003.

TELLES, Patricia. Arquivo pessoal. 2008.

VIANA, Adelaido. Arquivo pessoal. 2018

APÊNDICE A

ROTEIRO DE ENTREVISTA

Apresentação inicial:

- Apresentação da formação do pesquisador;
- Apresentação do projeto de pesquisa;
- Objetivos da entrevista.

Identificação do entrevistado:

- Apresentação do entrevistado;

Perguntas relativas ao sítio arqueológico Remanso Velho:

- Você lembra como conheceu Remanso Velho?
- Qual foi sua impressão inicial?
- Você se lembra de um momento que tenha marcado essa vivência?
- Conte como era ou ainda são os momentos que você possui contato com Remanso Velho?
- Quais atividades você realiza neste espaço?
- Quais atividades você realiza em conjunto com os demais membros da comunidade em Remanso Velho?
- Quais atividades os demais membros da comunidade da atual Remanso desenvolvem em Remanso Velho?
- O que representa Remanso Velho para você?
- Na sua história de vida, qual o a importância de Remanso Velho?
- O que deve ser feito com as ruínas de Remanso Velho? Por quê?

Opinião, pensamento, críticas e sugestões:

Espaço para o entrevistado dar sua opinião, falar sobre seus pensamentos, críticas e sugestões.

Epílogo

Terminamos nossa entrevista. Há algo que você gostaria de dizer além do que já conversamos?



APENDICE B

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos o (a) Sr. (a) _____ para participar da Pesquisa “Ruínas de Remanso Velho sob a perspectiva da museologia: relações entre sítio arqueológico e comunidade”, sob a responsabilidade do pesquisador Jarryer de Jesus Pinheiro, sob a orientação da Proa. Dr. Carlos Alberto Santos Costa.

A pesquisa tem por objetivo compreender as relações socioculturais existentes entre a população da atual cidade de Remanso e o sítio arqueológico Remanso Velho.

O (a) Sr (a) não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração, ou seja, a participação na pesquisa é voluntária.

Consideramos que, com sua colaboração, o Sr. (a) estará contribuindo para o conhecimento relativo ao sítio arqueológico Remanso Velho. Para protegê-lo do possível risco de identificarem como suas as declarações feitas à pesquisa, sua identidade (nome e outros dados passíveis de identificação) não será divulgada, sendo guardada em completo sigilo, tanto nos relatórios quanto nas publicações.

Vale ressaltar que o Sr. (a) tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo à sua pessoa.

Para qualquer outra informação, o (a) Sr (a) poderá entrar em contato com o pesquisador no endereço Estrada de São Lazáro, 197, Federação, Salvador- BA, pelo telefone (71) 3283-6445.

Consentimento Pós-Informação

Eu, _____ declaro que fui esclarecido quanto aos objetivos e procedimentos da pesquisa “Ruínas de Remanso Velho sob a perspectiva da museologia: relações entre sítio arqueológico e comunidade”, realizada por Jarryer de Jesus Pinheiro, sob a orientação da Prof. Dr. Carlos Alberto Santos Costa. Também obtive esclarecimentos acerca da relevância de minha participação na pesquisa e das estratégias que visam a garantir minha integridade, evitando riscos de minha participação. Declaro, enfim, que estou ciente de que não terei despesas ou remuneração com a participação na pesquisa. Diante do exposto, venho, por meio deste, oficializar meu consentimento livre e esclarecido para participar da pesquisa, estando seguro de que poderei retirar esse consentimento em qualquer fase da pesquisa, caso deseje.

Assinatura do participante

Data: ___/___/___

Fone: _____

E-mail: _____

Assinatura do Pesquisador Responsável